

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

MONTEIRO LOBATO	A "nossa doença"	3
AFRANIO PEIXOTO da Academia Brasileira	Parabolas	13
ALBERTO DE OLIVEIRA da Academia Brasileira	O professor da Mombaça (novella)	22
DO ARCHIVO DE JOSÉ DE ALENCAR		32
(Cartas de Lamartine, F. Octaviano, Q. Bocayuva, Gonçalves Dias, Castro Alves, J. Serra, L. Guimarães Júnior, Benalcánfor, Gomes de Castro)		
PORFIRIO SOARES NETTO	A concepção federal de Alberto Torres	38
GODOFREDO RANGEL	Vida Ociosa (romance)	49
F. BADARO'	Mattas ou florestas	59
COLLABORADORES	Resenha do mez	68

(Continúa na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 25 - ANNO III

VOL. VII

JANEIRO, 1918

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 52
S. PAULO - BRASIL

Livraria Brazil
S. Carlos

RESENHA DO MEZ — Barão Homem de Mello — Pela producção nacional — Bibliographia — Alfredo Pujol — Movimento artistico (N) — Notas de Sciencia: A guerra e as doenças mentaes; A hygiene do leite; A palavra e as doenças; O typho nos exercitos em guerra (M. P.) — Questões pedagogicas (*Carlos da Silveira*) — Liga humana (*Mario de Alencar*) — Autores e leitores (*Constancio Alves*) — Arthur de Oliveira (*Jorge Jobim*) — O nosso theatro (*Carlos de Lact*) — Hora decisiva (*A. Chateaubriand*) — Amadeu Amaral (*J. A. Nogueira*) — Almas emparedadas — Como operam os submarinos — Animaes maravilhosos — As caricaturas do mez.

ILLUSTRAÇÕES — Areal, A rajada, Canto do Rio, Junto ao mar, por *E. Parreiras*.

As assignaturas começam e terminam em qualquer tempo

A "REVISTA DO BRASIL" só publica trabalhos ineditos

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

Propriedade de uma
sociedade anonyma

L. P. BARRETTO

Directores: JULIO MESQUITA Redactor-chefe: Plinio Barreto
ALFREDO PUJOL Secretario-gerente: Pinheiro Junior

ASSIGNATURAS:

Anno	15\$000
Seis mezes	8\$000
Edição de luxo, anno	22\$000
Numero avulso	1\$500
Numero atrazado	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52
Caixa Postal, 1373 — Telephone, 4210

S. PAULO

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.

BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

Aos nossos Assignantes

O presente numero é enviado a todos os assignantes, mesmo aos que ainda não reformaram a sua assignatura. A estes pedimos encarecidamente que o façam no mais breve prazo possivel, afim de que lhes não seja suspensa a remessa do numero de Fevereiro. Como já noticiámos no numero anterior, a "Revista do Brasil", attendendo a insistentes pedidos de numerosos assignantes, resolveu tirar no corrente anno uma edição especial, em papel superior, cujo preço é de 22\$000 réis por anno. Tratando-se de uma tiragem especial e reduzida, essa EDIÇÃO DE LUXO da "Revista do Brasil" deve esgotar-se rapidamente. E' conveniente, pois, que as assignaturas sejam tomadas desde já, afim de que os assignantes possam receber tambem o numero de Janeiro em papel de luxo.

Assignaturas para o anno de 1918:

Edição simples	15\$000
Edição de luxo	22\$000

Remetter com urgencia:

Sr. Secretario-Gerente da "Revista do Brasil":

Envio-lhe a importancia de 15\$000 (ou 22\$000) para reformar a minha assignatura até o mez de Dezembro do corrente anno.

NOME.....

LOCALIDADE.....

TELEPHONE, 740

RESENHA DO MEZ — Barão Homem de Mello — Pela produção nacional — Bibliographia — Alfredo Pujol — Movimento artistico (N) — Notas de Sciencia: A guerra e as doenças mentaes; A hygiene do leite; A palavra e as doenças; O typho nos exercitos em guerra (M. P.) — Questões pedagogicas (*Carlos da Silveira*) — Liga humana (*Mario de Alencar*) — Autores e leitores (*Constancio Alves*) — Arthur de Oliveira (*Jorge Jobim*) — O nosso theatro (*Carlos de Lact*) — Hora decisiva (*A. Chateaubriand*) — Amadeu Amaral (*J. A. Nogueira*) — Almas emparedadas — Como operam os submarinos — Animaes maravilhosos — As caricaturas do mez.

Caixa Postal, 1570 — Telephone, 4222

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.

BYINGTON & C.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

LAMPADAS

1/2 WATT

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERROS DE ENGOMMAR

ISOLADORES

TELEPHONES

LAMPADAS ELECTRICAS

Estamos habilitados para a construcção de installações hydro-electricas completas, bondes electricos, linhas de transmissão, montagem de turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

WESTINGHOUSE ELECTRIC & MFTG Co.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & COMP.

Largo da Misericordia, 4

TELEPHONE, 745

SÃO PAULO

The London & River Plate Bank,

LIMITED

S. PAULO-Rua 15 de Novembro, 20

Capital Autorisado	£ 4.000.000
Capital Subscripto	£ 3.000.000
Capital Realisado	£ 1.000.000
Fundo de Reserva	£ 2.000.000

CAIXA MATRIZ-7, Princes Street, London E.C.2.

AGENCIA DE NEW YORK-51, Wall Street

FILIAL DE PARIS-16, Rue Halévy, 9-E

FILIAES NO BRASIL: Manáos, Pará, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Curityba e Victoria.

OUTRAS FILIAES: Buenos Aires, Rosario, Bahia Blanca, Tucumán, Mendoza, Paraná, Concordia, Cordoba, Montevideo, Paysandú, Salto Oriental, Valparaiso e Santiago,

CORRESPONDENTES: Em todas as principaes cidades da

Inglaterra, Escocia, Irlanda, França, Suissa, Portugal, Hespanha, Canadá, Americas do Norte e do Sul.

The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscripto . . . £ 2.000.000

„ realizado. . . . £ 1.000.000

Fundo de reserva . . . £ 1.000.000

Succursaes em: BAHIA,

RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,

ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Banco tem correspondentes em todãs as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul e Egypto.

Emitem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros, cujas condições podem ser determinadas na occasião.

Firmas e particulares que desejarem manter uma conta corrente em esterlinos, em Londres, podem abril-a por intermedio desta filial que, a pedido, fornecerá talão de cheques s quaesquer esclarecimentos.

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50\$000, e com as entradas subseqüentes nunca inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10:000\$000 abonando juro de 3 % ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã às 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Banco fechará á 1 hora da tarde.

QUANDO V. S. tiver de comprar algum dos seguintes artigos:

Alambiques
Ancinhos mecanicos
Arados
Arietes hydraulicos
Arrancadores de tocos
Batedeiras de arroz
" " feijão
" para manteiga
Bombas
Brunidores de arroz
Cabos de aço
Carrapaticidas
Carrinhos para aterro
Catadores para arroz e café
Ceifadeiras de arroz
Ciscadores
Correias "Balata"
Correntes de ferro
Cortadores de forragem
Cultivadores
Descascadores de arroz e café
Debulhadores de milho
Desfibradores de canna
Desinfetante "Cooper"
Desintegradores de milho
Desnatadeiras para manteiga

Destorreadores de discos
Engenhos de canna
Encerados para cafezal
Eixos de transmissão
Esbrugadores de arroz e café
Esterilizadores de cereaes
Folhas para serras
Forjas para ferreiros
Geradores de gaz acetyleno
Grades de dentes
Lustradores de arroz
Machinas para furar ferro
Machinas para fazer cangica
Mandris para serras
Moinhos para assucar e café
Moinhos para sal e fubá
Moinhos de vento "Upton"
Moendas de canna, á mão
Motores a kerozene e a vapor
Niveladores para estradas

Oleos lubrificantes
Pás de cavallo
Pás para terreiro
Pedras para moinhos
Picadores de pedras
Polias para transmissão
Prensas para enfardar
Polidores de arroz
Pulverisadores
Quebradores de torrões
Rolos de ferro
Seccadores de arroz
Segadeiras de capim
Semeadeiras
Separadores de arroz e café
Separadores de marinheiros de arroz
Serras completas
Tinta preta de impressão
Torradores de café
Trituradores de ossos
Turbinas centrifugas para assucar
Ventiladores de arroz e café
Etc., etc., etc.

... em que somos especialistas — importadores ou fabricantes, — não faça sua compra sem, a tal respeito, primeiramente trocar correspondencia conosco, sem consultar os nossos catalogos e preços. E se isto fizer, se escutar o nosso conselho, creia que só terá motivo para depois nos ficar muito obrigado, pelo ensejo, que em virtude disso lhe proporcionaremos, de comprar artigos de absoluta excellencia, e com o menor dispendio possivel de dinheiro, attentas as excepçoes condições actuaes do mercado.

Adquirimos todas as nossas mercadorias, com certas vantagens, devido a fazermos compras vultuosas, e tornamos os nossos freguezes participantes dessas mesmas vantagens, vendendo-lhes tudo com um lucro relativamente modico; sendo por esta forma que lhes manifestamos a nossa gratidão pela preferencia, sempre crescente, com que nos têm distinguido desde a fundação de nossa casa.

Instalações completas de machinas beneficiadoras de arroz, ENGELBERG americanas, e com pedras de esmeril (dos systemas italiano e allemão), de qualquer capacidade diaria, desde 10 até 1.000 saccos de arroz limpo.

Sem compromisso da parte do solicitante, enviamos catalogos, informações e orçamentos, a quem nol-os pedir.

Vendêmos sómente artigos de lei, e por preços módicos; offerecêmos, portanto, reaes vantagens.

E em nossa officina mecanica e carpintaria, fazemos toda e qualquer peça para substituição das que se tenham estragado ou gasto, de machinas agricolas ou industriaes, de fabricação nacional ou estrangeira.

IMPORTADORES

F. UPTON & Co.

AVENIDA RIO BRANCO, 18 — RIO DE JANEIRO
LARGO S. BENTO, 12 — S. PAULO

INDICE GERAL DO VOLUME VII

A "nossa doença" por Monteiro Lobato	8
Parabolas, por Afranio Peixoto, da Academia Brasileira	13,207
O Professor de Mombaca, por Alberto de Oliveira, da Academia Brasileira	22
Cartas do Archivo de José de Alencar	32,164
A concepção federal de Alberto Torres, por Porfirio Soares Netto	38
Vida ociosa, romance de Godofredo Rangel	49
Mattas e Florestas, por F. Badaró	59
Ainda existe o Direito Internacional? por Oliveira Lima, da Academia Brasileira	111
Pedro Alexandrino, por Monteiro Lobato	120
Flor do Campo, por Mario de Alencar, da Academia Brasileira	131,257,339
Um poeta do relevo e da côr, por Amadeu Amaral	146
Patria, por A. Sampaio Doria	228
O comprador de fazendas, por Monteiro Lobato	244
Machado de Assis e Nabuco, por Amadeu Amaral	275
Aves de arribação, por F. Badaró	286
A Guerra e a produção nacional, por V. da Silva Freire	317
O Estigma, por Monteiro Lobato	328
Em torno de Machado de Assis, por Amadeu Amaral	357
Tres poetas, por Claudio Ganns	369
Chronica scientifica, por R. P.	380
Resenha do mez, pelos collaboradores	68,170,290,385

INDICE ANALYTICO

A

- Alberto Torres:** a sua concepção politica federal, 38.
Alexandrino (Pedro): Estudo de Monteiro Lobato, 120.
Alma: onde está, nos casos de inconsciencia, 204.
Amaral (Amadeu): estudo por J. A. Nogueira, 10.
Amazonia: o seu problema sanitario, por Afranio Peixoto, 411.
Arvores: as do Rio de Janeiro, 311.
Automoveis: nos Estados Unidos, 427.
Aves: as de arribação no Brasil, trabalho de F. Badaró, 286.

B

- Bandeirantes:** observações historicas, 407.
Brasil: a sua situação economica e industrial, 3; sua defesa e educação, 180; o seu desenvolvimento e o da Argentina, contrastes e confrontos, 193; o seu civismo e patriotismo, 290; valorisação dos seus filhos, 301; o seu saneamento, 303; sua politica, 385; as suas relações com a França no Seculo XVI, 417.
Bibliographia: F. T. de Souza Reis, a *Divida do Brasil*; Alcantara Machado, *Problemas Municipaes*; Alfredo de Assis, *Coisas da Vida*; Manuel do Carmo, *Setembro*, 76; Mario Beirão, *Lusiadas*; Costa Macedo, *O Enforcado*; Soares de Mello Junior, *Colombo*; Visconde de Villa Moura, *As cinzas de Camillo*, 77; Luiz Ribeiro do Valle, *Psychologia morbida na obra de Machado de Assis*, 78; Monteiro Lobato, *Sacy-Pererê*; Olavo Bilac, *Bocage*; A. Austregesilo, *A cura dos nervosos*; A. Carneiro Leão, *Brasil e a Educação Popular*, 170; Belisario Penna, *Saneamento do Brasil*; Afranio Pei-

xoto, *Problema sanitario da Amazonia*; Manuel Duarte, *Carlos Peixoto*; José de Macedo, *O conflicto internacional sob o ponto de vista portuguez*; Teixeira de Pascoaes, *A Beira num relampago*, 171; Fidelino de Figueiredo, *Estudos de Literatura*; Augusto de Castro, *Fantoches e manequins*; João Saraiva, *Lyrical e satyras*; Leonardo Coimbra, *A alegria, a dôr e a guerra*, 172; Dantas Barreto, *Conspirações*; Teixeira de Pascoaes, *Terra prohibida*; Raul Brandão, *Humus*; Gomes dos Santos, *Espelho encantado*, 291; Rocha Pombo, *Historia do Brasil*; Othoniel Motta, *Al-gum riso, muito siso*; Victor da Silva Freire, *Codigo Sanitario e Posturas municipaes sobre habitações*, 386.

C

- Capistrano de Abreu:** na intimidade, 188.
Caricaturas: dezembro a janeiro, 109; janeiro a fevereiro, 205; fevereiro a março, 315; março a abril, 429.
Chiado: o poeta desta alcunha, 195.
Clemenceau: perfil, 422.
Contos e Fantasias: Parabolas, de Afranio Peixoto, 13, 207; O professor da Mombaca, de Alberto de Oliveira, 22; Flôr do Campo, de Mario de Alencar, 131, 257, 339; O comprador de fazendas, de Monteiro Lobato, 244; O estigma, de Monteiro Lobato, 328.
Chronica scientifica: O azul do céu, 380; Beri-beri, 381; A paina em cirurgia, 382; Construcções navaes no Japão, 383.
Critica literaria: Um poeta do relevo e da côr, por Amadeu Amaral, 146; Machado de Assis e Nabuco, por Amadeu Amaral, 275; Em torno de Ma-

chado de Assis, por Amadeu Amaral, 357; Tres poetas, por Claudio Ganns, 369.

D

Debussy: noticia biographica, 403.
Direito Internacional: ainda existe? Conferencia de Oliveira Lima, 111.
Divertimentos populares: os Congos, 191.

E

Elvira: o seu centenario, 426.
Ensino: e o nacionalismo, 89; de anormaes, 105, 198.
Escoteiros: discurso de Pedro Lessa, 405.
Estradas de ferro: desenvolvimento no mundo inteiro, 199.
Euclides da Cunha: homenagem, palavras de Vicente de Carvalho, 406.
Eugenia: origem dessa sciencia, 415.

G

Guerra: e as doencas mentaes, 87; e o typho, 98: seus effeitos moraes, 100; influencia no theatro francez, 425. Vide **Produção Nacional**.

H

Homem de Mello (Barão): biographia e retrato, 68.

I

Impostos: os internos, 196.
Industria: caracter scientifico na Inglaterra e na Allemanha, 179.

J

José de Alencar: cartas do seu archivo, 32, 164.
José Verissimo: observações criticas, 409.

L

Leite: a sua hygiene, 88.
Liga humana: a sua necessidade

para combater o militarismo prussiano, 92.

Lisboa (João Francisco): observações criticas, 307.

Lisboa: A cidade das revoluções, 423.

Livros: o destino de alguns, 95.

M

Machado de Assis: observações criticas, 309. Vide **Critica Literaria**.

Mar: as reliquias que encerra, 313.

Maravilhas: no reino animal, 107.

Mattas ou florestas: a derrubada no Brasil, trabalho de F. Badaró, 59.

Mimetismo: dos animaes, 201.

Morphéa: e o milho, 292

Movimento artistico: exposição Malfatti, 83; exposição Edgard Parreiras, 84; exposição Carlos Oswald, 172; exposição Tulio Magnaini, 179; Galeria Artistica de S. Paulo, 295; varias exposições, 389.

Mulher: lugar que occupa na biologia, 296.

N

Nacionalismo: a sua propaganda, 305.

O

Oliveira (Arthur): reminiscencias, 97, 189.

P

Palavra: seu valor como indicio de molestia, 88.

Paris: os seus mysterios, 427.

Patria: noção de, conferencia de Antonio Sampaio Doria, 228.

Pistolão: o que seja, 421.

Produção nacional: analyse de um discurso do sr. Cincinato Braga, 69; e a guerra, observações do sr. Victor da Silva Freire, 317.

Pujol (Alfredo): Homenagem por motivo de sua eleição á Academia Brasileira, 78.

R

Romance: Vida ociosa, de Godofredo Rangel, 49.

S

Sentimentalismo: reflexo na personalidade, 203.

Sorteio militar: effeitos nas camadas populares, 415.

Souza Bandeira: observações criticas, 410.

Submarinos: como operam, 103; na antiguidade, 313.

T

Theatro: o moderno, caracteristicos, 98. Vide **Guerra**.

Tolstoi: um dos seus precursores, 201.

Trappa: o que tem feito em Tremembé, Estado de S. Paulo, 419.

U

Universo: a sua immensidade, 427.

V

Vida literaria: os seus bastidores, 311; como os novos escrevem, 404.

INDICE DOS AUTORES

Afranio Peixoto, 13,207.

Alberto de Oliveira, 22

Amadeu Amaral, 146,275,357.

A. Sampaio Doria, 228.

Claudio Ganns, 369

F. Badaró, 59,286.

Godofredo Rangel, 49.

Jacomino Define, 159.

Mario de Alencar, 131, 257, 339.

Monteiro Lobato, 3, 120, 244,328.

Oliveira Lima, 111.

Porfirio Soares Netto, 38.

R. P., 380.

V. da Silva Frelre, 317.

REVISTA
DO
BRASIL

VOLUME VII

JANEIRO - MARÇO DE 1918

ANNO III

PROPRIEDADE DE UMA SOCIEDADE ANONYMA
S. PAULO - BRASIL

DIRECTORES:

L. P. BARRETTO,
JULIO MESQUITA,
ALFREDO PUJOL.

REDACTOR-CHEFE:

PLINIO BARRETO

SECRETARIO - GERENTE:

J. M. PINHEIRO JUNIOR



A "NOSSA DOENÇA"

Em 1916, creio, surgiu por aqui um estranho folheto que os homens de roupa preta, vulgo "a gente sensata", acoimaram de obra de louco, tão fóra dos moldes da estereotypia corrente eram as ideias nelle esboçadas. Tinha por titulo a Salvação do Brasil. Pela primeira vez apontava-se como causa dos nossos males economicos, e dos sociaes consequentes, uma degenerescencia biologica por desequilibrio alimentar á conta do fraco teôr de azoto dos productos da terra. A these do sr. J. Teixeira de Freitas era que o alimento da população produzido no paiz pelo nosso habitual systema de cultura só tem qualidades altamente vitaes quando extrahido de terras recém-florestadas. Exgottado que seja o sólo em tres ou quatro annos de plantio, e não reequilibrado pela adubação, continua a produzir, mas um producto só na apparencia igual ao das primeiras colheitas. Mal dosado de elementos sem os quaes não ha vida ascendente e sim regressiva, esses productos da terra exangue conduzem a raça a uma quebreira de energia explicativa de todas as suas mazellas. Esta ideia, verdadeiramente genial passou quasi despercebida; estavam todos preoccupadissimos em seguir os lances da rinha europeia e "torcer" em prol dos belligerantes sympathicos. Não sobrava attenção para importunos problemas caseiros. Ficou en-

tretanto a lucilar em meia duzia de cerebros aclarando innumeros pontos obscuros do caso brasilico, e hoje esplende intensissima: o sr. Cincinato Braga no Congresso Federal acaba de expol-a com maravilhoso vigor demonstrativo erigindo-a como peão central ás medidas salutorias que propõe para contraminar a derrocada economica.

A febre amarella desapareceu do mundo no dia em que lhe descobriram o transmissor. A "nossa doença" está em inicio de cura já que lhe apprehendemos a causa secreta. Ignorantes da acção do *Stegomia* ou da causa secreta, bracejariamos toda a vida ás cégas sem dar nunca passo á frente. Hão de surgir contraditores, Nunos birrentos de grande autoridade e humorismo cruel, negativistas e scepticos. Não importa. Este adubo fal-a-á resplender com mais intenso fulgor.

A agricultura pela moda aborigene, simples caça á fertilidade nativa da terra virgem, subsiste no Brasil como um tabu'. O lavrador é um caçador de azoto que de machado ao hombro e isqueiro na mão caminha devorando mat-tas. Acompanha-o uma prosperidade fogo de palha.

Brotam da terra cidades. Rompem villas. Abrem-se fazendas. Rasgam-se estradas. Constroem-se vias ferreas. Direis: o paiz enriqueceu; entraram para a economia nacional tantos predios, tantas pontes, tantos nucleos urbanos, tantos kilometros de estradas; isso representa criação de riqueza; é capital accumulado pelo trabalho; é progresso economico. Ilusão! De facto assim é em todos os paizes do mundo. Aqui não. Essa riqueza depois de creada extingue-se. As cidades morrem; os predios se desvalorizam; o casario immenso das fazendas e todas as bemfeitorias accessorias entram por zero nas avaliações; as estradas esburacam-se ao léo; as vias ferreas viram desengonçado mam-bembe a vapor em perpetuo regimen de *deficits*, tenias parasitarias da região; o povo, descahido de *tonus* vital, apodrece no marasmo sorno dos cocainomanos. A riqueza, annos antes — no tempo do azoto — representada por aquelle nucleo urbano ou rural vê-se praticamente cancellada do activo pela preposição do signal que nega.

Porque é assim? Porque a terra sorvada "*cançou*", e em vez de curar da sua recomposição consoante a pratica universal, nós, levados pela tãra aymoré do sangue, abandonamol-a com todas as bemfeitorias creadas para ir repetir adiante o mesmo *fiat*. Com os lucros e a energia vital auferidos atraz vamos em região nova abrir novas fazendas, crear novas cidades, estender novas vias ferreas. — Mas a tapera deixada atraz neutralisa toda esta criação impulsiva, e a riqueza publica não se accresce de um real com o producto de todo este esforço.

Eis a razão da nossa pobreza e a explicação do nosso aspecto physico: povo que trabalha e não accumula, terra nova picada de manchas de velhice. Todo o corpo do paiz está recoberto de zonas de carne paralytica, escaras atônicas — taperas. O que vae por ahi de cidades mortas ou moribundas, povoados cachéticos, riquissimas fazendas transfeitas em couto de suindaras, estradas de ferro inúteis, risíveis de decrepitude, incapazes de concorrer com o carro de boi! Dentro dessa ruïnaria palermeiam urupés humanos amaleitados, creaturas em tapera, com a tapera n'alma e no cerebro, aparvalhadas mumias ambulantes que pitam... e votam. Zonas inteiras ha onde uma cara d'homem não existe que não dê a impressão do bobo.

Ao lado da morte, a vida — regiões de prosperidade vertiginosa, estuante, — mas provisoria, sem durabilidade, condemnada ao collapso e á regressão, ao *vivotement*, á quebreira.

Vida sim, e intensissima, mas com o melão de S. Caetano negaceando os cercados, e o marasmo de tocaia ás almas.

O nosso progresso é cigano. Vive acampado. E' nómade. Essa maravilhosa vida actual da terra roxa: já morou no Estado do Rio, já acampou no Norte de S. Paulo. Não é uma coisa creada ali — mudou-se para ali simplesmente, e já entrouxa bagagens para florecer nos sertões de Noroeste.

Em consequencia deste trabalho de Penelope, deste desfazer atraz para fazer além, deste construir a custa do demolir, deste crear riqueza nova *que se substitue em vez de sommar-se á velha* — norma unica do real engran-

decimento dos povos, o Brasil offerece ao mundo o aspecto impressionador de um paiz que move as pernas e não sae do lugar, e que por via dessa tabes locomotora na fieira das nações modernas occupa o menos honroso lugar. A nossa salvação como povo não está em nenhuma das regenerações micantes buzinas por ahi em varios tons e estylos — mas pura e simplesmente em revitalisar indirectamente o povo pela adopção de processos agricolas que restituam á terra o rompido rythmo chimico. Só a chimica nos salvará essa moderna fada Melusina. Só ella dará os remedios que vivemos a pedir á politica, ao voto, á revisão de leis, á reforma de homens, — roupagens cujo feitio influe tanto no corpo de quem as veste como a opinião de um astrônomo sobre a lua influe na trajectoria da lua.

As soluções preconizadas correntemente vincam-se do defeito de tomar a nuvem por Juno. Essa da militarisação do paiz. Não se crea um exercito fardando a brim kaki uma população.

Exercito é força, a força vem do perfeito funcionamento physiologico do organismo; esta harmonia quem a dá é a perfeita adaptação ao meio determinado sobretudo pela alimentação completa; a alimentação vem da terra; terra fraca só produz rastolho. Querem exercito? Adubem a terra.

O exercito virá fortissimo, ao seu tempo — natural e expontaneamente. O segredo da immensa força da Allemanma está na sua comprehensão deste cyclo revelado pela chimica. Não foi a ideologia dos philosophos que lhe deu aquelle excesso de vitalismo. Foi o salitre do Chile. Em 1911 ella importou 800.000 toneladas e a França apenas 300.000. Nestes numeros está o segredo de muita coisa.

Por felicidade nossa soou no Congresso Nacional uma grande voz. O sr. Cincinato Braga possui uma especie de intelligencia rarissima e talvez unica entre todos os representantes da nação. Possui a intelligencia que vae ao imo das questões e toca nas causas primarias sem enredar-se pelo caminho na serie de effeitos secundarios habitualmente tomados como causas. A justificação das medidas

legislativas que ao despedir-se do Congresso propoz, são a unica cousa seria e intelligente que se fez na Republica até hoje. *Que se fez!*... E' um punhado de ideias, de utopias dirá o homem de roupa preta — e no emtanto é a unica cousa seria que se fez na Republica até hoje!

Tal documento deveria ser lido todos os dias por todos os brasileiros. E decorado, se não para tel-o como base inicial de cura — ao menos para que definhamos sabendo de que definhamos. E' um supremo consolo para os doentes conhecer o nome da sua doença.

O sr. Cincinato demonstra com insophismaveis algarismos que o Brasil é o paiz mais pobre do mundo. Não produz sequer para comer. Ganha annualmente 57 milhões de libras pela venda das suas mercadorias e despende 72 milhões na compra de outros, no pagamento de juros etc., d'onde resulta empobrecer-se á razão de 15 milhões por anno (media tomada no decennio). Está aqui denunciado, neste *deficit* economico, o cancro roaz que nos devora. Como até aqui tem o paiz tapado este buraco?

A força de empréstimos, — *hypothecas* do futuro. Elevou dest'arte a divida externa a 174 milhões esterlinos. Finança do *après moi le deluge*. Mas o credito retrahiu-se por fim, e no governo Hermes fechou-se de vez a torneira do judeu. Bastou isso para determinar a suspensão de pagamentos — bancarrota disfarçada. O minotauro, entretanto, continuava a exigir o tributo annual dos milhões. Deram-lhe a guiza de engodo moeda falsa. Dinheiro papel sem lastro é moeda falsa. Foi assim que no ultimo decennio o dinheiro impresso em casas de gravura subiu de 600.000 a um milhão de contos e meio. Nesse papel o governo lança uma promessa de pagamento: no thezouro nacional se pagará ao portador a quantia de..." E' pois uma nova divida que accrescida da externa totalisa mais de 5 milhões de contos. Cinco milhões de contos empatados unicamente em protelar o dia d'uma liquidação inevitavel...

Este *crac* financeiro é o reflexo do *crac* economico. O Brasil produz 39.000 réis por habitante. Menos do que

isto na America só o Paraguay e a Republica de S. Salvador.

Se porém do Brasil destacamos S. Paulo caber-lhe-á o ultimo lugar na escala, com 23.000 réis por cabeça. O sangrado Paraguay produz 29.000! Para frisar o contraste saiba-se que a quota de Cuba é de 413.000 réis, a da Argentina é de 248, a do Uruguay é de 196, a de Nicaragua 126, a do Peru' 42... Em posição analoga no concerto mundial só a Turquia. O Brasil completa o duo dos pedintes. Quando os aliados caucionaram titulos de divida para levantar dinheiro foram acceitos os titulos de todos os paizes devedores, menos de um — o Brasil. O paiz cocainizado não deu por isso.

Pergunta-se: terminada a guerra, normalisada a situação economica do mundo, cessada a pressão da fome que força a Europa a comprar tudo por preços excessivos, diminuida a capacidade acquisitiva dos povos pela gigantesca destruição de capital determinada pela guerra, entrados todos elles n'um regimen de poupança rigorosissima, necessitados de cuidarem de si, durante annos, empregando todos os recursos disponiveis para a obra de reconstrucção, como solveremos nós os compromissos se nos fallece o eterno recurso de que até aqui lançamos mão, — o emprestimo?

O recurso que nos resta é produzir em escala ascendente. Mas o Brasil póde enveredar por esse caminho? Não. O regimen de espoliação fiscal da Republica, o preço excessivo do transporte e o desaparelhamento technico do trabalho nacional não lh'o permite.

O sr. Cincinato Braga aponta como causas proximas do nosso descalabro economico estas tres razões. O nosso regimen fiscal é o mais perfeito aparelho de asphyxia lenta jamais inventado por um marquez de Sade economista.

Tem por mira castigar o trabalho pela extorsão dos lucros honestos auferidos em beneficio da classe parasitaria que faz leis e as applica.

Alicerca-se no imposto de exportação,—imposto que é o transporte para os dominios da economia politica do modo de morrer que a medicina chama asphyxia. E' sangue ti-

rado das veias de um corpo para a alimentação desse proprio corpo. E' autophagia de cafre. Abolido em todos os paizes do mundo, subsiste no Brasil. Esta excepção define lamentavelmente a ambos, ao Brasil e ao imposto.

E tão em voga está que a ultima taxa criada no Districto Federal inda foi uma taxa de exportação! As outras duas causas apontadas embrincam remotamente nesta, cuja suppressão acarretaria mudança radical no regimen do frete alto e no do trabalho agricola. Como nasceu o nosso systema fiscal? Para comprehender sua evolução faz-se mister um excursão ao passado. Quando Portugal tomou posse destas sertanias de Santa Cruz procurou logo tirar do novo dominio o maximo de rendimento com o minimo de dispendio. Colonisou-o, não com o intuito de crear aqui um paiz com vida propria, mas para ter numero maior de camaradas no eito. Firme nessas ideias o Reino organisou um só serviço, o Fisco. Tudo mais cahiu para segunda plana, subordinado ao polvo.

Coherente com a sua concepção de colonia, Portugal só curava de estender tentaculos, e aperfeiçoar ventosas. Quem folheia os documentos da epocha, officios regios, cartas de governadores a subalternos, nota logo a preocupação exclusiva do serviço fiscal. Nunca um vislumbre de zelo pelas necessidades collectivas da população em crescimento. O governo era a machina de cobrar impostos; o paiz a machina de pagar-os. Assim cresceu a colonia até que a rajada napoleonica soprou D. João para cá. Este rei commoveu-se diante do miseravel estado da colonia e outorgou-lhe umas tantas franquias, compensações ao muito que padeciam por amor d'elle e dos avós: abertura de portos, palmeiras, imprensa, escolas e a sardinha.

Retirado que foi o rei as cortes portuguezas viram com máus olhos tantas liberalidades e cuidaram incontinentemente de ablaquear cerce todas as regalias outorgadas. Só não cortavam a palmeira nem repescavam a sardinha movidas por altas razões de estado. E com isto, mais tres voltas no arroxo fiscal. Veiu a Independencia. Organisou-se o paiz para a vida autonoma, — conservando-se porém intacta a concepção do Fisco portuguez. Vem o segundo im-

perio e tudo correu pela mesma. Se os effeitos da asphyxia não eram nessa epocha sensiveis agradecamol-o ao negro, a cujo lombo nossos paes transferiam as torturas do arroxo. Veiu o 13 de Maio e logo após a republica que metteu os pés pela mão em tudo que estava organizado normal e consentaneamente com as necessidades do paiz, criando a parodia sulina da grande republica do Norte. Só não adoptou della o seu intelligente regimen tributario. Continuamos pois sob o regimen do Fisco portuguez sem a compensação do negro escravo para lhe supportar todo o peso. Foi além a republica. Deu tres cabeças ao monstro: cabeça de percevejo, a municipal, de piranha, a estadual, de dragão a federal. E deu-lhes ventosas ineditas: os direitos de exportação. E dilatou tanto a amplitude do Fisco que já não ha extremal-o do governo. Confundem-se. Dest'arte chamamos governo a um apparelho de asphyxia lenta organizado por escala triplice. Em virtude disso o paiz dividiu-se em tres campos. O Estado no alto, como um paraizo. E' a casta dos Brahmines. Quem penetra nella é feliz. Irresponsabilidade absoluta, vida assegurada até á morte, o capacho da justiça aos pés, uma boa policia para manter imperturbada a digestão feliz, o thezouro ás escancaras para todos os regabofes. No meio o estrangeiro. Mais aptos, porque dotados de educação technica, senhoream-se de todo o movimento industrial e commercial.

Enriquecem e condecoram-se. Em baixo o brasileiro, á casta dos Sudras em miseria crescente, analphabeto nos campos, e nas cidades lustrado por academias e gymnasios d'uma bacharelesca ignorancia encyclopedica. Esta pobre classe, vendo fechadas todas as portas que conduzem á prosperidade, incapaz de concorrer na lucta com o estrangeiro, ergue os olhos para cima, vê a beatitude gorda dos que lá habitam e consagra-se de corpo e alma á escalada do Eden. Penetrar na ceva, seja por que meio fôr — eis o lemma. "Cavar o empreguiinho"!

Se tem parente brahmine que lhe dê a mão está salvo. Se não, espera, pdinchando, annos e annos até o fim da vida. Character, honradez, iniciativa, todas as bellas qualidades moraes do homem sacrifica-os elle ao Moloch.

Pois bem: é ao Estado-brahmine que o paiz-sudra sempre se dirige, por intermedio da imprensa, pedindo a reforma tributaria, pedindo regeneração politica, pedindo allivio a todos os males. Mas haverá possibilidade do governo por suas mãos outorgar um remedio que o diminuirá? Abdicar a regalias unicas, á irresponsabilidade por exemplo?

Submetter-se á justiça elle que a tem como *bonne a tout faire* assalariada?

Supprimir impostos a cujo gozo está affeito?

Largar o sceptro de soberano, de dono do paiz, para occupar um posto subalterno?

Podar nos irmãos da confraria, — funcionarios publicos? Diminuir a força constrictora dos seus tentaculos? Claro que não. A historia não menciona um caso sequer do polvo - estado outorgando *sponte-sua* direitos á plebe.

Elle cede sómente quando o povo levado pela fome lhe arranca violentamente as franquias. As liberdades inglezas foram arrancadas uma por uma pela resistencia popular e pelas revoluções. Não se conquistam direitos com lamurias, mas a pulso. Por sua natureza intima o garrote só não estrangula quando lhe quebram a corda.

O problema nacional é pois tão claro como difficil de solver. Traz como artigo primeiro: necessidade urgente de destruir o regimen fiscal da asphyxia, sacar do pescoço a corda, escapar ao garrote.

Sem readquirir a faculdade de respirar impossivel a um povo cuidar do resto. Para isso ha seis soluções. A legal, continuando nós no coro de lamurias exorativas á corda para que deixe de ser corda. E' pueril pensar nesta solução. Nunca houve calabre que deixasse de o ser a pedido geral.

A revolucionaria. E' inexequivel. A situação geographica do paiz, a dissiminação extrema do habitante não permite a unidade da fome, nem a unidade da colera, unicas que operam revoluções. Poderemos tel-as, e tivemol-as, politicas — um grupo a derribar outro. Sociaes, é absurdo.

Terceira: a guerra. Mas guerra a serio com um visinho e não guerra á lua. Por contra-golpe a guerra traz o dismantelo das situações encrostadas, a preponderancia da casta militar e a possibilidade de surgir della o homem providencial, o heroe de Carlyle, Cromwell ou Napoleão.

Quarta: o fraccionamento. O instincto de conservação das zonas mais aptas, e por varias circumstancias mais ricas, cria surdamente a ideia separatista. Separar-se para viver é rigorosamente logico.

Quinta: a tutela estrangeira, a recolonisação, o egypcianismo.

Sexta: a solução agricola preconizada acima. Esta solverá todos os problemas em causa. Restaurada systematicamente a terra, cessará o nomadismo; extinguir-se-á o taperismo; a riqueza creada subsistirá definitiva e crescente; as cidades mortas renascerão; regiões e estados inteiros voltarão á vida salvos da marasmeira em que apodrecem; e — aqui está tudo — o povo reentrará na posse da sua perdida energia vital. E poderá arrancar violentamente do gasnete a corda que o enforca.

Em vez de, como agora, sussurrar a medo diante do Estado um mollenga eu queria, dirá na voz tonitruante de Mirabeau — eu quero!

E o 13 de Maio branco luzirá finalmente.

MONTEIRO LOBATO

PARABOLAS

BONDADE IMMORAL

Em Bello-Horizonte, na rua Sergipe, vi, faz alguns annos, um coqueiro abraçado por uma figueira brava que o suspendia, desarreigava lentamente, e o havia de matar: retrato symbolico da universal ingratição, da infinita maldade do mundo.

Existia por ahi o coqueiro, solitario no descampado, apenas visitado pelas aves do céu, que uma, certo dia, lhe depôs nas palmas a semente do ficus. Germinara com a humidade, e longa raiz adventicia desceu vertical, como um fio de liana, á procura da terra. Nella penetrou em breve a ponta, dividida e multiplicada, serpejante, munida mais tarde de sapopembas, emquanto a primitiva raiz aerea se fizera haste, engrossada, robusta, ao lado do coqueiro, abraçado por expansões lateraes, sarmentos poderosos que conseguiram e apertavam a intimidade.

O coqueiro acolhera a semente, dera-lhe apoio, servira-lhe de guia á raiz, de amparo ao caule, aconchegara os braços timidos dos tentaculos que pediam soccorro, e agora, implantada solidamente no chão, esgalhada em basta ramaria, ao seu protector a figueira tolhia o ar e a luz: era o esbulo, do qual é formula civil a herança. E levantando-se, e subindo, levava comsigo o coqueiro, já agora quasi desarreigado, morto amanha, sempre apertado nos braços que acolhera e lhe davam lentamente a morte.

E' assim a natureza. Consciencia ou inconsciencia do mal, não lhe alteram a irreductivel e eterna maldade: a

consciencia será luxo ou requinte apenas, da maldade subsistente, infinita alma do mundo. A vida é uma continua traição, do que é ao que foi, do que será ao que é, dos individuos e especies entre si, das especies contra os individuos, com tão inflexivel e impiedosa indiferença, tão revoltante e serena crueldade, que se mudam os termos da razão, e a bondade — essa é extranha e fóra da natureza, essa é que é immoral.

DIALOGO MUDO

A Paulo Barreto, mestre da Ironia.

Junto de uma murteira, talhada em forma de pyramide, pára, admirado e risonho, um cãozinho felpudo, *barbet* aparado como caniche.

A MURTEIRA

De que ris?

O CÃO

De sua extravagancia... Até hontem você era cone, hoje pyramide, depois será bola ou chapéu de sol... Bem variado!

A MURTEIRA, *melindrada*

Sim. Mais divertido que a tua caricata e monotona fantasia. Teu ridiculo é permanente.

O CÃO, *olhando-se todo*

Sou assim ha tanto tempo, que já me esquece ter sido differente...

A MURTEIRA

Embora. Deves aos outros cães produzir o mesmo effeito comico: raspado do meio do corpo para trás, na frente uma juba conservada, e nos pés, e no extremo da cauda, essas pulseiras de pêllos... Um leãozinho de louça, vivo, agil, para encanto da cozinheira...

O CÃO, *examinando-se ainda*

Deveras... Somos ridiculos. Entretanto você parece ainda mais, porque o seu comico é presumpçoso... nada menos que uma arte para cortar ramos, podar, entortar, desviar, ageitar e transformar bellas arvores em pyramides, cones, chapéus de sol, bolas, amphoras, arcos, kiosques ou divans... A mim fazem-me leão de interior; caricatura para presépe a você... e isto é arte topiaria.

A MURTEIRA

De facto que essa fantasia deve ser de bicho bem perverso... Incapaz de produzir qualquer coisa, desfaz o homem o bello que encontra á mão... e faz isto!

O CÃO

Não sei se mau; de preferencia, creio que apenas estúpido. Deve ser pobreza de espirito. Má é a natureza inteira, mas é respeitavel. O homem é ridiculo.

A MURTEIRA

O ridiculo é o disfarce do mau. Quando elle se cança, distrai-se na ruindade passiva, da ruindade deligente. Toda a natureza poderia queixar-se da mesma maldade que elle vae espalhando pelo mundo.

O CÃO

Você exaggera. Convivo mais de perto com elle. Digo-lhe que é estupidez. Quer uma prova? O que faz comnosco faz comsigo mesmo. Já não falo da companheira d'elle, que tira pelles e penas dos bichos, flôres e folhas ás plantas, para se enfeitar de postiços.

A MURTEIRA, *risonha*

Engraçadas... Quando saem á rua, paramentadas, parecem umas Marias-malucas... E sem esses *chichis*, e sem aquelles vestidos, como Deus as fez, é que ellas são lindas, e triumpham, sem contraste... Mas não comprehendem...

Chamam galanteria aos empréstimos que as deformam e as encobrem, sem graça nenhuma.

O CÃO

Ainda ellas accrescentam, sem tirar nada do que lhes é proprio... vá!... mas os tolos dos companheiros dellas... o que elles fazem do cabello e da barba! E' de morrer de rir... Uma verdadeira arte topiaria... *brosse carrée*, escovinha, tonsura, corôa, suíças, *cavagnac*, andó, barbi-cha, barba á ingleza, bigodes para cima, para baixo, torados, raspados... que tudo dá á cara mil feitios comicos e ridiculos...

A MURTEIRA, *convencida*

Tem razão. Que esperar para os outros, quando elle dispõe assim do proprio rosto, feito, segundo pretende, á imagem e semelhança de Deus?! Será mau, porém convenho que ainda é mais grotesco.

O CÃO, *satisfeito com o accôrdo*

Quando o jardineiro se approximar com as suas tesouras, não se irrite mais, ria-lhe na barba-passa-piolho... é o que vou fazer ás costelhetas do copeiro que me tosa...

A MURTEIRA, *apurando o ouvido*

Caluda! Elles ahi vêm... Já se afeiaram, vêm nos afeiar. E' tão estúpido que faz rir...

Ouvem-se passos no saibro do caminho. Um murmurio de folhas parece riso discreto e vingador. Levanta o cão a perninha, para a direcção donde vêm os passos. Empunha o jardineiro as tesouras. O criado chama o caniche. Tem a palavra o homem.

MYSTERIOS

Não ha nada mais evidente do que um pedaço de vidro, ainda quando não nos talhe a mão. Entretanto as moscas não o conhecem, não conhecem o vidro, desde que ha vi-

dro e que ha moscas que o encontram no seu caminho. E' de ver a teimosia irracional, quasi imbecil, ia dizendo humana, com que investem contra a vildraça, querendo atravessal-a. Aquelle engano translucido desengana-as um curto instante, mas logo ellas recuam, para nova investida. Assim vezes sem conta, horas inteiras, renitentes á decepção, impermeaveis á experiencia.

Quem nos dirá, que para tantas evidencias, chamadas entretanto mysterios, não somos nós moscas, pois que as desconhecemos, e apenas pela incapacidade dos nossos sentidos?

SEM INVEJA

Gip não gosta de mim: é um cãesinho felpudo, rusguento, latidor, que não sei porque me desconhece sempre, e me aggride quando póde. Não é que lhe tenha feito bem: como homem, poderia ser logicamente meu inimigo; mas nunca lhe fiz mal, e por isso, como tantos homens, é graciosamente meu inimigo: deve reconhecer-me algum merito.

Hontem, deram-me para trazer á casa, vindo de Quissamã para Petropolis, um immenso "bouquet" de cósmias. Como estrellas recortadas em branco, rosa e solferino, pareciam as flôres um enxame agil, mas obstinado, que me cercasse, invisiveis quasi os longos talos delicados, flexiveis e doces á agitação da marcha. Choviam cósmias sobre mim!

Assim entrei, sobraçando o meu enorme ramo, porta a dentro, como um triumphador. Todas as atenções se voltaram para mim, para as flôres que eu trazia, e me acompanhavam, e me perseguiam, em torno, como colmeia abespinhada, de grandes abelhas coloridas.

Gip dispara ao meu encontro, antecede-me, volta-se, corre desabalado para lá e para cá, aos pequenos ladridos, agitando a cauda festivamente... e ainda quando me desembaraço das cósmias sobre um movel, dá provas de que sou eu o festejado pela sua alegria: quer trepar-me pelas pernas, moveis as orelhas, os olhos faiscantes, a boca entreaberta, pendente a lingua tremula como um galhardete,

a cauda inquieta, numa effusão enternecedora de carinho. Devia ter-me acontecido grande coisa, para chegar coroadado de flôres: por isso elle se alegrava, a ponto de esquecer a sua innocente animosidade. *Gip* não é gente, não é invejoso.

I

DEUS PROVERA'

A Victor Vianna, que escreve sobre coisas publicas sem engano e sem desespero.

Contá-se que a avestruz, ou sua parenta americana, a ema, perseguida pelos caçadores, corre deserto ou chapada em fóra, com as longas pernas e o robusto esforço, difficilmente attingida, mesmo a cavallo, dada a infantigabilidade da fugitiva.

Desgraçadamente vem a perdel-a o proprio instincto, além da intelligencia do adversario: não se departe a ave do ninho, e obrigada a defender-se, com a evasão, traça em torno desse ponto immensos circulos concentricos, o que orienta cavalleiro: póde este poupar o alento da sua montaria, riscando por sua vez cordas e diametros nesses circulos, em cuja pista chega enfim a pobre ema a cançar-se primeiro. E' um duello, resolvido pela geometria.

Então, vencida pela fadiga, passa-se para o bicho mallogrado uma scena ridicula: para não ver o perigo certo da captura ou da morte, mette a cabeça dentro da terra solta do deserto, e espera. Se não ha areia, esconde a vista atrás de uma arvore ou arbusto, que entretanto não a dissimula. A' mingua deste recurso, muito philosophicamente, guarda a cabeça debaixo de uma das azas curtas. O que ella evita, o que não quer ver chegar é o desastre certo, que se approxima. O valente animal que se defendeu com todas as forças das longas pernas e do folego quasi incançavel, submete-se num fatalismo cégo e ridiculo, na hora extrema da imperiosa necessidade, quando alguma reacção pou-

pada, algum recurso decisivo de imprevista iniciativa, talvez fosse a salvação. Mas, então, a avestruz já não seria avestruz.

Conheço um povo que é como estas emas. Quando um perigo o ameaça, não se lhe oppõe em propositos contrarios, continua no caminho em que irá certamente encontrar o perigo. Fecha os olhos, distráe-se, chega a se esquecer, julgando que só com isso o evita, não julgando mesmo coisa nenhuma, certamente sem empregar o menor recurso idoneo para remover o desastre. As avestruzes ao menos fogem primeiro e só vencidas se resignam; elles se resignam para começar, guardando a vista fechada para não ver. Tambem, quando circumstancias extranhas, imprevistas, desviam o mal, não tiram disso jactancia, dizem apenas que Deus é brasileiro. Descuidados e modestos: podia ser peor.

II

FRUTO BICHADO

Em todo pessimismo ha uma decepção, como um verme em cada fruto brocado.

ROMEU E JULIETA

A Humberto Gotuzzo, doutor
tambem em sciencias do senti-
mento.

No Jardim Zoologico do Rio, inferno dos pobres bichos que ahi vêm ter, porque além do captiveiro, os aguardam a fome e a morte certa, existia, na jaula dos grandes felinos, um casal de leões. Porque eram bem casados, em falta de uma comparação notoria de feliz estado conjugal do homem, lhes puzeram nomes de Romeu e Julieta. Eram de facto Romeu e Julieta, como namorados, e mais que elles, porque continuavam, apesar de casados. Isto que é exce-

pção humana, — ainda bem que excepcionalmente existe! — parece a regra geral dos brutos.

Indo visitá-los todos no Zoô, não me esqueciam nunca os felinos namorados. Um dia encontro-os separados, em jaulas diversas. Pensei uma porção de coisas humanas: incompatibilidade, ciúmes, indiferença, separação, divórcio... bem feito! Gente ruim, como nós homens...

Chamei o guarda e perguntei-lhe a causa do successo. Depois de alguma hesitação o homem me confiou o segredo. Era simples:

— As rendas do Jardim baixavam; a subvenção não era paga em dia: foi preciso fazer economias, e estas sobre a ração dos bichos. A quantidade de carne lançada aos leões, embora dividida em duas porções, não chegava para nutrir um delles. Mas que se havia de fazer? Dava-se-lhe assim mesmo. O leão não comeu mais, deixando a sua parte á leôa.

Como eu abrisse os olhos espantados, o homem insistiu:

— Sim senhor, não uma vez nem duas, sempre, dias seguidos, a ponto de ser preciso procurar-lhes, a mais, alguma coisa. Foi ficando magro, afundando os vãos, na espinha; o director pensou que podia morrer de inanição e mandou que os bichos fossem separados; nutrem-se mal, mas vivem.

— !

Foi por isso, premio bem humano do amor!, que Romeu ficou sem Julieta...

ENTERRO DE FORMIGA

Chegára um dia La Fontaine, para jantar em casa alheia, com atraso de mais de uma hora. Os outros convivas que o esperavam, com impaciencia e fome, indagaram pela causa da demora.

— “Não me pude furtar ao que me occupava. Encontrei um enterro de formiga. Nada mais curioso, nem mais interessante. Pareciam os parentes muito afflictos. Metti-no cortejo.”

Como tardara muito, é que o enterro fôra lento, a passo, piedoso, como devem ser enterrados os mortos, dos quaes os que os amam custam tanto a se despegar. Como em toda a parte se enterram os mortos.

Aqui, não: vão a trote, a galope, cortando bêcos e travessas, como se apostassem corrida, com escandalo dos estrangeiros que assistem a esse *sport* macabro. Vão andar em breve de automovel, a oitenta a hora, como se fugissem dos vivos.

Deviam fugir de facto, dessa magua apressada de filhos, irmãos, maridos, paes e amigos, que têm' pressa de chegar tambem, da incommoda excursão. Não correrão o risco de perder o jantar, como La Fontaine.

(De um livro proximo — *Nossos parentes pobres*).

AFRANIO PEIXOTO

O PROFESSOR DA MOMBAÇA

A escola era na Mombaça, ao pé de uma venda. Eu morava não longe, em terras da unica fazenda que alli havia, a de *Guarahem*, do major Luiz Duarte chefe politico da localidade e pae do Raul, meu collega de classe. Este Raul e eu matriculámo-nos quasi ao mesmo tempo, elle em Fevereiro, eu em Março, depois da festa da Annunciação de Nossa Senhora. Uma confissão de inveja que me acode de annos tão remotos: não me doia, defrontando-me com o Raul ser elle filho de quem era, ir á escola acompanhado de um escravo, que o desmontava do animal e se desfazia em zumbaias e louvados ao sinhô-moço. Não; o que me doia era não possuir um cavallinho como o delle... Bello piquira! o garbo em que vinha caracolando, a trocar as munhecas, até esbarrar á porta da escola! E porque não dizêl-o? invejava tambem ao Raul o seu trancelim de ouro, a cahir em leve curva, do bolso á esquerda, aos botões de jaspe, no peitilho engomado do terno de fustão claro. Eu, nenhum de nós possuia aquillo. E nenhum de nós tinha o seu ar, os seus modos já precocemente finos e cortezes. Dos pés, correctamente calçados, á cabeça de cheirosos cabellos, refoufinhados e limpos, todo elle era distincção, em contraste com a grenha ou o á escovinha, os sapatos cambaios e os tamancos dos companheiros.

Os mappas estatísticos só de alumnos frequentes na escola de Serapião (era este o nome do professor) recenseavam setenta, por esta epoca, quasi todos filhos de pescadores, carvoeiros ou homens de roça, como por lá chamavam aos que da enchada e fouce tiravam com que se manter. Os de paes abastados, afóra o Raul, eram mais dois apenas: o

Julinho, genuino typo de menino máo, zanaga e feio, filho de um portuguez com uma cabrocha, e o Cherubim, manhoso e babão, feitiço e mimo da mãe, senhora viuva, a quem passaram por herança quasi todas as terras das vertentes de Matto-grosso. Nenhum destes, porém, nos movia inveja... Nem piquira, nem tracelim de ouro.

Reunidas em aula, não ordenadas ainda pelas classes respectivas, vozêam, travesseando e acotovellando-se em multidão as crianças; tregeiteiam, saltam, agarradas umas ás outras, ás vezes brigando e mordendo-se, como os maribondos negros e ferralhudos que o tecto esburacado faz chover e se espalham e vôam.

Neste entre-meio mestre Serapião entra, acurvado e sêcco, rouquejando a bronchite que o devia matar. Roçar de pés no ladrilho do chão, empurrões; perfilámo-nos todos. Bons dias... bons dias... Serapião adeanta-se, bate carinhoso ao hombro do Raul: — “Como vae o papá?” ; senta-se e enceta os trabalhos do dia.

Nove horas da manhã. O acaso, vindo em auxilio do hygiene, deixa que a projecção da luz se faça da esquerda, coando-se por três baixas janellas acortinadas de aranhões, pelas quaes vemos verdear a paizagem, onde pastam bois, entre touceiras de mata-peru's e sarças. Ageitámo-nos para as garabulhas da escripta. Os bancos são altos, sem encôsto, um para oito alumnos, e mal nos supportam, dando a idéa de galhos sêccos, em que se empoleirem bandos de passaros. Em frente está o erudito pedagogo Serapião Maldonado grave, no estrado de pinho, assentado á mesa, de onde, mal encoberta pela ruma de compendios e o bote de Paulo Cordeiro, parece olhar-nos com o unico ôlho cyclopico que lhe abriram no disco, o terror das palminhas de nossas mãos,— uma formidabilissima palmatoria..

E aos primeiros cantos das cigarras, que estridulam fóra nos monjolos e camarás, começamos nós tambem a cantarel as nossas lições. Somos sessenta ou setenta crianças presentes todos os dias umas da vizinhança, outras de sitios apartados, das margens da lagôa, do Rio-sêcco ou da Madre-silva, e que logo cedo, com a ardosia e os livros debaixo do braço, nos botamos a caminho pelas estradas e restingas,

para que mestre Serapião nos faça homens, arrancando-nos á vadiice e á ignorancia. E elle rara é a vez que de seu espaldar, com o indicador hirto e dogmatico, num gesto largo como a comprehensão de seus deveres officiaes, não procure aportar em nosso espirito, ahi lançando ancora, a convicção que importa sermos instruidos, sermos homens uteis á familia e á patria. E' preciso que nós, os meninos, saibamos que arte nenhuma, nenhum officio, nenhuma profissão póde dignamente ser exercida sem que o espirito se apetreche e nutra de solidos conhecimentos. Dos meninos uns auxiliam seus paes na pesca, outros no córte das tabu'as para esteiras ou no da lenha para a venda em talhas ou para as covas de carvão; outros ainda que, como o Raul, podem vir a ajudal-os ou substituil-os na inspecção dos serviços de roça ou nos do engenho, em que se móe a canna e fabrica o assucar; nenhum desses trabalhos, porém, ha-de fazer fructo, se os meninos permanecerem ignorantes, se não souberem lêr, se não vierem á escola a ouvir a palavra do mestre, que é seu pae espiritual...

Certo, o nosso professor mirava, assim discorrendo, formar em nós o gosto do estudo; suas palavras, como chaves magicas, procurava levar-nol-as bem fundo, descerrando as portas á nossa attenção-consciente. E a attenção accordou em mim e talvez em todos, mas só nos primeiros dias; a pratica, á força de repetida, acabou por trazer-nos enfaro e somno.

Uma feita, era ao fim da aula, mais alguns minutos e soariam as tres horas. Derramava-se a eloquencia do mestre, citando Samuel Smiles, na historia de alguns nomes tornados celebres pela força da vontade e applicação aos estudos. De golpe, porém, eil-o que se interrompe e logo livido se alevanta, com a palmatoria alçada a tremer-lhe á mão. Que teria acontecido, meu Deus? Serapião passou por minha frente, investiu a um banco e com safanão arrancou delle o Dioguinho. Era um rapazelho ruivo, escrofuloso, mirrado e languido; havia pegado do somno e de bôcca aberta resonava, apoiado á parede.

Estalou na sala uma duzia de bôlos. Com isto encerrou-se a aula.

Pobre Dioguinho! lá se foi pela estrada, choramigando, limpando os olhos á manguinha da jaqueta de brim e a examinar as mãos, que cresciam inchadas dos bôlos. Pobresinho! morreu mezes depois, exausto pela suppuração das escrofulas. Acompanhei-lhe o entêrro, por uma tarde de Agosto, de nuvens altas, bronzeadas pelo sol moribundo.

Serapião, amartellado á formula: *littera sine sanguine non intrans*, tinha dêsses excessos, dava até vêr o sangue espirrar das mãos ou das orelhas, que repuxava e torcia. Sua auctoridade, para impôr-se, precisava de alguma cousa mais temerosa que o cenho iracundo e os olhos relampejantes e atrozes, mais ameaçadora que o tom da voz, rispido e imperativo: era-lhe indispensavel bater com a mão ou com o páo. Se Lamartine lhe definisse essa auctoridade como sendo a força executiva da lei moral, ou se Rollin lh'a fizesse ver representada em certo ascendente que obriga ao respeito e força á obediencia, Serapião, não ha duvidar, diria na cara delles que eram uns theoricos e acabaria, talvez por mandal-os ao tabuaes da Mombaça. Sou suspeito para accentuar esta feição antipathica do meu professor: fui dos mais esbordoados. Reconhecendo, entretanto, a justiça das punições, a que elle me não poupou nunca, tenho que não se conciliavam com o seu animo recto as excepções, no tocante a esta parte, abertas sempre em favor de outros collegas, do Raul principalmente. Nem uma censura, a mais simples admonenda coube jamais a este. E a nenhum de nós, em cousa nenhuma, superava o Raul; era de todos o mais obtuso ou tapado, por me valer do qualificativo que lhe applicavamos. E sobre tapado, insubordinado. Vinte vezes o professor surprehendeu-o no jogo das bolinhas de papel, no preparo e tanger das gaitas de folle, nas rabiscas e gatafunhos das caras dos collegas e da propria cara delle, Serapião; mas era como se nada visse, passava adeante, ralhando, vociferando, espalmatoando a torto e direito. Devia haver ahi alguma cousa extra-alcance de nossa observação, que ao Raul protegia, e isso se manifestava não só das expressões mollificadas de carinho com que lhe falava o professor: — “Como vae o papá? — minhas saudações ao papá” — como e principalmente por se constituir o filho do fazen-

deiro a mira exclusiva a que se dirigiam as palavras de Serapião em seus fraldosos arrazoados, ou commentarios ao texto das disciplinas professadas. A cada passo, nessas narcoticas parlandas, o mestre, como deslembrado de que tinha em frente para mais de sessenta crianças, todas com igual direito á sciencia que lhe avoejava dos labios, só para o filho de Luiz Duarte se voltava e sorria: — “Como sabe o menino Raul... Para que veja o Raul... Não ignora o nosso querido Raul...”

O programma obrigatorio nas escolas da provincia comprehendia então o ensino da instrucção moral e religiosa, leitura e escripta, noções de grammatica e principios elementares de arithmetica, inclusive o systema legal de pesos e medidas. Inseriam-se, como facultativas, a geographia, a cosmographia, a historia do Brasil e a geometria plana e desenho linear.

Na Mombaça — declaro-o, rendendo homenagem á capacidade do mestre — o programma cumpria-se de alto a baixo, na parte obrigatoria e na facultativa, o que, de accôrdo com dispositivo do regulamento, valeu ao professor ser considerado bom servidor da provincia e ter o nome inscripto no Livro de Honra.

Agora saiba o leitor que, apesar da extensão do programma, Serapião, por exigencia lá do seu methodo, nunca se forrou ao penoso trabalho de levar-nos através do tempo e da historia, em substanciosas dissertações scientificas, a afuroar a nascente das luzes irradiadas do alto de sua cathedra. Ao alumno recém-matriculado, antes de abrir-lhe sobre os joelhos a carta do *a-b-c*-, chamava elle e recommendo-lhe a maior attenção, contava como aos phenicios tocava a gloria da invenção do alphabeto; Cadmus levava o alphabeto aos gregos, e não só o alphabeto, senão tambem a arte de escrever; os gregos, colonisando a Italia, transmittiram seu conhecimento aos etruscos; estes por sua vez o passaram aos povos romanos.

E alongava-se por ahi fóra.

Tratava-se da arithmetica? seguia-se tambem a sua historia com as duvidas ou controversias quanto aos que primeiros a exercitaram; segundo Platão, os egypcios; segun-

do Diogenes, igualmente os egypcios; é verdade que os arabes...

A grammatica... Oh! ao chegar a vez da grammatica! Misero Cherubim! lembrem-me aqui este passo: elle attingira aos cimos transcendentos desta disciplina; viera marinhandocomnosco, moroso e molle, como uma lesma, e ora ouvia areado estas grandes vozes: Especie humana... Monogenismo... Anthropopithecus... Classificações morphologicas... Monosyllabismo... William Jones, Alfredo Maury... Selecção... Darwin... Osso intra-maxillar... Comprehende o Roul? Macacos... Nos tempos modernos... Philologia, glottologia... Bopp, Max Muller... Grammaticographos... Ora, o Sotero!...

A hora do encerramento da aula soava, mas á bôcca de Serapião as palavras, sabias e apocalypticas, emgrazavam-se umas ás outras, como interminavel cadeia de sonoros fuzis.

—Vamos lá, meu Raul, questionou elle, emfim, abunde-me mais ou menos nas mesmas idéas.

Têso, impertigado, Raul adeantou-se; ciciou de modo que o não ouvimos, algumas palavras, vermelhinho e escorreito. Serapião jubiloso sorria:

— Muito bem! vejo que comprehendeu. E' a flôr da Mombaça. Gráo dez! Venha agora você, João Felix.

Eu approximei-me, disse não sei o que, estrinqueei os dedos, tossi.

— Pessimamente. Zero! é irremediavelmente bronco.

Veio a vez do Cherubim. Deploravel Cherubim! mecheu os beijos ensalivados e rôxos, espetou os olhos no tecto. Serapião bramiu: vamos! e casualmente pôz a mão na palmatória. Bastou o gesto. Cherubim despediu um grito, largou o livro, levou a mão á cara e desatou a chorar e a babar-se.

— Retire-se já, senão o escangalho! rouquejou derrancado o mestre.

E foi esta a nossa primeira lição de grammatica.

Serapião, logo ao ser diplomado, acceitara a primeira escola que lhe designara a administração; cavalgou animal de aluguel, desmontou na Mombaça e fechou-se em casa com os livros. Entre os de uso didactico, alinhavam-se alguns de

vario saber e eram seus predilectos: Milne Edward, A. Maury, Figuier e P. Gervais.

Compulsava-os attento e cogitabundo, na tristeza e solidão de seu quarto, e acredito que o se lhe abrirem e vasarem sobre nós com tal impeto as reprêzas do saber e eloquencia, era um meio do professor despicar-se comnosco do silencio, em que a sós ficava até noite velha no isolamento do casarão escolar. Um sabio.

Hoje que o considero á distancia, a impressão que tenho d'elle é a que me daria um "papagaio" tangido de vendaval, com a corda rôta e a atirar-se desnorteado pelas alturas. Não de outro modo ia aquelle espirito aos recu'os e arrancos para fóra da escola, rompendo o circulo do officialismo didactico, em busca das eternas luminosas verdades.

Ouçamol-o aqui de passagem, á proposito da geographia, em um dos seus raptos, sobre a genese do nosso planeta.

Scenario estupendo. Estendem-se, sem fenecer nunca, sem praias, sem limites, os mares primitivos. O espirito de Serapião vae levado sobre as aguas. Fez elle vêr, preludiando, os auctores que assignam a vetustade millenaria da Terra; pela mão de Laplace, arrancou esta ao Sol, varejou-a no espaço, destendeu-a em massa gazosa, afundou-a em diluvios, abrasou-a em deflagrações, encrostou-a, á proporção que esfriava; achatou-a nos pólos, bojou-a no equador, arredondou-a num espheroide, e ora ahi vae ella, sujeita á brida da gravitação, descrevendo a sua elypse em tórno do grande astro, centro do systema. Começam de emergir as ilhas, que em breve, centenares de seculos depois, serão continentes; as algas, os fucos vogam, fluctuando aqui, alli, nuncios da proxima vegetação. Mas nas pontas de terra exsurgidas observa-se que já não é só o musgo que verdêa e sorri; brota tambem e remeche-se á luz o feto arborescente, a calamita e o equiseto. Não tardarão as palmeiras; se ainda não vieram, é que por ora não ha abelhas que as empõem no ouro sôlto de sua florescencia e faltam ao solo e ao ar os elementos indispensaveis á sua seiva. Vae de vagar a Natureza, opéra sem saltos e sem a precipitação no esforço, que é propria do homem. Vê o Raul lá ao fundo dos mares esses animaes grandiosos e extranhos? E' a fauna primordial, a

vida animal nas primeiras manifestações — um capítulo que se escreve para ser talvez mais tarde emendado, se não substituído por outro. Nem tudo é estavel na obra da criação; aquelles crustaceos, por exemplo, trilobites ou que outro nome lhes dêem, como que só vieram a titulo de ensaio; a tribu delles mais para o deante desaparece, como um desenho máo que alguém esboça e depois apaga. Os coraes, estes chegam até nós, começam aqui. *Cyatophyllon turbidum*... Que lindos! não valia realmente a pena creal-os assim e desfazer como inutil joia tão rara do escriptorio oceanico. Ahi estão, porém, novas especies, da agua, da terra e agora do ar tambem, do ar respiravel já, temperado tanto quanto é mister ás primeiras vidas. Este monstro? socegue o meu Raul, é um pterodactylo, sorte de giganteo morcego dessas eras de assombro. Olhe que azas enormes! Houve quem o tomasse por um saurus alado. Alli, são insectos, e que insectos! moscas immensas, borboletas descommunes! Vê agora este animal horrifico, semelhante ao nosso crocodillo? E' o paleosaurus. Nomeam-se outros, o ichtyosaurus, o megalosaurus, o ultimo de vinte metros de comprimento da cauda á cabeça. Que fauces! dentes anavilhados e formidaveis...

— Raul?

— Professor...

A este ponto notei que o Raul estava quasi a dormir; respondera arrancando-se ás primeiras papoulas do somno, com um pequeno estremecimento. Dos mais companheiros alguns visivel e escandalosamente cabeceavam. Quanto a mim, aguentava-me, embora os olhos já me rolassem vagos e flaccidos. Fazia um calor oppressivo. O sol transpuzera a janella e barrava de ouro a parede alta e pallida. No ar immovel serenavam as moscas. Serapião proseguia; fazendo conta que todos o ouviamos com o melhor de nossa contenção espirital, nessas occasiões só uma ou outra vez cahiam sobre nós os seus olhos; a scena assombrosa levava-os e elle todo era abstracção e impetos. Impetos de admiração e gôso, como agora que bracejam no ar com seus ramos verdes araucarias, platanos e essas virginaes magnolias, primeiras

que desabotoaram na terra e emborcaram, sorrindo ao sol, as urnas de neve.

Cheropotamus, lophiodon, anoploterium, paleoterium... Eis ahi vêm os mamíferos que é já tempo de apparecerem. Mais um passo sobre os seculos e surgirão outras alimarias, mastodontes, megaterios, o urso, o elephante, a hyena... No mar tambem a fauna avulta e agiganta-se: o *squalus*, de longa serra, o *requiem* voraz... Aquellas moles que ahi vão boiando á mercê das aguas? blocos erraticos. Olhe, meu querido Raul, blocos erraticos...

Aqui, eu, para não adormecer, me puz a repetir mentalmente: blocos erraticos, blocos erraticos...

O mestre proseguia:

— Elles vêm pelo oceano de gêlos, as aguas os carrêam e trazem. Ahi chegam outros e outros... Ora, espere...

— Blocos erraticos... blocos erraticos...

De repente ouvi retumbar um grito:

— Raul! Raul!

Serpião descrevia, com os mil fogos cambiantes, ordenados em leque, uma aurora boreal dos primeiros dias; em sua abstracção, era como se lá estivesse, deslumbrado assistente, ao pé do phenomeno grandioso; á luz maravilhosa, não viu em tórno o amado discipulo; julgou-o talvez submerso no redemoinho das aguas ou arrebatado pelos icebergues phantasticos.

— Meu Raul! meu Raul! repetiu quasi em lagrimas.

A' idéa do tragico successo, o mestre, do horror e esplendor do mundo antigo, cahiu em si mesmo e em sua cadeira de professor da Mombaça. E oh! indignação! toda a aula dormia, de bôcca escancellada e livros por terra. Ergueu-se o professor e, refranzindo tempestuoso o sobrolho, foi nos bicos dos pés, de banco em banco, procedendo a uma verdadeira colheita de orelhas.

— Biltres! — bramava — estar a esbofar-me nestes altos estudos, e vocês a dormirem como uns animaes!

Como por occasião do incidente com o Dioguinho, encerraram-se com isto os trabalhos do dia.

Ocioso é dizer que Raul foi o unico a sahir com as mesmas orelhas com que havia entrado.

Ahi ficam estas impressões de alumno que fui da escola da Mombaça, regida por Serapião Esteves Maldonado.

Vá como epilogo:

Daquelle aviario de crianças nenhuma emplumou, que me conste, para os altos vôos do espirito. Dizem-me que o Cherubim é um idiota rico, o Julinho um perverso, não ha muito arrastado aos tribunaes, como principal cabeça num lynchamento que aterrou a população do Rio das Ostras; entre os mais talvez haja virtuosos e bons. Não sei...

Ia-me esquecendo o Raul: continu'a a ser excepção invejavel, o sol do nosso systema desfeito; bacharelou-se, é orador emerito e representa a provincia na Camara dos Deputados. Quanto a mim, mal pude chegar ao que sou: "come-ta" ou caixeiro viajante neste recanto de Minas, sendo certo que todo o apresto util que me forneceu aquella escola e com que sahi a me haver com a vida, foi o talho de minha letra caligraphicamente impecavel, o conhecimento da moral de Simão de Nantua, e de sciencia, ah! de sciencia! as noções que lá aprendi, vão longe de mim, perdi-as de vista—verdadeiros blocos erraticos...

ALBERTO DE OLIVEIRA

DO ARCHIVO DE JOSÉ DE ALENCAR ⁽¹⁾

LAMARTINE

Monsieur,

J'ai reçu avec une vive reconnaissance les nouvelles si favorables et si inattendues de l'accueil fait par les Brésiliens à mon oeuvre et à mon nom. Je n'avais d'autre titre à leur intérêt que mon respect pour une nation qui a transplanté la Poesie de Camoens, l'honneur du vieux monde, dans le nouveau monde. Le théâtre sur lequel les Portugais du Brésil exercent maintenant leur héroïsme, leur esprit de conquête morale et commerciale et leur génie littéraire est plus vaste et plus magnifiquement décoré par la nature que leur propre patrie européenne. De grandes destinées heureusement commencées les y attendent. Ces destinées leur étaient dues, ils ont ouvert à l'Europe savante et industrielle les portes de l'Inde et de la Chine. C'est à eux maintenant de poetiser un autre continent. Un de mes désirs les plus invétérés a été toujours d'aller visiter une fois cet Eden de l'Amérique méridionale qu'on appelle **Rio Janeiro**. Les vicissitudes de la vie qui me font libre me permettent de me bercer quelquefois de cette espérance. D'après ce que vous m'écrivez, Monsieur, je n'y serais pas seulement un voyageur mais un concitoyen intellectuel de ce peuple de Luziades. Remerciez-le en mon nom de cette naturalisation par mes oeuvres et continuez à m'y faire des lecteurs. Je n'ai eu qu'un mérite dans ma vie littéraire et politique; j'ai semé sur ma route de l'amitié et je recolte des amis dans tout l'univers.

Paris, 24 mai 1856.

Lamartine

(1) Devemos á gentileza do nosso distincto collaborador sr. Mario de Alencar, os documentos interessantissimos que se vão lêr. N. da R.

“O Brasil”

Governos (federal e estadoaes)
diplomacia, vida social, commercio, industria, riquezas, etc.

Pela Societé de Publicité Sud-Américaine

Monte Domecq' & Cie. - Publicistes Editeurs

PARIS, 101, Boul. Saint Michel—BARCELONA, 291, C. Mallorca

Agencia Geral no Brasil: Rua S. Bento, 16-S. Paulo

Endereço Telegr.: MONTEDOMEQ'

A obra mais importante em seu genero, prestigiada oficialmente pelos Governos (federal e estadoaes), associações commerciaes, estabelecimentos bancarios, commerciaes e industriaes da União

SUMMARIO DA OBRA

GEOGRAPHIA PHYSICA do Brasil, geologia, hydrographia, orographia, clima, productos naturaes do solo e do sub-solo, fauna e flora, etc., pelo Sr. Dr. Mario de Alencar (da Academia Brasileira de Letras).

FORMAÇÃO ETHNICA E HISTORICA — Os indigenas, a descoberta, a occupação portugueza. As lutas pela emancipação. O Imperio. A revolução de 1889. Os Brasileiros de destaque no passado e no presente, na politica, nas sciencias, nas artes e na literatura.

SITUAÇÃO DA FEDERAÇÃO — Orientação da politica republicana. A Constituição Federal e as Constituições Estadoaes. A representação dos Estados no Congresso Nacional. Parlamentarismo e Presidencialismo, pelo Sr. Agenor de Roure, notavel escriptor brasileiro.

OS TRES PODERES — O Presidente e os Ministros da Republica. Suas prerogativas e seus deveres. Poder Legislativo. Modo de eleição e attribuições. O Poder Judiciario. Tribunaes, pelo Sr. Dr. Graccho Cardoso, jurisconsulto de nomeada.

ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA — Estados, municipios e autonomia administrativa. Organização politica interna, pelo Sr. Dr. Graccho Cardoso, jurisconsulto.

INSTRUCCÃO PUBLICA — Ensino primario, secundario, superior e profissional. O que o Governo despense para a instrucção. Mecanismo da instrucção, pelo Sr. Dr. Victor Vianna, Redactor do “Jornal do Commercio”.

A HYGIENE PUBLICA NO BRASIL, pelo Sr. Dr. Humberto Got-tuzo, distincto clinico e hygienista e redactor do “Jornal do Commercio”

A CULTURA DO BRASIL — Imprensa. Bellas Artes. Poetas. Prosadores. Scientistas brasileiros, pelo Sr. Dr. Castro Menezes, illustre escriptor, jornalista e Redactor do “Jornal do Commercio”.

A MULHER BRASILEIRA — Pelo brilhante poeta e fecundo prosador Barão de Mucio Teixeira, ex-Secretario do Governo do Estado do Espirito Santo e Consul Geral do Brasil nos tempos do Imperio.

AS INSTITUIÇÕES OFFICIAES E A SUA UTILIDADE NO BRASIL — pelo conhecido publicista Dr. Leopoldo Freitas.

O IMPERADOR D. PEDRO II — Pelo grande historiador Barão Homem de Mello, Ministro nos tempos do Imperio.

A LITERATURA REGIONAL GAÚCHA — Pelo joven escriptor Alcides Maya, conhecido romancista e membro da Academia Brasileira de Letras.

A AVIAÇÃO NO BRASIL — Pelo Presidente do Aero-Club Brasileiro e popular Deputado Federal Dr. Mauricio de Lacerda.

O BUTANTAN — Pelo sabio brasileiro Dr. Vital Brasil

RELIGIÕES — O Clero Brasileiro. As Igrejas, pelo Sr. Dr. Pereira da Silva, illustre poeta e jornalista.

A VIDA PARLAMENTAR BRASILEIRA, pelo Sr. Dr. Victor Viana, o maior publicista brasileiro contemporaneo e Redactor do "Jornal do Commercio".

O EXERCITO — Como se constitue. Sua instrução, tactica, escolas. Effectivo em tempo de paz e guerra. Nomes dos principaes guerreiros e patriotas.

GUARDA NACIONAL — Sua origem. Commando. Regalias. Constituição. Leis, pelo Sr. Dr. C. Tavares Bastos, brilhante e alto funcionario publico.

POLICIAS MILITARIZADAS E ADMINISTRATIVAS — Districto Federal e Estados. Incorporação ao Exercito Nacional. Reservas. Tropas de 1.a linha, pelo Sr. Dr. C. Tavares Bastos, brilhante escriptor.

MARINHA — Efficiencia. Feitos historicos. Seus grandes vultos. Numero de vasos de guerra. Officialidade. Escola Naval. Batalhão Naval. Reservistas navaes e remadores.

A IMPRENSA NO BRASIL, pelo Sr. Dr. Elmano Gomes Cardim, do "Jornal do Commercio", do Archivo Nacional, ex-Director Secretario da Associação Brasileira de Imprensa.

FINANÇAS — Orçamentos. Dividas: interna e externa. Os impostos federaes, estadoaes e municipaes. Orientação da politica financeira. Banco do Brasil e outros estabelecimentos de credito.

OBRAS PUBLICAS — Estradas de rodagem. A ferro-viaria. A Central do Brasil. Canalização de rios. Aproveitamento das quedas de agua. Portos fluviaes e portos maritimos, pelo Sr. Dr. Augusto Ramos, eminente engenheiro e economista.

OS CAPITAES — e a iniciativa estrangeira ao serviço da evolução economica do Brasil.

REFORMA TRIBUTARIA E IMPOSTO TERRITORIAL, pelo Sr. Dr. Luiz Silveira, distincto jornalista e redactor do "Correio Paulistano".

CORREIOS E TELEGRAPHOS — Convenções internacionaes. Collis Posteaux. Serviços de vales. Correspondencia simples, registada e expressa. Mecanismo. Pelo Dr. Ivo Arruda, publicista, Chefe da Secretaria da Liga da Defesa Nacional.

AGRICULTURA — A acção official: Immigração e colonisação. Ensino profissional. A operação da valorização do café. Monocultura e polycultura. Processos de cultura. Machinismo agricola. Principaes productos. Producção actual e producção posivel. Consumo. Exportação. A mão de obra agricola. O credito agricola. Escolas praticas de agricultura, pelo Sr. Dr. Castro Menezes, Director 2.o Secretario da Sociedade Nacional de Agricultura, Secretario Geral da Associação Commercial do Rio de Janeiro, Redactor do "Jornal do Commercio".

PECUARIA — Raças. Methodos de criação. Mestiçagens. Frigoríficos, pelo Sr. Dr. Castro Menezes, Director 2.o Secretario da Sociedade Nacional de Agricultura, Secretario Geral da Associação Commercial do Rio de Janeiro.

COMMERCIO — A politica economica. Direitos de importação e exportação. Impostos. Commercio atacadista. Praxes. Creditos. Productos importaveis. Exportação. Seguros. Fretes. Commercio de varejo. O cooperativismo operario, pelo Sr. Dr. Léo d'Affonseca Junior, illustre Director da Estatistica Commercial do Ministerio da Fazenda.

INDUSTRIA — Orientação. Utilização das materias primas nacionaes. Materias primas importadas. Mecanismo industrial. O capital industrial. Carvão de pedra: hulha branca, pelo Dr. Costa Pinto, Director Secretario Geral do Centro Industrial do Brasil.

RELAÇÕES EXTERIORES — Diplomacia. Consulados. Organização. Vultos historicos. A acção de Rio Branco. Seus successores. A Chancelaria em face do conflicto europeu. A sua attitude, pelo Dr. Helio Lobo, Secretario da Presidencia da Republica.

RIQUEZAS DO BRASIL — Explanação geral e discriminada.

O TURISMO NO BRASIL — Bellezas naturaes do Rio de Janeiro. Passeios mais preferidos. Nos Estados. Os saltos. O Iguassu', etc., pelo Sr. Humberto de Campos, festejado poeta e jornalista e redactor d' "O Imparcial".

**Representante geral no Rio de Janeiro,
JOSÉ COELHO**

HOTEL DOS ESTRANGEIROS

OCTAVIANO

Juca,

Ha muito que não escreves tão bonito desde o principio até o fim como hoje; mesmo muito bonito. E para quem sabe do teu intimo, — muito bem trabalhado!

Lê o que o Firmino diz de ti e o que te escreve. Ha juiz mais competente do que eu.

Teu

F. O.

Nossa viagem fica para amanhã impreterivelmente. Vem cá e vamos juntos. Vem hoje jantar comnosco, porque Eponina quer pôr as culpas em mim.

BOCAYUVA

Alencar,

Tendo tido, infelizmente, impedimentos reaes para dar-te uma prova da consideração que me mereces, acompanhando-te de presença como de longe te acompanhei no justo sentimento que te veiu amargurar, espero que de ti e de tua familia obterá esta carta o indulto que te mereço.

Nem pela falta da formalidade tens o direito de suppor que não sube eu aquilatar em ti a maior dôr de que sejamos susceptíveis e de que eu proprio já experimentei o espinho.

Participando-te que me acho hoje na redacção do nosso antigo "Diario" aproveito a occasião para offerecer-te seu prestimo de que não terás de certo occasião de precisar.

Fui assistir á representação do drama que se executou hontem no Gymnasio e que sei ser teu. Tudo o que posso dizer-te acerca d'elle é que o considero a melhor das tuas obras, conhecidas e por conhecer. Tolera esta hypothese. Só quem tem uia mãe, poderia escrever um poema desses. E' um milagre de inspiração, principalmente attentando-se na condição do typo proeminente da peça.

Adeus; desculpa-me e dispõe de mim como de um antigo

Collega e amigo
teu

S. C. - 25 de Março 1860.

Q. Bocayuva

GONÇALVES DIAS

Am.º e Sr. Alencar.

Desculpe-me de lhe escrever apenas duas linhas: levantei-me de uma enfermidade, que me deixou prostrado, e ainda me sinto mal convalescido.

Remetto-lhe a poesia que me pede, feita ás carreiras, e quando já me achava enfermo. Sinto sómente que ella se deva a um motivo, que tanto desgosto lhe terá causado. Perdi meu pai; ainda creança, deixou-me esse acontecimento uma impressão tal que me faz bem comprehender o que será tal golpe para aquelles que, por desgraça, melhor podem avaliar quanto perderam.

Acceite os meus sinceros pezames, e acredite-me

De V. Exa.

muito affeioado amigo e admirador

A. Gonçalves Dias

Ceará, 27 de Junho de 1860.

CASTRO ALVES

Exmo. Am.º Sr. Conselheiro.

Escrevo a V. Exa. para manifestar o meu reconhecimento pela magnifica apresentação do meu pequeno trabalho. V. Exa. é grande, por consequencia tem a prodigalidade de um millionario de glorias.

Mas para que dizer palavras? A' — carta — de V. Exa., áquelle diploma literario eu só posso responder de uma maneira digna de mim e do meu illustre mestre, é fazendo com que um dia, á força de trabalho, possa ser realizada, senão todas, ao menos parte das prophecias benevolas de V. Exa.

Trabalhar é o meio que empregarei para ser digno do meu illustre Mestre.

E agora tenho a pedir-lhe perdão de não ter ido receber pessoalmente as ordens de V. Exa. Repellido pelo theatro do Furtado, mas depois de capciosas delongas, luctando depois para a publicação do meu drama, tive os dias uns após outros de tal sorte occupados de "nada" que não pude receber a honra de ir cumprir a V. Exa.

Entretanto peço a V. Exa. que acceite as minhas despedidas, e apresente as minhas considerações á Exma. Familia.

Agora permitta-me V. Exa. que me assigne com toda effusão d'alma

De V. Exa. muito amigo, muito admirador, muito agradecido

Castro Alves

(Num exemplar das *Espumas fluctuantes*)

Exmo. Sr. Conselheiro.

Outro fôra o livro que eu quizera offerecer a V. Exa. Seria a florescencia de um espirito que não desmentisse o prognostico de

futuro que fez-me V. Exa. Se o sopro do infortunio matou a seiva que por acaso vigorava-me o estro, não gelou no seio o sentimento de gratidão que me prende ao meu Illustre Mestre e Amigo.

Ao primeiro litterato Brasileiro, eu entrego cheio de alegria o meu trabalho porque sei que o receberão mãos de amigo e benevolencias de um talento soberano.

V. Exa. sabe com que prazer eu me declaro sempre, sr. Conselheiro,

Muito amigo, muito admirador

Castro Alves

JOAQUIM SERRA

Exmo. amigo.

Li os fragmentos e confesso-lhe que esperava aquillo mesmo. A pintura do Amazonas e da floresta virgem abalaram-me. Não sei e nem devo importunal-o com banalidades encomiasticas.

Precisavamos de alguma cousa nacional e grandiosa que nos rehabilitasse depois dos "Tamoyos" e "Colombo". Em boa hora apparecem os "Filhos de Tupan."

Amanhã sahirão os trechos em folhetim. Posso mandar-lhe as provas hoje ás 5 horas da tarde? Onde?

Como deixou-me liberdade na escolha das variantes adoptei as que sahirão impressas. As notas não julgo indispensaveis na publicação do jornal, sendo aliás boas como commentario e elucidario quando sahir o livro. Se, porém, quer que as imprima, fal-o-hei.

Até sempre. Felicita-o quem é com estima

Amigo, collega e admirador

J. Serra

S. C., Junho 18, 1872.

LUIZ GULMARÃES JUNIOR

Meu illustre mestre e amigo,

Não é só V. Exa., primeiro vulto da nossa litteratura, que sofre o ataque brutal dos Cincinatos e dos Sempronios. Faltava á minha gloria essa semelhança com V. Exa., e os "Nocturnos", os pobres "Nocturnos", estão quasi a assumir para mim a posição de um purgatorio litterario.

A grande imprensa disse lindissimas cousas a respeito do meu livro, fez mais do que poderia desejar a minha infantil ambição de pai estreante. Os meus inimigos, porém, baixos e traidores, começam agora a sua impia obra de destruição; ainda ultimamente sahiram artigos em jornaes de pouca circulação é verdade, mas li-

dos, em que os "Nocturnos" soffreram como se diz — bordoadas de cego.

Sabe V. Exa., meu querido mestre, que entre nós a critica torpe encontra mais echo do que o louvor justo e a circumspecta analyse. Eis o motivo, por que um escriptor novel como eu deve arreceiar-se dos ataques desses beocios das letras, que estão enxovilhando a Athenas de J. de Alencar.

Animo-me a pedir-lhe um favor: duas linhas acerca dos "Nocturnos".

Tremo de enleio dirigindo-me ainda uma vez á sua inexgotavel bondade; mas (é forçoso dizel-o) só a autoridade de V. Exa. poderá escudar o meu livro aos botes da selvageria.

Já lhe devo muito, já lhe devo tudo, e mais do que tudo; os "Nocturnos" sem a introdução talvez passassem despercebidos. Mas o quer V. Exa.? Recorro com crescente segurança ao generoso espirito que de ha muito admiro e venero, certo de que a urna de suas inspirações e de seu coração grandioso, mais de uma vez ainda perfumará a minha vida.

Não se constanja, porém; havendo motivo para não acceder ao meu pedido, rogo-lhe que esqueça esta carta.

Eu sempre serei o entusiasta admirador do primeiro nome das lettras brasileiras, e quando me quero consolar das visagens horrendas que por vezes me accommettem na sombra, lembro-me das figuras angelicas de Bertha, de Cecy e de Alice, — e conso-lo-me.

Permitta-me que me assigne com o maior respeito

De V. Exa.

amigo, creado e discipulo obscuro

Luiz Guimarães Junior

Rio, 14 de Abril de 1872.

Londres, 22 de Setembro de 1874

Meu caro mestre e amigo,

Acabo de passar pelos olhos a collecção dos folhetins **Ao correr da penna**; amanhã com vagar os lerei. Desde já, porém, peço-lhe que acceite os meus agradecimentos por este novo raio de sol, que me mandou a sua intelligencia, o seu coração, o seu espirito. Eu não tenho expressões capazes de significarem o sentimento de orgulho e de desvanecimento que me causam as victorias litterarias de V. Exa., primeiro entre os primeiros, e portanto grande do Imperio, digno segundo as velhas e soberanas formulas, de conservar o chapéo na cabeça, perante a magestade do throno e das leis.

O espirito que scintilla nessas fugitivas paginas do livro **Ao correr da penna** é (bem se vê) do mesmo foco, d'onde sahe a luz que enche o talento e a fama litteraria de V. Exa.

Desculpe estas toscas linhas, escriptas no meio de um nevoeiro londrino triste, pesado, britannico, "encarbonado". (A sua Musa, porém, meu caro Mestre, tem o poder de transformar, como a contadora das **Mil e uma noites**, as horas do meu aborrecimento em mezes de flores e symphonias.

Adeus. Receba deste exilado coração os maiores e melhores sentimentos com que sou

De V. Exa. discipulo e amigo certo,

Luiz Guimarães Junior

BENALCANFOR

Illmo. Exmo. Sr.

Emquanto não posso ter a honra de apresentar de viva voz a V. Exa. o tributo do meu respeito e da minha antiga admiração por uma das glorias da litteratura e da tribuna brasileiras de que V. Exa. é uma brilhante personificação, dirijo por esta forma a V. Exa. os meus parabens pela sua feliz chegada, que é para todos nós um prazer e uma honra, pedindo desde já licença a V. Exa. para lhe fazer a minha visita.

Creia V. Exa. que tenho a honra de ser com a mais elevada consideração

De V. Exa. muito attento ven.ºr e admirador

Visconde de Benalcanfor

Cascaes, 20 de Setembro de 1876.

GOMES DE CASTRO

Maranhão, 20 de Outubro de 1877

Exmo. Amigo e Sr. Conselheiro,

O **Paiz**, o melhor jornal desta provincia, propriedade do sr. Themistocles Aranha, cunhado do nosso amigo Dr. H. Graça, publicou em seu numero de 15 do corrente o artigo edictorial, que junto remetto. Espero que outros appareçam no mesmo sentido, e terei o cuidado de enviar-lh'os, para que veja o conceito em que nós temos o autor do **Guarany** etc.

Tenha sempre saude, e disponha do seu

Amigo e servo obr.º

A. O. Gomes de Castro

Dê-me noticias da nossa **conspiração**.

A CONCEPÇÃO FEDERAL DE ALBERTO TORRES

(CONCLUSÃO)

Uma materia da qual Alberto Torres tambem não descurou foi da autonomia municipal.

O artigo 80 do projecto revisionista, assim se inscreve: “as provincias autonomas organisar-se-ão de fôrma que fique assegurada a autonomia dos municipios em tudo quanto respeite ao seu peculiar interesse.”

O artigo 68 da Constituição vigente exprime-se da mesma fôrma, differindo apenas a palavra — Estados — substituida no projecto pela expressão — provincias autonomas.

Parece não ter havido no modo de legislar sobre os municipios a menor differença, comtudo a reforma foi radical.

A Constituição vigente perpetuou no artigo 68 dois erros graves: um de direito e outro de facto. O de direito consistiu em impôr aos Estados a autonomia municipal, o de facto em não haver remediado o erro regulamentando o proprio artigo.

Federação é um regimen em que passam para o numero das prerogativas da União apenas aquellas que por qualquer fôrma se tornem indispensaveis á permanencia da unidade politica e social, cabendo aos Estados as demais attribuições; mas neste caso a autonomia dos municipios que nada tem a vêr com a unidade do paiz, não deve absolutamente ser objecto de cogitação das constituições federaes.

Não obstante, admittamos que tivesse havido necessidade de violar a semelhante respeito, as regras do regimen federativo, tal como quando foi retirada aos Estados a faculdade de legislar sobre direito substantivo e de organisar o culto official; mas se a hypothese de uma necessidade desta especie fosse admissivel, ahi mesmo é que estaria o erro de facto porque, uma vez que a Constituinte reconhecia

a necessidade de violar as alludidas regras, fizesse-o logo com discernimento, declarando o que entendia por autonomia municipal.

Autonomia é aquella porção de direitos de ordem politica limitada pelos essenciaes ao exercicio do governo soberano, comtudo se facil é caracterisal-a como espolio dum Estado numa Federação, o contrario é o que se dá relativamente aos municipios cuja autonomia é definida pelas mais variadas ficções juridicas.

No projecto Alberto Torres já não existe o mesmo erro verificado na Constituição vigente, porquanto a fronteira entre as prerogativas das provincias e as da União é estabelecida de maneira que deixa a ultima numa latitude muito consideravel, o que finalmente redundaria em autorisal-a a regulamentar em qualquer tempo a autonomia municipal.

Um ponto da actual Constituição em que o jurista absolutamente não tocou, no que aliás estamos de perfeito accôrdo, foi no presidencialismo.

Dizem estadistas da maior responsabilidade e experiencia que, sendo a Republica o governo do povo pelo povo, deve ser consequentemente, para não mentir a si propria, parlamentar. Apesar do respeito e acatamento que nos possam merecer tão altas personalidades, opinamos que uma Republica parlamentar é apenas, como acima diziamos, Republica demais. Neste regimen, a figura imprescindivel, é um chefe do poder executivo do maior criterio. Sobre tal chefe o Parlamento age moralmente, sustentando-o e abalando-lhe o gabinete, mas por outro lado elle dá a este ultimo o destino que entende, agindo para isso discrecionariamente. O chefe do poder executivo julga de facto, em consciencia, da moralidade, da capacidade e até da popularidade do Ministerio. A lei lhe faculta dissolver Camaras, conservar ou demittir ministros, o que redundaria afinal em fazel-o dictador, se fôr um homem de vontade, e figura de prôa duma dictadura parlamentar, se, como quasi sempre acontece, aquelle attributo lhe carecer.

E' possivel, convenhamos, uma corrigenda, limitando-se os casos de dissolução de Camaras e demissão de ministros, mas uma reforma desta especie não é nem mais nem menos do que sujeitar um chefe de Estado aos effeitos de qualquer conspiração dos parlamentares, sancionando assim o que no parlamentarismo puro é uma possibilidade commum mas, em todo o caso, apenas uma possibilidade.

De maneira que, ou se transforma o parlamentarismo puro numa disfarçada dictadura de Congressos, ou se conserva em toda a essencia deixando ao chefe do poder executivo uma acção real e outra moral aos Paramentos. No primeiro caso está um desastre, no segundo uma doce esperanza, dependendo do criterio do chefe do poder.

Quem entra nos bastidores do parlamentarismo inglez, sente-se logo ás escuras ante a falta de leis e regras juridicas relativas ao

regimen. E' muito commum existir uma porção de principios de direito publico de verdadeira importancia, baseados em puro uso. Mas a explicação destes factos é que lá o parlamentarismo é o regimen da opinião, duma opinião porém, muito educada, experimentada e conservadora, de maneira que o Parlamento que a reflete e que tal como ella se apoia sobre a aristocracia, é muito senhor de si, muito altivo mas ao mesmo tempo muito frio, seguindo-se pelos usos invariaveis da opinião e agindo sempre com relativo acerto.

Lá o Parlamento é mais soberano do que o rei, mas nos paizes como o nosso, sem a necessaria experiencia politica, que é tudo num tal regimen, a interpretação a dar-lhe ha de ser bem diversa da ingleza. Entre nós o parlamentarismo deve ser apenas um regimen em que o gabinete é fiscalisado directamente pelo Congresso, estabelecendo-se dahi uma especie de inquerito politico donde o chefe de Estado tira as suas conclusões e em seguida dissolve as Camaras, conserva ou demitte o Ministerio, conforme julga mais acertado.

Nas monarchias o parlamentarismo é o unico regimen conveniente, porquanto a paixão partidaria do chefe de Estado, o seu maior obstaculo nas Republicas, mais raramente ahi se accomoda, e, além disso todo o aparato de respeito, quicá exaggerado e nocivo em suas consequencias moraes e praticas, se quebra ante um ambiente em que a politica faz-se á escancara, com exposições de programmas e debates impertinentes.

No Brasil pois, o parlamentarismo que nos convém, o unico que se pôde accomodar a nós, depende acima de tudo do criterio do chefe da nação, e, se o prégamos como antidoto ás más presidencias, sonhamos apenas com utopias.

Assumpto inseparavel de qualquer regimen politico, a questão religiosa não foi esquecida por Alberto Torres. O artigo 3 do projecto de reforma constitucional esclarece de maneira mais categorica a separação entre a Igreja e o Estado. O jurista pretendeu retirar ao artigo 11 § 2 da Constituição vigente, toda a elasticidade que lhe pudesse advir. Não ha nesta mudança de redacção um acto verdadeiramente necessario.

A separação entre a Igreja e o Estado não foi absolutamente democratica, (apesar de ter vindo á luz numa época em que tanto se falou de democracia), porquanto no Brasil a minoria que não é catholica, na quasi totalidade, é indifferente em materia religiosa, e precisa alguém, por via de regra, ter uma reputação muito consolidada para, sem se arriscar ao ridiculo, seguir outro culto qualquer. Não foi equidosa, porquanto o Estado pôz para trás um alliado tradicionalmente fiel, por isso que se tornou desde os tempos coloniaes, o latego da oppressão, a ponto de fazer do publico a mais velha tribuna reaccionaria, e que além de tudo se ha collocado ao lado da patria e da sua unidade e independencia nas emmergencias de

maior perigo. Não foi uma aspiração nacional, porquanto o que intimamente vinha sendo agitado como medida necessaria, desde as épocas mais remotas, eram apenas a secularisação dos cemiterios, o casamento civil e outras reformas affins; além do que o catholicismo se achou sempre tão profundamente vinculado á historia do Brasil que desde a Inconfidencia até a Confederação do Equador e desta até o 7 de Setembro, o plano do symbolo catholico na bandeira, sempre em evidencia, veiu a ter a sua consagração no mais glorioso momento historico. Não foi um passo á frente, porquanto paizes tão ou mais cultos do que o Brasil ainda conservam a religião official.

Finalmente, a separação entre a Igreja e o Estado foi uma cópia inepta da lei identica americana porque lá, onde as figuras de maior relevo tinham communmente os dois testamentos em suas bibliothecas e ás vezes só estes livros, e onde até, segundo um escriptor illustre, trouxeram ellas para a Constituinte as inspirações da Constituição hebraica, ao envez do que aqui se deu, o culto official seria irrealisavel á vista da variedade de seitas existentes, o que aliás não obstou que alguns Estados houvessem estabelecido que nenhum athéu fosse capaz de occupar qualquer cargo estadual.

Verdade é que o artigo 11 § 2 foi obra do nosso maior constitucionalista que, havendo percebido claramente o esforço de certa corrente philosophica em conseguir para os Estados a liberdade de amparar a religião que lhes approvesse, comprehendeu bem de que se tratava e redigiu, evitando o mal, o referido artigo. Todavia, apesar de não haver na reforma de Alberto Torres, os perigos evitados no artigo 11 § 2 da Constituição vigente, preferimos, dada a hypothese de continuar a separação, a permanencia deste artigo, tal qual se acha redigido, com toda a sua elasticidade interpretativa.

Se é da essencia dos legitimos regimens federativos, que fiquem na alçada da União apenas as attribuições que directa ou indirectamente se tornem imprescindiveis á unidade politica e social, passando aos Estados todas as demais, inclusivé a que se refere á materia religiosa, força é então convir que, ainda desta vez Alberto Torres não se desviou da sua maneira de adoptar a federação ao Brasil, pois, não favorecendo o culto official da União, não insinuou tão pouco que os Estados o decretassem, dando, por isso mesmo ao regimen um feitiço homogeneo, nacional e unificador.

Se não concordamos, portanto, com a nova redacção do artigo em projecto, permanecemos na melhor solidariedade no modo de apresentar a federação.

O artigo 16 do projecto revisionista de Alberto Torres é uma curiosissima innovação: passam a ser orgãos da soberania nacional, o poder legislativo, o executivo, o judiciario e o coordenador, todos harmonicos e independentes entre si. Antes de mais nada, seja-nos

permittido discretear em torno da harmonia e independencia dos tres orgams actuaes.

Temos ouvido a um philosopho que se presa de illustrado e que, duma maneira geral, o é, affirmar com a maior serenidade de espirito que, se os tres orgams actuaes são independentes, não se comprehende que um "veredictum" do judiciario federal obrigue aos demais poderes.

A resposta é mais clara do que a agua. A independencia alludida quer tão sómente dizer que um poder legisla, outro executa e o terceiro julga. Ha pois, uma differenciação de funcções que a linguagem classica dos primeiros tratadistas denominou independencia; e tanto isto é verdade que a theoria da independencia dos tres orgams foi e, salvo mediante uma innovação juridica, será, sempre acompanhada da harmonia.

Quando Hamilton, esforçando-se em arrastar o Congresso de Nova York á adopção da carta federal americana, escreveu aquelles geniaes artigos de imprensa que, consolidados mais tarde, tornaram-se uma obra prima do direito publico, explicou também com uma transparencia verdadeiramente crystallina, o sentido da harmonia, apesar de independencia dos tres orgams soberanos. Para o jornalista insigne, podendo o judiciario federal julgar inconstitucionaes as leis do Parlamento ou os decretos do executivo, ainda assim não criava nenhuma desharmonia ou preponderancia sobre os demais orgams, pois tratava-se dum tribunal que não dispunha da espada, nem lidava directamente com o Thesouro. E se por ventura, continuava, fosse concebivel a hypothese do mesmo tribunal voltar-se indignamente contra os interesses da nação, outra idéa immediata teria lugar, a falta de fé na justiça e a transferencia ao legislativo de todas as attribuições da Suprema Côrte.

Além das circumstancias mencionadas, é digno de nota que não tendo o judiciario o direito de iniciativa, nem podendo figurar como orgam de consulta, senão como juiz que opina e fórma jurisprudencia sobre o processo que lhe é offerecido, estende por isso mesmo em torno de si uma cadeia de restricções, capaz de contrabalançar toda a sua imaginaria preponderancia.

Todavia, se uma tal preponderancia assim devesse legitimamente ser chamada, não seria comtudo motivo de pasmo, ante a hegemonia ainda mais accentuada dos Congressos em regimens que nelles assentam.

No regimen presidencial que é o que mais se accomoda ao federativo, e ás suas primeiras gradações, a lei constitucional, dada a estabilidade do regimen e a importancia das prerogativas dos Estados, tem um caracter de rigidez sempre muito accentuada; dahi existir um poder encarregado da missão de velar, na ultima escala da infalibilidade juridica, pela guarda da lei alludida. Assim pois, o

judiciário, o órgão imparcial, por sua natureza e seu fim, é o mais alto, encarregado da referida guarda.

Nos regimens parlamentares já o caso é diverso. Num regimen plastico dinamico, por assim dizer, feito para evitar os conflictos com a opinião publica, não deve haver á frente do gabinete um obstaculo qualquer; ahí as constituições tem que ser tambem plasticas, accomodando-se a todas as necessidades do momento, e este aspecto é por tal fórma inseparavel do regimen, que na Inglaterra, a sua grande criadora, não se conhece Constituição, ou antes, se esta existe, compõe-se apenas de um artigo, sem paragrapho, onde se lê: — o Parlamento faz o que quer.

No primeiro caso o regimen é estatico, as constituições são rígidas e por isso mesmo, só um poder como o judiciário, por sua natureza e fim, cercado de restricções e desviado dos conluios partidários, deve ficar encarregado da guarda da lei constitucional.

No segundo porém, trata-se dum regimen plastico-dinamico em que a opinião publica age com energia e, onde portanto a Constituição é guardada e, até mesmo modificada violentamente pelos Parlamientos, representantes da alludida opinião.

Póde-se então dizer que em ambos os regimens aquelles dois poderes exercem verdadeiras funcções tutelares sobre os destinos do paiz: num, guarda-se a ordem juridica ou constitucional, noutro a parlamentar ou politica.

Com um pouco mais de esforço interpretativo ainda é facil concluir que esse dois órgãos soberanos exercem as funcções moderadoras ou equilibradoras, inseparaveis de todo e qualquer regimen, por mais caprichoso que venha a ser. E, já que incidentemente vimos chegar a tal ponto, digamos logo que o chamado poder moderador, exercido no regimen passado pelo monarcha, cahiu da moda apenas na denominação, no detentor e na especie de attribuições, pois encerra, apesar de tudo, uma profunda verdade.

Em todo e qualquer systema politico ha sempre a necessidade de uma quanta somma de arbitrio em bem de todos, residindo ora em maior, ora em menor escala, ora num, ora noutro poder.

Alberto Torres, havendo ideado um regimen presidencial federativo "sui generis", com alguma coisa da plasticidade do parlamentarismo e umas quantas transacções com a centralisação, retirou do judiciário aquellas prerogativas, por assim dizer moderadoras, decorrentes da Constituição actual e transferiu-as a um poder de nome mais suggestivo e attribuições mais francas e explicitas. O jurista, criando um poder coordenador por excellencia das peças e idéas fundamentaes da Constituição futura, revelou de uma maneira pouco vulgar toda a largueza e virilidade do seu espirito.

No regimen decahido, a chamada geração da velha guarda conservadora, entendia que as attribuições de character moderador, de-

viam permanecer na corôa, independentemente da referenda dos ministros; emquanto que o partido liberal queria vel-as transferidas para o poder executivo, ou antes para o Ministerio, apoiado sobre o Congresso, tal como se dá na Inglaterra onde aliás, diga-se de passagem, este assenta na aristocracia.

No regimen actual ha os que resolvem apressada e levianamente a questão, propondo a dictadura do executivo, com o açambarcamento de todos os demais poderes; ha ainda os que entendem que semelhantes funções, embora por fôrma muito vaga, devem caber ao judiciario federal e até mesmo ao Senado; e finalmente em ultimo lugar, vem os pregoeiros da autonomia a mais ampla, do suffragio universal, da electividade até onde fôr possível, da liberdade, do progresso e da revolução... Ou estes ultimos, que nada resolvem, ou Alberto Torres, que se propõe a resolver quasi tudo, criando um quarto poder, que mais coordena do que modera.

São innumerables as attribuições do poder coordenador: umas, de character tutelar, onde zela constante sobre os destinos do paiz; outras, que se ligam a toda a politica nacional, como a de apurar a eleição do presidente da Republica; e outras, emfim, muito assemelhadas ás do Supremo Tribunal Federal, embora bem accrescidas e amparadas do direito de iniciativa que aquelle não tem. Da ultima especie citaremos: 1.º, o direito de autorisar a intervenção, na fôrma do artigo 6.º; 2.º, o de resolver os conflictos dos poderes federaes, provinciaes e municipaes, entre si, as questões de duplicata, etc.; 3.º, o de declarar, á vista do requerimento ou ex-officio, a inconstitucionalidade das leis federaes, provinciaes ou municipaes. Ora, por ali vê-se que as tres ultimas especies de attribuições teria o Supremo Tribunal vigente, se lhe não fallecessem o direito de iniciativa ou de agir ex-officio e a competencia para conhecer da materia politica que elle mesmo distingue e aparta da sua alçada.

Reflectamos um pouco sobre a oportunidade de taes prerogativas.

Ha nas attribuições implicitas do Supremo Tribunal uma que não deixa de ser perigosa; referimo-nos á solução dos chamados casos politicos.

Ha duas especies de casos desta natureza: uns, apesar de ligados a interesses de ordem politico-partidaria, resolvem-se ante a simples inspecção da lei, como seja a solução de uma duplicata de governos estaduaes que por sua vez se prenda á de uma duplicata de assembleas, que finalmente é apurada depois de verificado qual dellas se organisou perante uma mesa constituida de accôrdo com a legislação em vigor; os outros não se resolvem ante a simples inspecção juridica por isso que, dada a sua natureza, devem ser apreciados por juizes de facto, como seja, por exemplo, a apuração de votos de um deputado ou senador. Os primeiros só tem de politico o interesse que des-

pertam nos partidos; os segundos tudo, desde a sympathia partidaria até a impossibilidade de se resolverem por outros juizes que não sejam os de facto.

Ora, se ao Supremo Tribunal cabe distinguir um caso juridico dum politico, apartando da sua alçada o segundo, parece razoavel que se lhe deve retirar até mesmo a competencia para conhecer da primeira especie de casos, dada a sua profunda expressão partidaria. Todavia bem contrario é o nosso modo de vêr, pois, desde que um processo é de character juridico, será com certeza melhor julgado por um tribunal de juizes de direito do que por um de juizes de facto, sobretudo porque ao primeiro falta a iniciativa, o que lhe não permite ir ao encontro dos casos, senão esperar que venham ao seu conhecimento pelos tramites legais.

Ha pois um grave defeito na concepção do poder coordenador que é o de ser um coordenador de attribuições politicas e juridicas ou antes um juiz de facto e de direito. Um poder nestas condições ha de ter a um tempo a ponderação de magistrado jungido á letra fria dos codigos e a de um homem de bom senso que o aparta, se julga necessario. Ora, convenhamos que, para um conselho nestas condições far-se-ão mistér homens excepcionaes que embora existentes, no Brasil só poderão ser achados por um acaso providencial.

Retirem-se-lhe as attribuições que ora cabem ao Supremo Tribunal, faça-se-o um coordenador politico, em vez de politico-juridico, e não seremos nós que vamos nos insurgir contra semelhante criação, que ficará no Brasil exercendo o papel de um verdadeiro conselho de Estado á moderna, accrescido de funções e com uma missão mais larga.

Se houvesse por acaso Alberto Torres ideado um regimen parlamentar-federativo em que por isso mesmo, de um lado resaltasse a plasticidade politica com a hegemonia dos Congressos e de outro a estabilidade necessaria á permanencia do federalismo, fazendo crescer a importancia do judiciario, é claro que a ordem num tal sistema de governo, a um tempo politica e juridica, parlamentar e judiciaria, só poderia ser guardada por um conselho de duplas funções, por um coordenador politico e juridico. Mas no projecto não ha razão para tal, uma vez que o regimen é presidencial-federativo.

Assim, não deve ali o conselho nacional guardar outras funções que a de coordenador politico, isto é, auxiliar e conselheiro do Congresso e do Executivo, ficando o Judiciario incumbido da ordem juridica, unica base possivel do presidencialismo e da federação.

Não ha que temer da entrega para o futuro, ao poder judiciario, da attribuição de julgar irrevogavelmente da legalidade dos actos legislativos ou executivos, em face da Constituição.

A attitude assumida ultimamente pelo Supremo Tribunal a respeito dos chamados casos politicos, longe de provar a inconveniencia

das suas attribuições implicitas, patenteou apenas de parte dos nossos homens de governo, o desprezo e a audacia a mais absoluta em encerrar as leis nacionaes relativas á organização estadual ou federal. Não se houvessem os politicos compenetrado lamentavelmente da nenhuma importancia civilisadora das leis e dos tribunaes, não houvessem elles criado um ambiente sem moral onde se valia o capricho dos mandões, e o poder judiciario não seria importunado ou, se o fosse, mandaria ao requerente bater a outra porta.

Os vencidos accusavam o tribunal de exercer funcções dictatoriaes, como se fosse concebivel tal attitude num poder que só age interpretando a lei e que, além do mais, carece de iniciativa; mas nada disso importa, continue o Judiciario federal a apreciar os casos politicos de natureza juridica e, dentro em breve, os cabos eleitoraes amedrontados hão de acatar com maior cuidado a lei, os casos tornar-se-ão raros e a grita ridicula contra a dictadura judiciaria passará da moda como qualquer canção de carnaval.

Insistindo em adaptar, a seu modo, o federalismo ao Brasil, Alberto Torres aconselha a unidade do direito processual e da justiça, plano aliás tão recommendavel que já deixou de ser uma idéa pessoal para ser de toda a gente sensata. Tal reforma só merece bengams, comtudo ainda uma vez lembremos que a unidade da magistratura ao lado da electividade do governador das futuras provincias equivale a fazer funcionarem os tribunaes dentro de hospícios de loucos furiosos.

Ha nas prerogativas do Supremo Tribunal de Justiça em projecto uma criação que, expressa de outra maneira, virá a ser a mais bella das novidades juridicas que se instituíssem no Brasil. Trata-se do "mandado da garantia destinado a fazer consagrar, respeitar, manter ou restaurar preventivamente os direitos individuaes ou collectivos, publicos ou privados, lesados por actos do poder publico ou de particulares para os quaes não haja outro recurso especial."

Existe ahi um equivoco de redacção que é o "restaurar preventivamente", não obstante, melhor interpretado o pensamento do autor, deverá o mandado ter efficacia antes ou depois de violado o direito.

Cria-se pois um recurso que vem preencher todas as lacunas do "habeas-corpus", medida de garantia de ordem individual e que só, graças a uma sabia e repetida jurisprudencia, tem alargado a sua acção em beneficio de quasi todos os direitos conculcados.

O mandado de garantia, verdadeiro tropheu da nossa litteratura juridica, se é quasi inutil em relação aos direitos privados, já garantidos pelos interdictos e as acções ordinarias em geral, é comtudo, relativamente aos demais direitos, um novo "habeas-corpus" que haja por acaso extendido a sua rede protectora, não só até onde as

ha a jurisprudencia de agóra, mas ainda até onde quizeramos que o houvesse.

Muito coherente com a idéa geral de fazer do poder coordenador o mais alto interprete da Constituição, aconselha Alberto Torres que, quando o direito lesado fôr de natureza essencialmente politica, só o alludido mandado seja posto em vigor em seguida á audiencia daquelle poder.

Do ponto de vista em que vimos de nos collocar, discordamos de tal audiencia e antes insistimos em que o poder coordenador seja ouvido apenas como parte, pronunciando depois o Tribunal o seu "veredictum" inviolavel.

No numero das attribuições do poder legislativo criado por Alberto Torres não ha propriamente novidade alguma, todavia outro tanto não succede a respeito da sua constituição. Compõe-se o Senado de 5 senadores elegiveis por todo o paiz, 21 elegiveis por cada uma das provincias e do Districto Federal e mais 37 elegiveis por varios grupos de eleitores nas seguintes condições: 3 pelos sacerdotes do culto catholico, 1 pela Igreja e Apostolado Positivista Brasileiro, 1 pelos sacerdotes e demais confissões religiosas, e afinal outros em varias proporções por diversas classes: magistrados, medicos, advogados, engenheiros, lavradores, operarios urbanos, agricolas, jornalistas, associações de caridade, congregações de academias, etc.

A vista do projecto de organização da futura Camara alta é facil discordar, em parte ao menos, da fórma de o compor, comtudo merece a maior solidariedade a idéa geral ali encarnada de se transformar o actual Senado num outro que represente classes responsaveis, em summa, numa alta Camara patricia.

Se a função dos Senados tem sido e ha de ser sempre a de uma força mais moderada, que contenha os excessos das assembléas populares, das duas uma, ou se o transforma numa Camara verdadeiramente conservadora e patricia, ou então se o elimina, deixando o poder legislativo entregue exclusivamente a uma unica assembléa democratica.

Talvez não haja em todo o mundo culto um chefe de Estado mais poderoso do que o presidente da Republica Americana, nem mais despido de autoridade do que o rei da Inglaterra. Ambos os exemplos, aliás, explicam-se facilmente. No primeiro, o legislativo é fraco, porque assenta sobre um Senado quasi democratico e temporario e no segundo é soberano, porque a Camara popular se apoia sobre a aristocracia dos lords.

Accordamos em absoluto na transformação do Senado actual numa alta Camara patricia, mas, pelo contrario, não somos solidarios com a organização da Camara dos Deputados, composta de 125 membros eleitos por suffragio directo, sendo a metade deste numero eleita

por districtos eleitoraes, um quarto por Estados e um quarto por todo o paiz; porquanto se a razão de ser da dualidade de Camaras é exactamente a coexistencia duma popular ao lado de uma patricia, a primeira não deve representar grupos ou classes cada um de per si, mas os Estados ou a população nacional em conjunto, além de carrecer de maior numero de representantes das tendencias e idéas, espalhados pelo paiz.

Nota-se em toda a obra de Alberto Torres uma idéa em caminho: a selecção do suffragio. Assim, o presidente de Republica que passa a governar 8 annos é escolhido pelos presidentes de provincias, senadores e deputados federaes e estaduaes, membros do poder coordenador, do Tribunal de Contas, de toda a magistratura e ministerio publico, professores dos estabelecimentos officiaes de ensino, etc. .

Ha neste eleitorado um grave inconveniente que é o voto concedido aos membros do poder coordenador e aos ministros do Supremo Tribunal. Os primeiros que, segundo o projecto, são os apuradores da eleição, não devem votar sob pena de se tornarem juizes e partes no pleito; os segundos tambem não, porque num certamen eleitoral em que são relativamente poucos os votantes, cada ministro passará a constituir uma grande força politica, desviando-se, portanto, do seu verdadeiro ambiente qual o da passivel indifferença partidaria. Feita porém, esta corrigenda, o eleitorado já é acceitavel e sobretudo muito mais limpo do que o repugnante suffragio universal.

Aqui ficamos na apreciação da Republica Federativa de Alberto Torres.

A selecção do suffragio, base de toda a democracia criada por homens de boa fé, um Senado verdadeiramente patricio sem o que a dualidade de Camaras é apenas uma inepecia, um poder coordenador dos principios e fins da lei magna, o federalismo interpretado á luz da idéa culminante de se descentralisar a administração, sem se desarticular a politica, nem se desmembrar uma patria cuja unidade custou o esforço herculeu dos seus estadistas authenticos, e eis em duas linhas o plano synthetico da reforma de Alberto Torres que ha de causar confusão aos pregoeiros da Republica Federativa, feita vehiculo do esphacelamento e da ruina.

Rio de Janeiro.

PORFIRIO SOARES NETTO.

VIDA OCIOSA

XXI

— E' como lhe digo, sô doutor: a linha da divisa passa por esta cova, a vinte braças de um oleo pardo; por aqui vae descendo...

E o dedo do meu jurisdicionado ia descendo por um papel sujo, esboço de mappa, de dobras rustidas de velhice.

— Sim, sim! Já me disse isso; mas não posso, absolutamente, dar opinião; procure um advogado de sua confiança, exponha-lhe o caso...

— ... vae descendo, até esbarrar no córgo do Zé Elias. Aqui faz um bico...

Levantei-me, impaciente, e puz-me a passear agitado pelo escriptorio. Forte maçada! Precisando ir ao Corrego Fundo e aquelle estupor a moer-me a paciencia com a historia infindavel dos seus litigios! Se o não despejei vinte vezes pela janella é que me commovia a humildade paciente com que acolhia meus phrenesis. Desta vez ainda emudeceu com o papel sujo estendido sobre a perna, á espera.

— Pois vá, vá perguntar a um advogado o que quizer. E olhe, tenho serviço, não posso attender ao sr. toda a vida.

Mau grado estas palavras asperas, meu consulente continuou encrustado na cadeira.

Recomecei meu passear agitado, buscandô divertir o pensamento. Sobre a mesa vi, dobrado, o papel azul recebido de manhan. Um doce calor de jubilo filtrou-se-me no

espírito. Senti-me feliz. Mas uns gordos autos de embarcos, que avultavam logo adeante, esfriaram-me consideravelmente a alegria. Diabo! Tanto atrazo no serviço... Os prazos findos rabujavam em minha consciencia lenga-lengas interminaveis, atassalhando-me de remorsos.

Afastei essa vista importuna e voltei-me para o gramophone. Era uma velha machina, preciosa, que, de empréstimo, se desgovernara desoladoramente. Mas o ultimo empréstimo dera-lhe virtudes raras, muito do meu agrado. Mesmo sem disco tocava musicas de Wagner, ricas de estrepito. Desloquei a mola e elle começou. Primeiro foi um roncar surdo de tempestade que cresce; subito desencadearam-se trovões rolantes, de mistura com guinchos inexprimeis. Em seguida amainou e poz-se a piar e ringir com um accento tão animal, que bulia nas fibras do coração. Foi nesse ponto que bateram palmas á porta.

— Sr. dr., licença para tres! — exclamou uma voz de velha.

— Oh! a boa surpresa! — retruquei correndo ao encontro dos meus amigos do Corrego Fundo.

Era a primeira vez que os via na cidade. Viviam tão comsigo e ilhados na sua pobreza, amavam tanto seus habitos tranquillos, que a novidade quasi me alarmou.

— Pois aqui estamos! disse o velho Prospero, entrando. E especialmente para ver o doutor.

Recebi-os jubiloso.

— Um homem solteiro morando sósinho num casarão destes! — admirou-se siá Marciana.

Mostrei-lhes a casa, a sala de jantar, a cozinha onde o meu moleque queimava systematicamente o feijão, a horta afundada em hervas altas; depois levei-os ao escriptorio onde accendi o fogareiro de alcool.

— O sr. tambem é meio cozinheiro, gracejou siá Marciana.

— E faço questão de que me conheçam a força.

Offereci-lhes cadeiras, onde silenciosamente se sentaram. Notei algo de estranho em meus amigos. Raras phrases proferiam, como se os ganhasse uma grande preoccu-

pação, e, a miudo trocavam olhares de intelligencia que me intrigavam.

Notei ainda que o sr. Prospero vestia a sobrecasaca de grande gala. Mnito deveriam ter-se alarmado as borboletas da minha porteira! Pronunciei algumas palavras para puxar palestra; ellas, porém, congelaram-se no silencio dos tres. Trocaram, a esse ponto, novos olhares significativos.

Então o sr. Prospero levantou-se solenne.

— Americo, me dê os oculos.

Os oculos! Era grave. O velho só os punha em circumstancias excepcionaes.

Ageitou-os atrás das orelhas, e voltando-se de novo para o filho:

— Americo, me dê a caixinha.

Recebeu das mãos do filho um pequeno volume embrulhado em papel de seda e amarrado com uma fitinha; e, voltando-se para mim, começou em voz pausada:

— Sr. doutor, nós temos contas velhas que ajustar. Faz alguns annos que o senhor nos dá o prazer de frequentar o nosso rancho. Lá o recebemos, não como hospede, e sim como filho. No emtanto o senhor — e aqui brandiu o indicador ameaçadoramente — de cada vez que nos visita deixa um pacotinho de pratas, como se lhe cobrassemos o nosso feijão. Nunca nos recusamos a recebê-las, para pol-o mais á vontade; secretamente, porém, conspiramos uma vingança, isto ha mezes, ha annos, esperando que a não levasse a mal.

— Mas... — ia-me eu defendendo.

— O senhor é muito orgulhoso — e o dedo brandiu de novo — muito mesmo, por isso, como não queria o nosso feijão, tambem, orgulhozinho de pobres! não queriamos as suas pratas. E a vingança foi esta: notamos que os seus dedos andavam muito limpos, faltava nelles qualquer coisa. Se tivéssemos recursos, far-lhe-íamos um bello presente; não sendo possível, então eu disse á prima: “Vamos juntando as pratas da “hospedagem” (senti nas faces o grypho da palavra) “e lh’as devolveremos sob a forma de um annel. Se não acceitar como devolução, acceitará como

brinde de amigos." E aqui está, sr. doutor Felix, a vingança dos seus piracoaras...

A estas palavras abriu o estojo e estendeu-m'o. Era uma joia bellissima, deitada sobre velludo, tendo no aro as insignias da justiça. No engaste uma grinalda de brilhantes chammejava á roda de sanguineo rubi.

— Que belleza! exclamei, examinando o mimo; a lição foi boa — castigaram-me o orgulho. Mas os senhores estão também mareados desse peccado...

— Nós? — e os velhos admiraram-se.

— Decerto. Castigaram-me por não acceitar seu feijão. Precisam de castigo por engeitarem minhas pratas...

— O caso não é o mesmo, protestou Prospero.

— E', sim, atalhei. A minha desforra, porém, será immediata.

Depuz o estojo na mesa e, tomando o papelucho azul, entreguei-o solennemente ao Americo, dizendo:

— Sr. professor, acceite meus cordiaes parabens!

Americo leu — tremeu-lhe a mão, tremeu-lhe o beijo, ficou pallido e sem fala; e subito atirou-se sobre mim, estreitando-me convulsivamente:

— O' sr. doutor... sr. doutor...

Estava um tanto theatral, mas era sincero; mais do que eu, que, em vez de rejubilar com o seu jubilo, divertia-me com a situação que me obrigava a attitudes de quinto acto. Essa coisa tão importante para Americo, para mim pouco significava, pois, crear uma escola rural no Corrego Fundo e nomeal-o professor, não fôra exito em que eu despendesse grande esforço, graças a certas facilidades de occasião e ao influxo de prestantes intermediarios.

Emquanto Prospero arrancava o alviçareiro telegramma das mãos do Americo, tartamudeava este que nunca ousara esperar que se realisasse um dia o seu sonho secreto. E, lançado em contrastes de sentimentos, ora irradiava, felicissimo, ora turbava-se, duvidoso dos seus proprios meritos, achando a tarefa muito grande para seus hombros frageis.

— Duvida, Americo, duvida bastante, meu amigo—philosophei—que as realidades mais doces são as que saem das duvidas mais amargas.

Inteirados por sua vez da nova, os velhos ficaram uns instantes sem voz, como o Americo; depois, identicamente, tremeram de mãos e labios, e abraçaram-me, e exultaram, e duvidaram — o que me ensinou que os lances da vida são muito parecidos, duas alegrias, pelos modos, assemelhando-se entre si como duas gotas d'agua.

Mas a machina, roncando, annunciou-nos prompto o café. Servi. Bem salgada pareceria a bebida a Prospero, tantas lagrimas nella misturava!

Passamos largo tempo juntos. Prometti ir á fazenda no dia seguinte, para oriental-os sobre as formalidades da nomeação. A' sahida foi um não acabar de mutuos agradecimentos.

Foram-se, por fim.

Tornado ao escriptorio, retomei o estojo e contemplei melancholicamente a joia coruscante de rebrilhos, calculando commigo o quanto de privações e amarguras se condensariam naquella cercadura chispante e naquella gota de sangue vivo mineralizado. Em vez da festiva alegria com que os pobrezinhos contavam, com que aperto de coração eu recebia a sua dadiva!

E considere a joia, longo tempo, absorto, até que uma voz cava, sahida de algum ponto mysterioso da quadra, veio despertar-me bruscamente:

— Como lhe dizia, sô doutor, aqui a divisa faz um bico. Ao despois a gente garra córgo abaixo tuda a vida, até o angico do pasto do João Juca...

XXII

Este capitulo é uma excrescencia. A unidade deste trabalho — se é trabalho escrever vadiamente cousas sem sabor e se ha unidade em partes tão desatadas — exigia um ponto ultimo no final do capitulo antecedente, fechando ahi o livro e os bocejos do leitor. Uma falta singularmente

grave, porém, exige reparação neste epilogo. E' que o livro acabou bem (só faltou desfechar em casamento) — remate de detestavel gosto. E essa reparação é que agora pretendo fazer, cosendo aqui uma catastrophe, uma tristeza ou um suspiro, como fecho da estirada lenga-lenga, para que, embora verberando-me o ter escripto mal, se conceda que terminei conforme as boas regras. Poderia, por exemplo, matar os velhos. A fazenda abandonada, ou polluida de novos moradores, a carcomida canoa de peroba varada imprestavel num areal, e como lastimando o dono ausente, seu tripulante de trinta annos; o rio deserto, ao dolente albor do luar, com dois phantasmas brancacentos no ceveiro da fazenda, sentados cotovello contra cotovello, e varas acurvando-se parallelamente ao peso das chumbadas; nevoaças mysteriosas fluctuando sobre as aguas, para arrepio e pavor dos barqueiros transnoitados, que nellas adivinhariam o casal extincto — havia ahi materia para muito desenvolvimento e lagrimas que farte. Lagrimas pelo menos minhas; que, se o leitor bocejasse a narrativa incolor pouco communicativa de emoções, eu, escrevendo-a, choraria, soubesse embora que eram fingidos os successos, e que os meus queridos velhos ainda vivem e pescam e evocam o passado em seus intimos serões.

Vivem — deixal-os viver. Não serei eu, quem, mesmo em imaginação, imperdoavel iconoclasta, vá cercear-lhes os dias tranquillos.

Que os deuses lh'os façam brandos e prolongados.

Buscarei, portando ,alhures um desenlace, embora não tenha situações enlaçadas a destramar, repondo entes ou sentimentos extraviados nos logares que lhes assignalasse a affeição do leitor. Notas mal compaginadas como estas são de algumas horas que vivi, é no decurso de minha existencia pouco accidentada, e com a veracidade com que comecei, que devo buscar o epilogo lacrymavel.

Transponhamos uns mezes, dando tempo a que Americo organize sua escola, e militarise e instrua seus pretinhos, todos correctos com o Zé Correcto, dando lustre ao professor e á raça. Continuam ainda em minha mesa, como caveria de burro, os autos de embargos não julgados. A preguiça é

grande e a vida é curta... Por isso vão-se espichando os prazos fataes, mau grado minha fervente vontade de ser um juiz integerrimo, consoante os moldes destes tempos de papelorio. Pena é que as boas intenções não nos suffraguem as almas, nem nos conservem empregos!

Meus remorsos de nada fazer eram d'antes pungitivos; mas, aos poucos, ia-me affazendo a elles, padecendo-os conformadamente. A dizer toda a verdade — por fim já os não sentia, de sorte que começava a considerar a vida uma cousa facil e ideal.

Infelizmente, meus jurisdicionados não stavam similitaneamente compostos, tanto que certa manhan acordei assarapantado com um zabumba de pancadaria á porta de casa. Achando aquillo insolito, e de inqualificavel insolencia, enfio ás pressas a roupa, e abro a porta de repellão.

— Quem é que se atreve... — começo e calo-me, pois um grupo minaz empurra-me e invade a saleta num impeto de assalto.

— Que é isso! Ora dá-se! exclamo espantadissimo.

Um cabra farrusco, de chapelão declinado sobre a orelha e enorme garruchão enviezado na guaiaca, atalha-me as interjeições:

— Bico calado e leia!

Passa-me um papel. Era um arrazoadado em optima calligraphia, systema vertical, com embrulhados de floreios gothicos, onde se dizia que, considerando minha inepecia, etc., minha desfaçatez, etc., minha contumacia em furtar-me ás injuncções do meu cargo, etc.—o fôro, e a cidade e o termo intimavam-me a partir acto continuo para onde quizesse, vilmente bifurcado numa egua magra, e com escolta até ás divisas da circumscripção.

— Estou sciente — disse, devolvendo o memorial ao que parecia o capataz d'aquella horda. — Quando é a partida?

— Já, pois não leu? A geriba está á porta. Toca a montar!

— Mas, co'os diabos! Tenho roupa, livros. Deixem-me emmalar tudo socegradamente.

O maioral plantou-se resolutto á minha frente:

— Quer saber de uma cousa? Pouca prosa e vá rodando!

— Estou prompto, gemi.

E fui saindo, inerte como uma rez sob a agulhada. O resto da malta, nestes entrementes, varejava-me a casa, soccando em saccos tudo que encontrava. Vi um sair—horrente profanação!—sobraçando o meu canudo de bacharel.

A' porta, segura pela arreata, esperava-me a mais anfractuosa figura de quadrupede que se viu, toda em angulos e arestas, peça anatomica instructiva para o estudo do esqueleto cavallar. Tinha um olhar melancolico de ser a quem a existencia pesa, e para quem foi ella um estradão sem termo e um jornadejar cansado. Sympathizei com a alimaria, pela força adhesiva das affinidades de soffrimento.

— E arreios? perguntei circumvagando o olhar, emquanto distrahidamente acariciava uma apóphyse da montaria.

— Vá montando! bramou o capataz, tremebundo.

.Diacho! O negocio era mais serio do que figurava, e fertil em complicações. Trepei com difficuldade, e, em cima, agei-tei o sacro-cóccyx no intervallo de duas vertebraes.

Vieram os saccos, e um dos algozes explicou:

— Vou amarrar as boccas e atravessar á sua frente, porque vacê, acostumado a viajar com picoá, não extranha.

Disse e fez.

Outro carrasco, o do canudo, trespassou-m'o ás costas com uma embira. Eram ordens.

Terminada esta ultima operação, uma palmada na anca do animal, deu o signal da partida. O cabra do garruchão abria a marcha puxando o cabresto. E fomos andando, com uma lentidão que era uma ultima agonia.

A' parte um bando de moleques, não excederiam meia duzia as pessoas que me acompanhavam. Até á saída eram as ruas longas e povoadas, e, como se poderia prever, não escasseavam espectadores áquelle miserrimo bota-fóra. Nas janellas e portas apinhavam-se cachos de cabeças humanas; cabeças intromettiam-se pelos vãos das cercas, ou espiavam, de queixo sobre as achas, como especadas nellas. Certo momento um rumor grosso de rojão e silvou no alto uma bomba de vaia. Subiram outros rumorosamente, prorrompendo em prolongada assuada. Foi o signal. Um magote de moleques surgiu zabumbando em lataria velha, enquanto o sino da cadeia badalejava assanhadamente.

Levamos um seculo a sair da cidade; e. na estrada ainda me perseguiu longo espaço o babaréo perverso. O animal manquejava, ameaçando afocinhar a cada passo, como uma rima de ossos mal equilibrados; e, para andar, os esforços do maioral, puxando-o, eram segundados pelos companheiros, que lhe estralavam palmadas nas ancas, ou mettiã o peito contra o trazeiro, forcejando por empurrar-o, como Dione á proa capitanea:

“Põe no madeiro duro o brando peito,
Para detraz a forte não forçando.”

Aqui era para deante.

Nessa toada, devera ser longuissima a viagem.

Já subiamos o lançante da fazenda do Corrego Fundo. “Com mil raios!” pensei. “Isto vae abalar os velhos.” De longe vi movimento na casa. Uma fita de alumnos (Americo trabalhava do raiar do dia ao sol posto) saiu de uma porta como uma longa serpente, indo todos perfilar-se á orla da estrada, garbosos em seu uniforme novo. Era em minha intenção. Americo, trajando negro, passeava pela estrada febricitante, nervoso. Quando nos defrontamos com a fila, exclamou:

— Fazei continencia, meus filhos!

Num gesto preciso, as mãozinhas puzeram-se em pala, renteando a frente.

— Sr. dr. Felix, começou o mestre, nós... nós...

Mais não disse; levou o lenço ao rosto, e de corrida reentrou na fazenda, abafando os soluços.

A’ excepção daquella porta, a casa apresentava-se tumularmente fechada. Todas as janellas cerradas. Da chaminé não espiralava a fumacinha azul, que dava um toque sorridente de vida a’ ruinação das paredes descaliçadas. Meus pobres velhos!

E a reboque e a empurrão a egua ia seguindo. Com o sol alto chegamos á raia do termo. Ahi os capangás estacionaram, e o capataz, entregando-me o cabresto, disse:

— Você agora póde tomar o rumo que quizer.

Eu estava livre, afinal. Após um pequeno trajecto olhei para trás — lá estava o magote, na divisa, a rir diabolica-

mente, guardando o Termo vedado. Um boleado de serra encobriu-o.

Emparceirados no infortunio, iamos melancolicos, eu e a egua. Cansado do mutismo de minha escolta, e sentindo pruridos de dar á tréla, puz-me a conversar com a montaria:

— Má sorte a nossa, creatura! Eu a aguentar-te, tu a aguentar-me... todavia estou de melhor partido, porque vou montado. Antes cavalgante que cavalgado. Afinal, tudo é o destino, como diz um carimbamba do meu conhecimento. O teu, de pesado talvez não o supportes; mas não faz mal! vamos revezando: ora me levas sobre a espinha, ora puxarei o cabresto. Assim vae-se longe. Pena é não nos apressarmos mais, pois tenho sede, e a baixada é longe. Ora deixa-me descer e andar um pouco, que não te causará o picoá pequeno incommodo... Julgo-o por mim — mais um ponto de contacto — que tambem levo ás costas este canudo, por signal que me séca horripelmente. Pesa-me como mil arrobas, e amassa-me as costellas de tanto bate-bate. Agradece aos céos o ter-te poupado esta calamidade. Antes o picoá. Vamos barganhar a carga? Estou quasi a alijar fóra este objecto inutil...

Apeei, tornei a montar, tornei a apear e assim proseguia. Exhortava a geriba a que dêsse mais ás tibias, que a seccura apertava. Afinal attingimos um correjo; mas a ribanceira alta difficultava-me o beber.

— Ora, ora! monologuei. Eis-me, novo Tantalos, á beira d'agua e morrendo á sede. E esta!

Fiquei perplexo. Agua lá em baixo, nevada, tentadora, a murmurar entre cahetés, e a barranca hostilmente empinada entre nós dous.

Subito uma idéa clareou-me no cerebro. Lembrei-me do canudo.

— Para alguma cousa prestarás ainda, disse.

Despejei-lhe o conteudo; e, desatando a alça de embira, do alto, cacimba improvisada, mergulhei-o na corrente.

FIM

GODOFREDO RANGEL

MATTAS · OU FLORESTAS

I

O orgam official do Governo de Minas publicou uma circular que o delegado de Policia, o Presidente da Camara Municipal e o Fiscal de Terras e Mattas do municipio de Theophilo Ottoni dirigiram aos subdelegados, inspectores de secção, agentes fiscaes a proposito da destruição das mattas. Diz a circular: "O Regulamento de Terras, o Codigo Penal e as Posturas Municipaes punem com penas de multa de 300\$000 a 1:000\$000 e prisão cellular por um a tres annos, quem destruir mattas, derrubar arvores, lançar fogo em campos ou mattas em terras devolutas ou particulares. A todos deveis mostrar as graves consequencias da invasão e destruição — por meio de roçadas, derrubadas e queimadas das terras do Governo e o perigo das queimadas dos terrenos particulares sem aceiro, com a necessaria largura, para impedir que o fogo passe para terras devolutas." Eis ahi está compendiado o direito protector das mattas do Governo e pertencentes a terceiros. Pune-se o que destroe **mattas alheias**, derruba **arvores alheias** por meio das roçadas e do fogo; mas quem é dono não soffre nenhuma restricção no seu direito, salvo a obrigação de aceirar. Dentro da minha propriedade, desde que faça aceiros, posso derrubar mattas, bosques, capoeiras, capoeirões e catingas nas planicies, nas ladeiras, nos desfiladeiros, nas cumiadas e ao longo dos cursos d'agua.

A's florestas ou mattas em todos os tempos se attribuiram grandes virtudes. Affirmou-se que corrigiam os excessos das estações, que mitigavam o curso dos ventos, que dispersavam os effeitos funestos dos meteoros electricos, que moderavam a queda das chuvas, e regulavam o seu curso, que tornavam innocuos os miasmas emanados das aguas estagnadas e paludosas. As sciencias experimentaes contestam muitos desses effeitos. Marsh na sua monumental obra — **O homem e a natureza** — diz que os effeitos physico-geographicos da destruição das florestas ou mattas, podem ser divididos em duas grandes classes, tendo cada uma dellas uma acção importante sobre a vida vegetal e animal em todas as suas manifestações, o que quer dizer sobre todos os interesses materias do homem. A primeira se refere á meteorologia das regiões expostas á acção daquellas influencias; a segunda diz respeito á sua geographia superficial, ou melhor, á configuração, á consistencia e ao revestimento da superficie. A dois factos geralmente admittidos pelos scientistas está reduzida a acção das mattas ou florestas: um se refere ao poder de reter a agua das chuvas e moderar a sua descida; o outro concerne á acção que exercem sobre a consistencia do solo, funcção que está em intima relação com a primeira e da qual se pode dizer que é uma consequencia natural. A observação mostra que a chuva cahida se distribue em diversas partes: uma escorre pela superficie do solo e entra directamente nos cursos d'agua que a conduzem ao mar; outra se evapora e volta á atmospheria; a terceira é absorvida pela terra. Ora, se o solo está coberto de vegetação, e esta pode consistir em matta, capoeirão, capoeira, catinga ou carrascal, as plantas, servindo de freio ás aguas, diminuem a porção que escorre pela superficie do solo e augmenta por conseguinte a que é absorvida pela terra. Com seus ramos as arvores reduzem o movimento do ar, que saturado de humidade, não se renova facilmente, diminuindo a evaporação.

Alem d'isso a cobertura lançada sobre o solo mantem a humidade em grau elevado, e ainda por esse lado as arvores impedem a completa dispersão da agua. Augmen-

tando a absorção da chuva, as arvores impedem que a agua se precipite com violencia, arraste e disperse a terra vegetal, deixando o terreno nú e esteril. Sobre estes factos não ha divergencia scientifica. (**Rabbeno — Le selve e le inondazioni.**) Exercem as mattas acção benefica sobre os cursos d'agua, já impedindo que ella se disperse, já augmentado o seu contingente subterraneo, que alimenta os regatos e as fontes tão uteis ao homem, não só sob o ponto de vista animal como tambem sob o ponto de vista industrial. Humboldt dizia que abatendo as arvores que cobrem os montes e os flancos das montanhas os homens preparavam para as gerações futuras duas calamidades de uma vez: a falta de combustivel e a falta d'agua. Oppondo as arvores com as folhas, com os ramos, com as raizes, com os troncos e até com a propria desigualdade do terreno, uma barreira ao violento e simultaneo precipitar-se das aguas em logares declivados, impedem a formação d'aquellas perigosas torrentes que devastam os montes, cuja nudez acarreta a esterilidade das suas terras limpas da camada vegetal. E os immensos danos causados aos valles e aos leitos dos rios, que cheios de areias e de outros materiaes arrastados pelas aguas transbordam e produzem devastadoras innundações? Nos logares ladeirentos as arvores asseguram e mantêm o terreno. Arrazadas as arvores pelas roçadas e queimadas, a acção corrosiva das aguas lava o revestimento do solo e gera pavorosos desmoronamentos que põem a descoberto até a ossada das montanhas. (**Miraglia. Introd. alla raccolta delle leggi forestale in Italia.**) A folha de uma arvore pode recolher uma quantidade de água igual a dez vezes o seu peso. Uma parte d'essa agua se evapora e o resto chega á terra atravez das difficuldades oppostas pelos arbustos e pelas hervas. Em virtude disso a maior quantidade da agua vae gradualmente embebida na terra onde as raizes fazem as vezes de conductores, ao passo que a agua que escorre e vae engrossar os rios e os corregos não representa senão a terça parte da chuva cahida. Roçadas as arvores nos logares montanhosos a chuva estará em contacto com o terreno, cuja

inclinação, junta á velocidade què o liquido adquire es-
correndo, impedirão em grande parte a absorção. Começa
ahi o trabalho descripto por Cuvier, da nudez da terra que
fica esteril e dos males causados aos terrenos inferiores
e aos valles, mais do que nunca sujeitos ás inundações
que augmentam na proporção da terra cultivavel que se
vae embora (**Miraglia, Opera Citada.**) Demonstrada a ne-
cessidade da protecção ás mattas que occupam os altos
dos montes, as ladeiras e as bordas dos cursos d'agua,
cumpre examinar a possibilidade juridica da restricção do
direito da "propriedade particular" em beneficio da "uti-
lidade geral".

II

So o supremo principio da "utilidade publica" justi-
fica uma limitação ao direito de propriedade em materia
florestal. O direito de propriedade, isto é, o uso que cada
um pode fazer dos seus bens, está, por principio de utili-
dade publica, intrinsecamente sujeito á condição de exer-
citar-se sem lesar a outrem. Determinar com precisão os
limites dessa condição de modo que o objecto da utilidade
publica seja verdadeiro e não apparente, como muitas
acontece por interesses privados e espirito de novidade,
e limitar o sacrificio do direito de propriedade, — é obra
de sabia e bem ponderada legislação. Ora, a experiencia
tem demonstrado que o unico e exclusivo objecto da lei
florestal deve ser a conservação das mattas, dos bosques,
das capoeiras, dos capoeirões, das catingas e mesmo dos
carrascaes, onde quer que se encontrem nos sitios monta-
nhosos, escarpados e ladeirentos e ao longo dos cursos
d'agua. A expansão do direito de propriedade, como de
qualquer direito, encontra o seu limite natural na expan-
são de igual direito por parte de outrem ou da sociedade:
ninguem pode usar e gosar da coisa propria causando
damno a outrem. **Expedit Reipublico**, diziam os romanos,
nequis sua re male utatur. O damno publico é o principio
sobre que deve assentar a legislação florestal. E por
damno publico se deve entender a roçadas e a queimadas

feitas nos logares mencionados, e cujo effeito é a desordem no curso regular das aguas e na consistencia do terreno. Como o damno provem das roçadas e queimadas, intervem o legislador para impedir que os proprietarios pratiquem esses actos nas proprias terras. Roçando e queimando matto "protector" o proprietario **sua re male utitur**, e a lei lh'o prohibe. Neste caso a limitação ao direito de propriedade é perfeitamente justificavel. (**Filippo Grisolia — Floreste e Boschi**). O estudo da legislação comparada lança muita luz sobre este assumpto de grande importancia para nós. Os povos cultos vincularam os mattos que protegem as montanhas e regularisam os cursos de agua.

França. Ordenança de 1669; Codigo Florestal de 1827; leis de 28 de julho de 1860, 8 de junho de 1864 e 4 de abril de 1882.

Nesse paiz não se pode derrubar matto julgado necessario:

- 1.º para a manutenção das terras sobre as montanhas e sitios ladeirentos;
- 2.º para a defesa do solo contra as erosões, invasão dos rios, correjos e ribeirões;
- 3.º para a existencia das fontes e cursos de agua;
- 4.º para protecção ás dunas e ás costas contra as erosões do mar e invasão das areias;
- 5.º para a defesa do territorio nas fronteiras;
- 6.º para a saude publica.

As contravenções são punidas com multa de 500 a 1.500 francos por hectare de bosque destruido.

Belgica. Neste paiz as florestas são insignificantes. Está em vigor a lei de 19 de dezembro de 1854, que não vinculou os bosques pertencentes aos particulares.

Suissa. As florestas na Suissa tem capital importancia. A lei federal de 29 de abril de 1876 unificou as leis cantonaes. Todos os "bosques protectores" estão sob a fiscalização federal. São considerados "bosques protectores" e não podem ser derrubados, todos aquelles que pela sua attitude ou pela sua collocação sobre cimos,

cristas, cumeadas, faldas de montes e saliencias, nascedouros de fontes e margens de rios, servem para proteger contra os danos do vento, das avalanches, das quedas de pedras de gelo, dos desmoronamentos do solo e das inundações de areia.

Prussia. Leis de 4 de junho de 1870 e 6 de julho de 1875.

Não podem ser derrubadas as florestas de protecção:

a) quando, pela natureza arenosa do solo, os terrenos vizinhos, as obras publicas, os cursos de agua naturaes ou artificiaes podem ser areiados;

b) quando, pelo desmoronamento do solo ou formação de torrentes nas ladeiras nuas, nos cumes e nas faldas dos montes, as propriedades sotopostas, as estradas ou as habitações são ameaçadas de destruição pelas areias e pelas pedras;

c) quando, pela derrubada das mattas existentes nas bordas dos canaes ou dos cursos de agua os terrenos ribeirinhos podem ser damnificados pelas aguas;

d) quando, pela derrubada de uma floresta se deve temer a diminuição das **magras** de um rio;

e) quando, pela derrubada de uma floresta em região limpa ou nas vizinhanças do mar, as lavouras e as aldeias vizinhas podem soffrer a acção desastrosa do vento.

Baviera. Leis de 28 de março de 1852 e 29 de junho do mesmo anno.

São absolutamente prohibidas as roçadas:

1.º nos dorsos e nas cristas das montanhas, nos flancos empinados dos montes e nas ribanceiras;

2.º nos planaltos das montanhas e em todos os logares em que o matto serve para impedir os desbarrancados e as avalanches, ou, onde, feita a derrubada, ficaria aberta a estrada aos furacões;

3.º e nos logares onde o bosque impede a formação dos bancos de areia, ou, onde, d'elle dependa a conservação das nascentes d'agua e a segurança das margens dos rios.

Austria.Codigo Florestal de 1852. Onde, para segurança das pessoas e dos bens do Estado ou dos individuos,



BLUSAS FINAS

TEMOS uma justa fama pela qualidade excepcional e o verdadeiro chic das nossas Blusas—Comprando estes artigos em quantidades avultadas, gozamos de condições muito favoráveis podendo assim oferecer às nossas distintas Clientes, Blusas de finissimo gosto por preços positivamente Barattissimos.



D 87 BONITO MODELO
EM CREPE GEORGETTE,
ENFEITADA A JOUR

38\$000



BLUSA FINA EM RI-
QUISSIMO CREPE DA
CHINA, ESTYLO MARI-
NHEIRO CORES, BRANCA
E ROSA

55\$000

Temos uma finissima colleção de Blusas "LINGERIE"
francezas desde 25\$ até 75\$

MAPPIN STORES

Rua Quinze de Novembro N. 26 — SÃO PAULO

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO DO N. 23 (Novembro): — Carlos Peixoto Filho, por **Mario de Alencar**, da Academia Brasileira; Psychologia das revoluções meridionaes, por **F. J. de Oliveira Vianna**; Paixão e gloria de Castro Alves, por **Afranio Peixoto**, da Academia Brasileira; Padre José Mauricio, por **Julia Lopes de Almeida**; Poesias, por **Guilherme de Almeida**; Sobre a jornada republicana de 1817, por **Assis Chateaubriand**; Vocabulario analogico, por **Firmino Costa**; A "Carne", de Julio Ribeiro, por **Alfredo Pujol**, da Academia Brasileira; Brasil escreve-se com s, por **Assis Brasil**; A idéa de Justiça, por **Pedro Lessa**, da Academia Brasileira; O Culto do passado e o centenario da Independencia, por **Adolpho Pinto**; O fundador da Republica, por **Paulo Pestana**; A Bandeira do Brasil, por **Escragnole Doria**; Alcoolismo, opilação e impaludismo, por **Belisario Penna**; Bibliographia, Movimento Artistico, Notas de sciencia, Revistas e Jornaes, Variedades. As caricaturas do mez, e varias illustrações fóra do texto.

Summario do n. 24, Dezembro— Psychologia das Revoluções meridionaes, por **F. J. Oliveira Vianna**; Notas do tempo, por **Tristão da Cunha**; O mata-pau (novella), com illustração, por **Monteiro Lobato**; Um livro prejudicial ao ensino, por **Joaquim Lisboa**; Mario Pederneiras, com retrato, por **Rodrigo Octavio Filho**; A concepção federal de Alberto Torres, por **Porfirio Soares Netto**; Vida Ociosa (romance), por **Godofredo Rangel** — **RESENHA DO MEZ:** Na Academia Brasileira, por **Medeiros e Albuquerque**; Brasil e Argentina, por **Paulo Pestana**; Silva Jardim, por **J. Marques**; O primeiro voador, por **L. Guimarães Filho**; As Caixas Economicas no Brasil, por **Alcindo Guanabara**; O Brasil esquecido, por **João Ribeiro**; Joaquim Nabuco, por **José Maria Bello**; Os brasileiros e a lingua alleman, por **L. P. Barreto**; Notas de Sciencia, Bibliographia, Movimento artistico (com quatro illustrações). Revistas e jornaes. Variedades, as melhores caricaturas do mez, etc.

Aproveitar o seguinte coupon:

Sr. secretario-gerente da "REVISTA DO BRASIL"

Caixa, 1373 — S. Paulo

Remetto-lhe 15\$000 réis para uma assignatura annual da "REVISTA DO BRASIL", a começar em Janeiro e a terminar em Dezembro de 1918. Pego-lhe enviar-me gratuitamente os numeros de Novembro e Dezembro de 1917, que a Revista offerece a todos os assignantes novos.

Nome

Localidade

o bosque é necessario como preservativo contra as avalanches, a queda de rochedos ou de pedras, os desmoronamentos e desbarrancados, o Estado pode declarar a sua interdicção.

Hungria. Lei de 11 de junho de 1879. Não podem ser derrubadas as florestas collocadas em logares rochosos e elevados, nas regiões alpinas, nos altos e nas faldas dos montes, e que impedem os desmoronamentos, as avalanches e as torrentes.

Rumania. Lei de 24 de junho de 1881. E' prohibida a derrubada da floresta julgada necessaria:

a) para proteger as margens dos rios e defendel-as dos desmoronamentos e da invasão das areias;

b) para manutenção dos cursos d'agua e da conservação das fontes;

c) para defesa do territorio nas fronteiras, de accordo com o Ministerio da Guerra.

Russia. Lei de 4 de abril de 1888. Para conservação das florestas foram estabelecidas duas medidas: a) uma que protege as florestas contra a devastação e o exaurimento; outra que favorece um plano regular de governo e a plantação de novas florestas. São "florestas protectoras":

a) aquellas que mantem as areias moveis e impedem o areiamento das costas maritimas, dos rios navegaveis e vadeaveis, de canaes e bacias artificiaes;

b) aquellas que protegem contra a invasão das areias, as cidades, as estradas de ferro, as estradas, as terras cultivadas;

c) aquellas que preservam as praias dos rios navegaveis, canaes, nascentes de aguas, contra os desmoronamentos e barranceiras e os perigos occasionados pelo avançar dos gelos;

..d) aquellas que guarnecem os cimos e os flancos das montanhas, se estas florestas ou mattas impedem as quedas de terra e de rochas, as erosões, as avalanches de neve e a formação de correntes rapidas.

Noruega. Lei de 20 de julho de 1893. Estabeleceu os característicos das "florestas de defesa". Esta palavra é tomada em sentido latissimo e comprehende as florestas que servem de protecção contra a neve, a queda de pedras, as inundações, e as areias.

Inglaterra. Tendo poucos bosques falta-lhe a base para uma legislação florestal. As disposições que existem se applicam aos bosques da corôa. Os bosques particulares pertencem aos Lords, e como estão em planicies, nunca foram objecto de disposições legislativas.

Italia. Lei de 29 de julho de 1877. O art. 1.º dessa lei applicou o vinculo, **ex-lege**, aos montes e ás ladeiras ou encostas, cujas florestas impedem os desmoronamentos e as avalanches, as desordens nos cursos de agua e a alteração da consistencia do solo e das condições hygienicas locais. Este principio geral é limitado e circumscripto, no interesse da propriedade, por algumas excepções que encontram fundamento nas condições topographicas do territorio, que se estende, por mais de dois terços, por montes e encostas. A mesma lei subtrah ao vinculo, terrenos que, embora collocados em ladeiras, estejam convenientemente cultivados com parreiras, oliveiras e outras arvores fructiferas; dá a lei, tambem, aos proprietarios o direito de subtrahir ao vinculo qualquer terreno, desde que se obrigue a fazer todas as obras necessarias para assegurar o terreno e impedir a desordem das aguas.

Por tal forma a lei italiana concilia o interesse geral social com o interesse particular dos individuos.

Abaixo da região dos castanheiros, que se fixou como limite da cultura agraria remuneradora, toda propriedade pode ser desvinculada e reduzida a cultura agraria, uma vez que se façam as obras conservadoras. Tal é a lei florestal italiana nos seus principios fundamentaes, largamente justificada pelo interesse geral de conservar as mattas para os fins já mencionados. Se é indiscutivel que as derrubadas e as queimadas causam profundas desordens no regimen das aguas e na consistencia do solo, o vinculo florestal se impõe por direito natural ao proprie-

tario ne sua re male utatur, e a lei positiva não faz mais do que reconhecê-lo e determiná-lo. (**Filippo Grisolia — Foreste e Boschi.**) Nestes últimos tempos tomou proporções assustadoras a destruição das florestas no Brasil meridional. Estando a quasi totalidade das mattas em poder dos particulares é difficil reagir contra os destruidores.

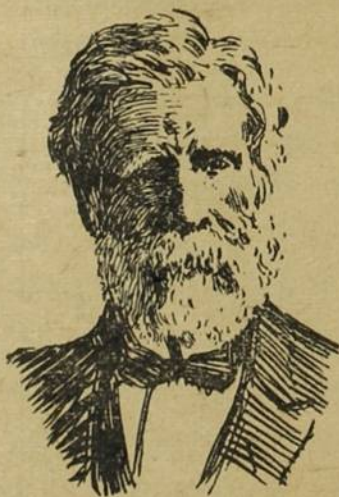
Na lei florestal da Russia e da Italia encontraremos material de primeira ordem para levantarmos um monumento legislativo digno do Código Civil que possuímos.

F. BADARO'.

RESENHA DO MEZ

BARÃO HOMEM DE MELLO

Desappareceu um dos brasileiros que mais souberam amar a sua Patria — o barão Homem de Mello. Desde a mocidade até a morte, através uma existencia longa e trabalhosa, dedicou-lhe elle o melhor da sua intelligencia, que era grande, e das suas forças, que pareciam inesgotáveis.



Ninguém talvez conheceu mais a fundo a historia e a geographia da nossa terra. Do que foi a sua vida, por todos os titulos nobre, dão conta, além dos innumerados escriptos que deixou, os seguintes dados biographicos:

“Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello, nasceu em Pindamonhangaba, Provincia de São Paulo, em 1 de Maio de 1837. Fez o curso completo de humanidades no Seminario Episcopal de Marian-

na, de Março de 1847 — a Novembro de 1852. Formou-se na Faculdade de Direito de S. Paulo em 23 de Novembro de 1858.

Foi Presidente da Camara Municipal de Pindamonhangaba — 1860 a 1861.

Foi nomeado em concurso, lente cathedratico de Historia Universal no Imperial Collegio D. Pedro II, em 9 de Novembro de 1861, e exonerado, a pedido, em 20 de Fevereiro de 1864, sendo o unico membro sobrevivente da congregação desse tempo.

Occupou o cargo de Presidente da Provincia de S. Paulo de 4 de Março a 23 de Outubro de 1864; da Provincia do Ceará, 10 de Junho de 1865 a 6 de Novembro de 1866, sendo Presidente do Conselho o Marquez de Olinda, Ministro do Imperio.

Foi Presidente da Provincia do Rio Grande do Sul, de 2 de Janeiro de 1867 a 23 de Abril de 1868. Nesse cargo tendo por Commandante das armas o glorioso General Manoel Luiz Osorio, organizou conjuntamente com este o terceiro corpo de exercito que transpoz o Uruguay no dia 25 de Março desse anno, em marcha para o theatro da guerra: prodigioso trabalho que o patriotismo rio-grandense conseguiu realizar no curto espaço de tres mezes!

A historia deste memoravel acontecimento foi recentemente escripta e publicada pelos netos do Marechal Osorio, o Dr. Joaquim Luiz Osorio, Deputado federal pelo Rio Grande do Sul, a seu irmão Dr. Fernando Luiz Osorio.

Foi Presidente da Provincia da Bahia, de 25 de Fevereiro a 25 de Novembro de 1878. Nesta administração realizou o grande melhoramento da ligação da cidade baixa á cidade alta, rasgando a rua da Montanha, hoje rua do Barão Ho-

mem de Mello, em uma extensão de 490 metros, trabalho admiravel, executado em curto prazo e que importou apenas em 500:000\$000. Fez construir por administração a E. de F. de Santo Amaro, beneficiando amplamente a zona assuacreira mais rica da Provincia. Prolongou a E. de Ferro de Nazareth até Bom Jesus auxiliado pelo benemerito Presidente da Companhia, Dr. Alexandre de Bittencourt. Inaugurou a E. de Ferro da Cachoeira á Feira de Santa Anna, cidade importante em que funciona a masi importante feira de todo o Brasil. Além de outras obras, fez construir na praça da Piedade a Escola deste nmoe para ambos os sexos, convertida hoje em Paço do Senado Estadual.

Exerceu o cargo de Inspector interino da Instrucção publica primaria e secundaria do municipio da Côrte, nomeado pelo Ministro do Imperio Conselheiro J. Alfredo, de 1873 e 1878, durante os impedimentos do Senador José Bento da Cunha Figueiredo; na constancia dos trabalhos legislativos.

Foi Director do Banco do Brasil, de Novembro de 1869 a 1874 e 1876 a 1878.

Foi Presidente da Companhia da E. de F. S. Paulo e Rio de Janeiro, 1873 a 1878. No desempenho deste cargo obteve do grande estadista Visconde do Rio Branco, então Ministro da Fazenda e Presidente do Conselho, a fiança do Estado para a conclusão das obras daquelle via ferrea, que só havia conseguido realizar no paiz metade do capital social. Com esta garantia pôde, auxiliado pelos seus collegas de Directoria, Coronel João Frederico Russell, um dos mais prestigiosos negociantes desta praça, levantar, em Londres, com os banqueiros Luiz Cohen and Sons, um emprestimo de 500 mil libras esterlinas, com que aquella companhia terminou as obras, inauguradas solememente, no dia 7 de Julho de 1877, pelo Principe o Sr. Conde d'Eu e Ministro da Agricultura, Conselheiro Thomaz José Coelho de Almeida. Foi a primeira capital de Provincia que ficou ligada á capital do Imperio por via ferrea continua. Essa estrada, na extensão de 232 kilometros e 20 metros, é hoje parte integrante da E. de F. Central do Brasil, pela encampação que della fez o Governo provisorio, sendo Ministro da Agricultura o finado Senador F. Glycerio.

Deputado á Assembléa Geral Legislativa pela Provincia de S. Paulo, 1867 a 1868, cessando o mandato pela dissolução da Camara nesse anno, e em 1878 a 1881.

Professor de Historia Universal e de Geographia do Collegio Militar, desde a sua fundação em 12 de Abril de 1889.

Professor interino de mythologia da E. N. de Bellas Artes, 1896, pelo fallecimento do eminente Professor cathedratico, na mesma Escola, de historia da arte, desde 1897, em cujo exercicio está.

Ministro do Imperio no gabinete Saraiva 28 de Março de 1880 a 3 de Novembro de 1881.

Ministro interino da Guerra, em 28 de Março a 30 de Abril de 1880 e 12 de Janeiro a 15 de Maio de 1881. Era membro do Instituto Historico e da Academia Brasileira de Letras".

A sua vida ficará como um dos bellos padrões da tenacidade intellectual brasileira e a sua individualidade como uma das mais attrahentes e respeitaveis dos nossos tempos.

PELA PRODUÇÃO NACIONAL

O sr. Cincinato Braga é tido como um dos espiritos mais poderosos do Congresso Nacional — e como uma das mais privilegiadas organizações politicas do paiz.

Se já não existissem dezenas de trabalhos seus justificando essa reputação, bastaria para erial-a o que



s. ex. apresentou, ultimamente, a proposito da producção nacional. E' um documento notavel que só um estadista de largo descortino, conscio das realidades, insensivel ao feitiço enganador das formulas ocas, alheio ao prestigio do verbalismo sonoro e utopico, poderia traçar.

Intelligencia de uma lucidez perfeita tudo que o dr. Cincinato Braga expõe vem banhado de uma claridade suave ao espirito e repartido em posições crystallinas que o pensamento recolhe e assimila sem esforço.

Inimigo da emphase rethorica, s. exa. não perde tempo em palavreados inuteis: ataca logo as questões, face a face, e resolve-as com segurança e nitidez.

Ides vel-o no trabalho a que nos referimos.

"Vêzo antigo dos nossos estadistas, do primeiro e do segundo reinado, começa s. exa., passou para a Republica uma falsa comprehensão do moderno papel dos poderes publicos na formação da fortuna collectiva.

A' nossa errada orientação nesse grave assumpto, devemos a situação infeliz em que temos arrastado nossa vida de nação, sem possivel confronto com outras nações da mesma idade que nós, e que estão fruindo progresso muito superior ao nosso.

Os estadistas brasileiros, no Congresso e no governo, têm geralmente adoptado para seus actos a orientação consistente em que a prosperidade da economia publica deve ser a RESULTANTE da situação de folga do Thesouro Nacional. Predomina a convicção de que neste assumpto, tudo está "dependente" do saldo orçamentario, ou, pelo menos, do equilibrio orçamentario; e, como esse saldo ou esse equilibrio, num Thesouro Nacional arcado ao peso de grande divida externa está essencialmente "dependente" de taxas altas de cambio, nossos homens de Estado têm vivido sempre pregados a uma cruz, cujo braço direito são os côrtes implacaveis ás iniciativas economicas mais necessarias ao paiz, afim de não augmentar-se as despesas; e cujo braço esquerdo são os empréstimos e os "fundings" para evitar-se que o cambio baixe.

Numa grande synthese, podemos dizer que os estadistas brasileiros têm invariavelmente sobrepostos as concepções financeiras ás concepções economicas.

Desde Bernardo de Vasconcellos até Murtinho, os nossos melhores ministros da Fazenda viveram esgotando-se entre as boas conversões dos nossos empréstimos externos e as exhaustivas valorizações artificiaes do nosso pa-

pel-moeda, pelo seu resgate ou incineração. Sacrificios inauditos e crueis têm sido feitos para essa cruzada, cujo objectivo dia a dia vemos mais afastado de nós!

E' claro que semelhante orientação contém em seu bojo uma grande dõse de verdade. Nem outra coisa se poderia attribuir a uma directriz que tem captivado tantos espiritos de escôl. Na verdade, um governo descuidado de suas finanças constitue um dos mais sérios elementos de desorganização no meio da actividade nacional.

Mas, não são humanamente possíveis os meios 'seculares' para se alcançar em solida organização economica. Sem esta, não ha zelo, nem talento, na administração dos dinheiros publicos, que, evite, mais dia menos dia, o descalabro."

Ora, a situação economica do Brasil, é pessima e, peor será se não tomarmos desde já varias providencias.

A alta de generos, que se nota, é passageira. Durará emquanto durar a guerra. Passada a luta militar reacender-se-a "no mundo a titanica luta economica, da qual nenhum paiz poderá se eximir. Para essa luta não haverá neutralidade possivel".

Ou nos aparelhamos urgentemente para o combate ou seremos devorados.

Nosso problema primordial é exportar. Mas para exportar é preciso produzir. A exportação actual está longe de acudir ás exigencias da nossa vida: temos necessidade, em media, de 72 milhões esterlinos, por anno, para os nossos compromissos no exterior e a exportação só nos dá 52 milhões!

Convem pois fomentar a produção. Como, porém?

Tres factores capitaes, sem contar os vicios da nossa vida politica e o descuido geral dos dirigentes e dos productores, tem-na embaraçado: os impostos de exportação, os preços de transporte e a falta de educação technica.

"E' summamente doloroso sentir toda gente ao vivo, que os impostos de exportação constituem um inimigo mortal para o paiz e que entretanto, não rompa de

todos os lados a offensiva contra elles. Todos os povos cultos do mundo já os aboliram."

Quanto ao imposto de exportação faz-se mister extingui-lo.

"A politica a seguir, por parte dos poderes publicos federaes, neste assumpto, é uma só: a de negarem pão e agua, tanto em materia partidaria, como em materia administrativa, aos governos estadoaes que não enveredarem pelo caminho da substituição gradual desses impostos, até sua completa extincção. Outra medida urgente é a votação de uma lei de direito civil privado, declarando de ora avante nullas nos contratos, as clausulas pelas quaes sejam dadas em garantia de empréstimos estadoaes, taxas de exportação.

O Brasil inteiro tem interesse immediato na extincção de taes taxas. Na nossa organização tributaria nada ha mais incompativel com a época actual em todo o mundo civilisado! Ellas constituem o embaraço mais poderoso contra os tratados commerciaes para a boa collocação de nossa produção em outros paizes.

Do ponto de vista brasileiro, e particularmente em relação aos interesses da União, a questão da extincção dos impostos de exportação é uma questão de vida ou de morte. A fonte principal de renda da União são os impostos de importação. Mas, a importação é função da exportação: exportação tolhida, importação sacrificada. União e Estados devem viver respeitando e acariciando os seus interesses reciprocos. A União cumpre o seu dever, cumpre muito mais do que o seu dever, em primeiro logar, acudindo frequentemente ás necessidades estadoaes de caracter meramente regional, e, em segundo logar, estabelecendo tarifas de importação exageradamente protecionistas, afim de incrementar a produção nos Estados, isto é, afim de se enriquecerem os Estados. A União sacrifica-se com essa politica, porque as altas taxas aduaneiras lhe tolhem em vastas proporções a arrecadação alfandegaria, obrigando-a aos "deficits" orgamentarios e aos "fundings" vergonhosos."

Quanto á alta do preço de transportes pode ella ser combatida com a construção de estradas de automoveis.

"Construida de lado a lado das linhas ferreas uma teia de estradas de automoveis, a produção se

avolumará de tal ordem, em tonelagem, que as estradas de ferro poderão, sem o menor prejuizo, reduzir suas tarifas.

Mas, se caprichosamente o não fizerem, as estradas de automoveis permittirão aos productores trazerem seus productos aos mercados de consumo, sem dependerem para isso das estradas de ferro."

Urge, do mesmo passo, cuidar de outras medidas que tendam como essas, a augmentar o rendimento do nosso trabalho, que é diminuto.

"Com sacrificios embora, e partilhados entre a União, o Estado e o municipio, é absolutamente indispensavel premiar os trabalhadores agricolas que se revelarem mais habéis no manejo dos mais complicadosapparelhos de cultura dos campos. Tratemos de conseguir que cada operario agricola passe a valer como vinte ou trinta. Para isso, é necessario organizarem-se nos municipios concursos periodicos entre operarios agricolas, nacionaes ou estrangeiros. Mais intelligente é distribuir premios para galardoar esse esforço humano do que o esforço dos animaes de corridas. E toda gente pode facilmente imaginar, para um pobre operario agricola, o valor que representa o premio de cem ou duzentos mil réis. O local desses concursos pode ser uma dependencia das escolas agricolas dos campos de demonstração e experimentação, ou logradouros municipaes, onde deverá ser franqueado a todos os trabalhadores ruraes o uso daquelles apparelhos para aprenderem praticamente o seu manejo, embora pagando-se reduzida diaria para a sua alimentação, durante os dias de aprendizado."

Tanto mais se impõe esta providencia quanto, acabada a guerra, teremos que lutar com uma extraordinaria falta de braços.

"A opinião unanime (nos Estados Unidos, onde se faz um inquerito a respeito) é a de que, vencedores e vencidos, passada a guerra, decretarão leis prohibitivas da emigração, para o fim de reter sua gente, até serem reparados os estragos e pagas as despesas da guerra. Unanime é tambem a opinião de outra commissão do commercio norte-americano, no exprimir estes conceitos:

"O problema do nosso paiz, após a guerra, é talvez o mais grave de quantos tem

tido a enfrentar a União. Delle só conseguiremos escapar realizando "prodigiosos esforços" no sentido de AUGMENTAR EM TODAS AS DIRECCÕES O NOSSO RENDIMENTO DE TRABALHO. Bem poderíamos empilhar moedas de ouro e outras reservas metalicas, estabelecer pautas cuidadosamente estudadas, assignar os mais favoraveis tratados de commercio, levar a cabo a propaganda mais energica de nossos productos, firmar combinações relativas á exportação — cem e mais cem de acertadas providencias accessorias, como essas, de nada servirão se não forem apoiadas "por uma organização economica e commercial", fundamentalmente tão productiva, como a dos nossos competidores: — SEM ISSO NÃO ESTAREMOS EM SEGURANÇA".

Na pecuaria, por exemplo está uma das mais solidas bases de nossa regeneração economica.

"Devemos, todos os Estados do Brasil, em unisono, concentrar esforços herculeos no desenvolvimento dessa riqueza. Ella realiza para nós, actualmente, o Temma do maior e mais prompto lucro, dentro do menor esforço. Em primeiro lugar, para intensificá-la, "de quasi nenhum capital novo precisamos"; o rebanho bovino do Brasil é dos maiores dos povos cultos. O mais difficil está feito: é ter lastro para a valorisação dos productos; é ter população bovina.

Em segundo lugar a pecuaria é a unica industria que pode tomar colossal relativo augmento de mão de obra, sem incremento, "sem dependencia de correspondencia da importação de braços e machinas". O mesmo pessoal que lida em uma fazenda de criar pequena é sufficiente, sem alteração notavel em seu numero, para lidar em uma grande; e a mesma extensão em pastagens para a colheita annual de rezes de peso mesquinho, de pouco valor em carne, serve para a colheita de rezes de peso avultado, isto é, de valor muito maior.

Em terceiro lugar, para enormemente augmentar a nossa riqueza pecuaria por todos os recantos do nosso vasto territorio, "não estamos na dependencia", em que quaesquer outras culturas nos poriam, "de prolongarmos por todos esses recantos os trilhos de diversas estradas de ferro": o gado vem aos mercados por seus proprios pés...

Em quarto lugar, e este é o ponto mais impartante de todos, "nada temos a temer quanto á falta de

collocação commercial deste producto", hoje disputado pelo mundo, mais do que qualquer outro.

Antes da guerra, já essa era a perspectiva. Com a guerra, agora, este negocio tornou-se muitissimo melhor. A carne de vacca é o producto, cuja alta de preço é mais certa, depois de assignada a paz. Os povos beligerantes reduziram seus rebanhos a proporções minimas: — quasi os extinguiram, forçados pelas violencias da guerra. Consequencia: actualmente "em toda a Europa" é prohibido ao povo o consumo de carne, não apenas em algumas refeições, mas até mesmo uma vez por dia. Ha dias da semana em que é vedado absolutamente comer-se carne, mesmo á mesa dos milionarios."

"O passo capital a darmos no fomento dessa riqueza consiste em ensinar (para não dizer — em obrigar) aos nossos criadores a, "mediante os mesmos cuidados, que têm agora, e com o mesmo capital de rebanhos que têm agora" produzirem, em vez de uma rez de 250 kilos, uma de 400; e, em vez de esperarem cinco annos para que a rez de 250 kilos, atinja o porte para o corte, esperarem apenas tres annos para que a rez de 400 kilos tenha attingido esse porte.

Assim conseguiremos, na pecuaria, o escopo de todos os povos, em todas as direcções de seus trabalhos economicos: — augmentar seu rendimento util, dentro da mesma unidade de esforços e de tempo.

Propuz que o governo federal, além de outras medidas, tomasse a iniciativa da introdução desabalada de reproductores estrangeiros, que elevassem o nivel de peso e precocidade de nossos rebanhos.

Infelizmente não se tem cuidado disso. O serviço da introdução de reproductores não está na altura, sequer, das necessidades de um unico municipio pastoril, quanto mais das de um só dos Estados da Federação!"

Importemos reproductores avança energicamente s. exa., e importemol-os de todas quantas raças forem pedidas pelos criadores brasileiros. Não nos detenhamos em discussões theoricas sobre o superioridade desta ou daquella raça. O problema é commercial e o axioma do commercio moderno é este: "vender a grande atacado mercadoria de baixo preço".

"O aspecto da superioridade "do lucro", prima sobre o da superioridade "da mercadoria em si". O problema, em sua enervatura essencial, é em todas as industrias o mesmo: — é o do maior rendimento do trabalho em menor tempo, seja

com que mercadoria fôr. Armado desse lemma, foi que o commercio e a industria allemãs venceram os de todas as outras nações do mundo. Essa foi a estrada larga do triumpho obtido pela "Made in Germany". A industria allemã apresentou-se em todos os mercados vendendo artigos sempre inferiores aos similares inglezes e francezes. O publico, o grande publico, "que é o melhor freguez", confronta, por exemplo, uma boneca franceza ou ingleza com uma boneca allemã — admira aquella e... "compra esta".

Não é só. Outros meios existem para multiplicar o nosso rendimento agricola.

O diminuto rendimento do nosso trabalho advem, parcialmente, da nossa ignorancia.

"Trabalhamos ás escuras, como cegos. Entre as nossas mais nocivas ingenuidades, destacam-se duas, de calibre maior: a primeira, é estarem nossos lavradores convencidos de que possuímos as terras mais férteis do mundo: a segunda, corollario da anterior, é a de que a sciencia agronomica é para elles uma inutilidade."

Combatamos a ignorancia. Provenmos que a verdade é completamente diversa, que é esta:

"No Brasil, em geral, os cereaes vêm com abundancia no anno em que a matta é derribada; já produzem menos no segundo anno, e ainda menos no terceiro; no quarto anno, já quasi ninguem faz mais roça. No Estado da Bahia, para a propria lavoura do fumo, que ali vem melhor do que em outras regiões, só em pequenos oasis de terreno pode ella ser praticada, por depender de adubação intensa. Usa-se ali prender o gado, durante certo tempo, sobre o forçosamente limitado terreno que tem de receber a plantação, ultra primitivo systema de adubação da terra.

Não conheço as condições de fertilidade natural em todos os Estados do Brasil. Mas, para considerar o problema da mais fundamental gravidade para o paiz, basta reoordar isto: — vastas extensões de terras marginaes das melhores linhas ferreas, e não distantes dos portos maritimos, permanecem não cultivadas, devido á sua fraca fertilidade, mesmo no Estado de São Paulo, no Estado do Rio de Janeiro e no Districto Federal, isto é, nas regiões mais cultas de mais densa população, de maior barateza e frequência de transportes.

As lavouras caféiras — é certo — resistem mais tempo do que quasquer outras, dando colheita boas durante maior numero de annos. A razão disto está em que o café é planta muito sobria, pouquissimo exigente, comparada com as plantas que em maior escala fornecem sustento diario ao homem".

O remedio para esse mal é sabido: é a reconstituição das terras pela adubação.

Ha quem duvide? Ha quem sorria? Pois vejam o que se passa na França e na Allemanha. As terras desta, muito inferiores ás daquela, produzem mais do que ellas. Porque? Porque emquanto a França emprega 1.030 kilos de adubo (nitrato de soda) por kilomerto quadrado, a Allemanha, na mesma area, emprega 2.070 kilos!...

"Aqui, como lá, o problema é um só: — restituir á terra de nossas culturas, o azoto que della retiramos. Só assim elevaremos nossa producção agricola.

A importancia do problema é de tal ordem, que já alguns scientistas calcularam quanto tempo durariam as jazidas de nitrato do Chile, passando a prevêr que, exgottadas estas, a terra em periodo de facil precisão, não alimentaria a sua população.

Felizmente a sciencia resolveu recentemente esse problema vital, para a humanidade.

Já está sendo industrialmente praticada na Europa a fixação do azoto atmospherico. A condição essencial para essa milagrosa producção, nós a temos em melhores proporções do que qualquer nação do mundo: — é a hulha branca.

Podemos, pois, affirmar que o rendimento util de nossas terras, pôde elevar-se acima das melhores expectativas. Podemos e devemos fabricar adubos nitrados, para serem vendidos a baixos preços, aos nossos lavradores; e para exportarmos em quantidades enormes as sobras do nosso consumo nacional".

Por outro lado, não nos devemos esquecer "que os paizes que têm conseguido maior riqueza, maior progresso nas suas lavouras e nas suas industrias, são aquelles que mais decisivamente enveredaram pela multiplicação: a) de estabelecimentos de pesquisas scientificas; b) de institutos

de ensino theorico e pratico, ambos preparando sua população laboriosa a acceitar e ter plena confiança na Sciencia.”

Neste ponto, entretanto, vivemos completamente errados.

“O Brasil está trabalhando ás escuras, ás cegas.

No mundo moderno, os olhos de um povo são a Chimica e a Mecanica. No Brasil a maior parte da “élite” de nossa população ainda pensa que faz a felicidade de um filho, dotando-o com uma carta de bacharel em Direito... Que engano!... A epocha do bacharel em Direito já passou, como antes della já havia passado a do padre.

Se as escolas de Direito forem aumentando a producção nas proporções em que o têm feito nos ultimos vinte annos, breve chegará o dia em que os bachareis em Direito servirão de criados aos mecanicos e aos chimicos. Na França já bachareis havia, em 1889, como cocheiros de carros de praça.

Hoje o progresso e a riqueza de um povo não se exprime principalmente pelo numero dos que nelle cultivam sciencias juridicas e sociaes. Exprimem-se antes pelo cultivo profundo das sciencias positivas, revelado no numero dos seus cavallos a vapor em funcção util, de suas machinas industriaes ou agricolas, de suas usinas, de seus appparelhos de defesa da saude publica e privada, de seus transportes rapidos e confortaveis.

Só sobre esse arcabouço de pedra, ferro e cimento do edificio social é que são acceitaveis os dourados e as tapeçarias dos trabalhos literarios. Multiplicar estes sem aquelles, é fazer obra de sonhadores ingenuos.”

“O lavrador mais humilde precisa saber o que falta á sua terra, para que esta melhor remunere os seus suores. Se dez por cento, digo mal, se um por cento, ainda digo mal, se um decimo por cento dos nossos infelizes lavradores tivessem um raio de luz divina, qué lhes acclarasse o espirito para reconhecerem essa necessidade inilludivel, e se os que compõem essa fracção decimal se decidissem a obter, por boa paga, os exames chimicos — apenas — de suas terras — não teriamos chimicos em numero que bastasse para fazel-os... O estudo da alimentação do homem e dos rebanhos é um problema de chimica, com applicação a cada instante.

O conhecimento de riqueza mineiras e vegetaes, que a terra de cada brasileiro possa contar é um problema de chimica.”

E’ indispensavel pois que se fundem immediatamente no Brasil escolas industriaes, satisfazendo a dois cursos distinctos, um de especialidade economica, outro de especialidade mecanica.

“Quanto a professores: muito poucos, muito bons e muito bem pagos. Ser-lhes-á absolutamente prohibida qualquer occupação, lucrativa ou não, que não seja o trabalho dentro da escola.

Nada de professores que dão uma aula pontualmente, e pontualmente retiram-se para suas casas ou para outros afazeres, fazendo do ensino uma ajuda de custo para sua vida. Os professores destas escolas terão de entrar para ellas ás 8 horas da manhã, e dellas sahir ás 4 horas da tarde, salva a interrupção de duas horas para almoço. O tempo delles pertencerá inteiro á escola, nas aulas, nos laboratorios, nas officinas, na bibliotheca, no campo de culturas, nos estabulos.

Nada de um professor para cada cadeira, luxo estúpido em se tratando de um paiz ainda pobre, como o nosso. Cada professor terá de reger duas ou mais cadeiras sobre materias que intimamente se relacionem, e cujo conhecimento simultaneo é mais ou menos necessario para quem é especialista em uma dellas.”

A criação systematizada dos estudos industriaes nas tres especialidades — chimica, mecanica e agricola — nos fornecerá chimicos e mecanicos, de que actualmente não dispomos, e que constituirão o alicerce sobre que deverá, em proximo futuro, basear-se a fundação necessarissima de um vasto “Laboratorio Technico Central”. Este será de um lado, o grande coordenador e vulgarizador dos trabalhos de realce realizados nos varios pequenos laboratorios dissimulados pelo paiz, e de outro lado, grande productur, instigador e vulgarizador dos trabalhos praticos de sua propria lavra, no sentido da direcção industrial e agricola do Brasil.

Os povos que querem realmente trabalhar não podem dispensar esse appparelho, que é a cupola da sua construcção technica, o verdadeiro leader do Trabalho Naional.”

Não param aqui as providencias lembradas pelo dr. Cincinato Braga. S. exa. propõe tambem que se organise o credito rural e para isso dá o seguinte conselho:

“Com a emissão de 300.000 contos ultimamente decretadá em lei, está

o governo federal acudindo á situação commercial do café e da borracha, devendo empregar nisso de 180 a 200 mil contos, para compra e armazenamento desses productos.

Passada a crise, esses productos serão vendidos commercialmente.

Que destino será então dado ao dinheiro assim apurado?

Propomos que desse dinheiro sejam applicados cem mil contos, á fundação do credito rural.

De que modo? Assim:

Esses cem mil contos ficarão em poder do Banco da Republica, em conta a parte, com escripturação especial. Delle não poderá o Banco dispôr sinão para os fins da lei que propomos, sob pena de responsabilidade criminal de seus directores.

Por intermedio de suas agencias em cada Estado da Federação, o Banco promoverá immediatamente a fundação, em municipios, de bancos de credito popular, sob a forma de cooperativas de credito de responsabilidade limitada.

Os cem mil contos, serão repartidos pelos Estados da Federação, na proporção da população de cada um.

A quota que assim couber a cada Estado, terá este destino: — será subdividida em tres partes eguaes, das quaes uma ficará nos cofres da agencia central do Banco, em cada Estado, destinada exclusivamente ao redescoto dos melhores titulos das carteiras dos bancos do interior; as outras duas partes daquella quota, serão destinadas á subscripção, pelo Banco, de acções até o valor de metade do capital de cada banco de municipio. Acções de 100\$000 cada uma, offerecidas preferencialmente á subscripção de pequenos agricultores do municipio. O capital inicial de cada banco deverá ser não inferior a cem contos e será limitado a quinhentos. Não poderá nenhum banco local fazer, em caso algum, a um só mutuario, embora por fórma contractuaes differentes, empréstimos excedentes da vigessima parte do capital realizado do banco.

Os directores destes bancos serão em numero de cinco: tres eleitos pelos accionistas possuidores de acções não pertencentes ao Banco do Brasil, e dois nomeados pelo Banco do Brasil, um dos quaes será o gerente por designação do mesmo Banco.

Só o director-gerente perceberá vencimentos; e estes jamais poderão sahir do capital bancario, mas sim dos lucros líquidos effectivamente apurados em moeda corrente, não podendo exceder a 15 o/o desses lucros."

A fundação desses bancos, entre outros beneficios certos traria o se-

guinte: viria facilitar a execução de uma obra de interesse vital para as regiões seccas e quentes do norte do Brasil: "a utilização dos grandes cursos d'agua para o serviço agrícola de vastas bacias, onde em vez de um só agricultor se possam instalar quinhentos ou mil, com milhões de hectares irrigaveis".

Não é tudo claro, positivo, convincente, luminoso?

Só não applaudimos o final de suas ponderações.

Termina s. exa., com estas palavras, mescladas de fé e desalento, de confiança e duvida, de optimismo e pessimismo:

"Para collocar o paiz em pé de poder resistir a tudo isso, é que proponho estas medidas. Ellas revelam confiança no Trabalho consorciado com a Sciencia. No pouco que tenho lido, e no pouco que tenho viajado, aprendi ser esse o rumo que nos levará a salvamento.

O que gastavamos com a imigração estrangeira, "que agora, e durante os proximos annos estará suspensa", gastemos isso e mais do que isso, com estradas agricolas, com machinismos agricolas, com fertilisantes agricolas, com melhoramentos do gado, com irrigação dos campos, com a organização technica do trabalho nacional agrícola e fabril.

Para applicações desta natureza, não tenho medo de fazer divida. Confio immenso no povo brasileiro, na sua sobriedade, na sua resistencia, na sua tenacidade, tantas vezes documentadas em sua Historia. As guerras gau'chas, as bandeiras paulistas, a retirada de Laguna, a tragedia de Canudos, as scenas do nordeste, a penetração pelos seringaes, são estupendas odes em unisono cantadas pela coragem e pela dôr... Bastam de sobra para nos imporem ao respeito do mundo, e nos encherem de confiança em nós mesmos. O de que precisamos, é de uma orientação capaz e resoluta.

Proponho estas medidas, sem esperanças de que sejam estudadas. Não importa. Resalvo assim a minha responsabilidade. Esta é quasi nulla aos olhos alheios. Aos meus, não. Sempre considerei sérias as responsabilidades de qualquer brasileiro para com a Patria amada; mas hoje, em face dos acontecimentos que estão sacudindo umas, e sacrificando outras nações do mundo, considero taes responsabilidades extremamente aggravadas.

O projecto que proponho visa a satisfação de necessidades econo-

micas, a que um povo precisa acudir, seja como fôr. Mas além de necessidades economicas, este projecto vae tambem ao encontro de altas conveniencias de politica, interna e externa. Amanhã, quando uma commissão estrangeira vier arrecadar, como na Turquia, as rendas de nossas alfandegas, já hypothecadas a credores que a guerra vae tornando necessitados e quasi famintos; amanhã, quando a ignorancia e a pobreza, impregnadas da sensação de abandono em que deixamos os Estados do Norte, lhes aconselharem qualquer desatino contra a unidade nacional, eu quero, deante de qualquer dessas desgraças evitaveis — de que Deus nos livre — sentir em minha consciencia que para ellas nunca concorri, nem por acção, nem por omissão."

Porque esta sombra de melancolico scepticismo a insinuar-se no seu pensamento?

Para uma obra de reconstrucção nacional só são efficientes as palavras de coragem e os gestos de firmeza.

Porque não se deteve s. ex., nos primeiros periodos, nos periodos em que externa a sua confiança no povo brasileiro?

Foi pena. Precisamos tanto de estímulo e de enthusiasmo!...

BIBLIOGRAPHIA

F. T. DE SOUZA
REIS — *A dívida do Brasil (Estudo retrospectivo)*

Traça-se nesta monographia, por todos os titulos excellente, a historia das dividas do Thesouro Nacional.

E' uma historia dolorosa — a historia dos nossos erros mais graves — e o dr. Souza Reis conta-a com uma clareza e um vigor de linguagem impressionantes.

A' narração propriamente dita, antecede uma introdução em que, ao par de outros dados interessantes, o autor mostra qual o capital estrangeiro obtido por emprestimo pelo Brasil até 1913. E' um verdadeiro pezadello de algarismos.

Deste livro é que se póde dizer com toda a justiça aquillo que se disse de outro: é mais do que um bom livro, é uma boa acção. Mais ainda: é um acto de patriotismo.

ALCANTARA MACHADO — *Problemas municipaes*

A literatura parlamentar—e nesta expressão comprehendemos os discursos e pareceres que se fazem em assembléas publicas sejam federaes, estaduais ou municipaes—não goza de bom conceito. Não passa para muita gente de um moinho de palavras inuteis ou de uma encyclopédia de logares communs.

A do sr. Alcantara Machado escapará certamente a essa condemnação. Os seus discursos lêem-se com facilidade e com prazer. A linguagem é simples, sem ser trivial, a phrase corre limpida e rapida, o pensamento é lucido e, aqui e alli, salta, para maior encanto do leitor, o grão de ouro da ironia.

Outra qualidade das orações do sr. Alcantara Machado é a urbanidade. Não se póde, em debates parlamentares, guardar uma linha de mais rigorosa cortezia do que a que ellas guardam.

ALFREDO DE ASSIS
— *Coisas da vida*

São contos e fantasias.

Ha no escriptor o dom da observação e o talento de narrar. Junte-se a isto o cuidado da phrase e ter-se-ão muitos motivos para estimar o seu livro.

Foi, pelo menos, o que se deu comnosco.

MANUEL DO CARMO
— *Setembro*

Ha neste livro de versos, coisas bellas e coisas vulgares. A culpa é do autor que não quiz, naturalmente, sacrificar um só dos seus filhos espirituaes. Não é raro, infelizmente, esse excessivo sentimentalismo paterno... Mas, ainda assim, o livro não deixa a menor duvida de que saiu do coração e do espirito de um poeta legitimo.

MARIO BEIRÃO —
Lusitania

Versos ainda e versos patrióticos. Espelham-se nas estrophes deste poeta as terras, os gloriosos successos e os grandes vultos do velho Portugal. Muitos accentos dessa musa regional despertam entretanto, eccos em nossa alma estrangeira. E' que a poesia verdadeira, por mais pessoal que seja a sua inspiração, sempre tem uma voz para toda a humanidade.

COSTA MACEDO —
O Enforcado

Livro de contos. O autor é portuguez e nos contos reproduzem-se aspectos da vida portugueza.

E' um livro de tonalidade sombria.

O sr. Costa Macedo ama as tragédias e a canalha que põe em acção alimenta-se de sangue e de lodo.

E' uma gente tão ruim que se chega a lamentar a bondade do escriptor poupando alguns. Deviam todos ser exterminados.

SOARES DE MELLO
JUNIOR — *Colombo*

E' uma conferencia sobre o grande genovez. Ha nella pontos de vista historicos muito interessantes e o calor de um entusiasmo vibrante pelo homem e pelos seus feitos. Percebe-se que é trabalho de um espirito culto e sagaz aquecido por um temperamento de artista.

VISCONDE DE VILLA-MOREIRA — *As cinzas de Camillo*

O autor revolta-se contra a idéa da trasladação das cinzas de Camillo para o Pantheon. Camillo está sepultado no Porto em jazigo da familia Freitas Fortuna. Está alli por disposição expressa de sua vontade. Porque tiral-o? Como tiral-o diante dos termos clarissimos desta carta sua a Freitas Fortuna:

"Exmo. Freitas Fortuna, meu querido amigo. Revalido, por esta carta o que lhe propuz com referencia ao meu cadaver e ao seu

jazigo no cemiterio da Lapa. De-sejo ser alli sepultado e que nenhuma força ou consideração o demova de me conservar as cinzas perpetuamente na sua capella.

E' natural que ninguem lhe dispute a posse dessas cinzas; receio, porém, que seja ainda uma fatalidade posthuma que se compraza em impor a violencia até aos meus restos.

Dê o meu amigo a estas linhas a validade de uma clausula testamentaria, e, sendo preciso, faça que ella valha em juizo.

Abraça-o com extremado effecto e inesprimivel gratidão o seu — Camillo Castello Branco, Porto, 6 de Abril de 1888".

Em 15 de julho de 1889, um anno antes do seu suicidio, Camillo, em nova carta, reiterava o pedido:

"Começo a experimentar uma especie de affecto posthumo ao meu cadaver. Tão pouco me apreciei na vida, tão pouco cabedal fiz da minha saude, que já agora me quer parecer que este amor ao que nada vale é retribuição devida a esta materia, que me ha de sobreviver alguns annos aviventada pela engrenagem de putrefacção.

Deste affecto extraordinario, mas não excepcional, resultou dizer-lhe eu, meu querido amigo, quer falando, quer escrevendo, que aspirava fervorosamente a ser sepultado no seu jazigo da Lapa.

E' bem certo que, para além da campa, ha o que quer que seja que ainda nos prende ás coisas mortaes. Sei que no seu jazigo dormem o somno infinito seus extremosos progenitores. Ambos conheci na flor da vida, no esplendor da honra, nas luctas do trabalho e na pujança da alegria e da felicidade. Ambos morreram no vigor dos annos, se podem considerar-se mortaes **duas imagens sagradas** que renascem na alma de um filho ao fogo da sua saudade, com o seu respeito filial, com as suas lagrimas represadas, e que os annos ainda não poderam crystallisar em glacial indifferença.

Volvido um longo prazo as cinzas do meu querido Freitas irão aos braços já cinzas tambem de seus paes extremecidos.

Se a morte tivesse expressão que não fosse aquelle mudo terror de um gesto que ao mesmo tempo anniquilla e grava o eterno estigma do silencio nos labios gelidos, só ella poderia dar-nos a sombra horrida e que o seu esquife baixar á perpetua união com os cinerarios de seus paes. E eu, a essa hora, estarei á beira delles como testemunha silenciosa das compun-

gidas lagrimas que lhe vi na face quando o coração lhas dava repassadas de uma santa saudade.

Não sei se esta chimera, que vagueia na região tenebrosa e na crypta dos mortos amados e chorados, foi a despertadora vontade que me domina ha anno e meio de ser enterrado no seu jazigo.

O meu querido Freitas Fortuna acceitou com ternura a offerta do meu cadaver, e dess'arte, permitindo que eu fizesse parte de sua familia extincta, quiz continuar além da vida a tarefa sacratissima da sua dedicação incomparavel. Bem haja, e adeus".

*Dr. LUIZ RIBEIRO
DO VALLE — Psychologia morbida na obra de Machado de Assis*

Só o assumpto escolhido bastava para tornar interessante a these do dr. Ribeiro do Valle. A sua approvação com distincção mostra que elle soube redobrar-lhe o interesse.

O joven medico não occulta a sua admiração pelo vigor scientifico com que Machado de Assis compôz os seus typos morbidos. Typos morbidos existem nas obras de todos os romancistas mas nem em todas são traçados com a exactidão de linhas de que só os grandes escriptores são capazes. Os de Machado de Assis são perfectos.

Para o dr. Ribeiro do Valle não ha duvida alguma que Machado de Assis foi um verdadeiro genio: "Toda a sua obra o demonstra pela originalidade do seu estylo, pelo brilho da forma, pela sua concepção philosophica e pela magnifica expressão das idéas".

Não têm razão os que, como Me-deiros e Albuquerque, sustentam que "Machado de Assis, vivendo sempre num circulo restricto, conhecendo muito pouco do mundo, analysando apenas pequenas personagens do pequeno meio em que passou todo o seu tempo e sendo, por indole, um timido — deixou uma obra de timido; não ha nella nenhuma vibração forte, nenhuma grande criação".

Não é assim.

"Que importa, diz o dr. Ribeiro do Valle, que Machado de Assis tenha vivido e observado num "circulo restricto" se a sua analyse não foi simplesmente de personagens mas sim da alma humana? Só uma intuição genial poderia apresentar uma criação como Rubião, por que alli não é um professor primario subitamente enriquecido por uma herança, mas a paralyisia geral, descripta magistralmente, capitulo de arte e de sciencia, que o não faria o mais abalizado de todos os psychiatras".

"Foi descrevendo o pequeno meio de seus companheiros galerianos ou traçando o caracter de um estudante faminto que Dostoevsky o revelou um genio assombroso; Ibsen com excepção de uns dous dramas historicos é o genial observador de um meio, exotico é verdade, para nós, mas burguezissimo de negociantes pastores etc."

Rubião é o typo classico do paralytico geral; Simão Bacamarte ha de ser sempre o alienista exagerado: todo ciumento se reflecte no Felix, da Ressurreição; Luiz Garcia é o typo exacto do burocrata austero e pessimista; Braz Cubas é todo esperançoso que fracassa".

Ha muitos defeitos e algumas lacunas na these. Não obstante, encerra ella incontestavelmente, larga somma de observações e reflexões curiosas e representa uma valiosa contribuição para o estudo do grande escriptor brasileiro.

ALFREDO PUJOL

O sr. Alfredo Pujol, recebeu no dia 30 de dezembro findo uma manifestação de numerosos amigos e admiradores, por motivo da sua eleição para a Academia Brasileira de Letras. Constituiu a homenagem num banquete, que reuniu numerosas pessoas, tendo ainda a realçar-lhe o brilho a palavra eloquente e encantadora de Olavo Bilac, vindo do Rio de Janeiro especialmente para saudar o sr. Alfredo Pujol.

Eis o discurso de Olavo Bilac:

"Alfredo Pujol! — Quizeram os nossos amigos que viesse de longe o encarregado de interpretar, nesta alegre festa, a affeição de tan-

tos que tão perto vivem contigo. Não haveria significação notável no seu appello e na minha vinda, se esta particularidade da distancia se limitasse ao sentido do espaço. Com a estrada de ferro, que daqui a pouco será substituída por esquadras de machinas voadoras o Rio de Janeiro e São Paulo já são vizinhos, e em breve serão dois bairros de uma mesma cidade; e mais velozes do que as locomotivas e os aeroplanos são o pensamento e a amizade, que instantaneamente me deixam ficar ao teu lado, como ao lado de tantos companheiros queridos que tenho nesta amada Paulicéa, apesar das não sei quantas leguas que afastam as nossas residencias. Aqui, a expressão interessante da distancia está no sentido do tempo. Digo que venho de longe para saudar-te, porque venho do passado, da tua e da minha mocidade. Desejaram os nossos amigos que, neste dia de premio, o prégoeiro da victoria fosse um dos mais antigos, senão o mais antigo dos teus companheiros de esperanças e fadigas. No hoste dos irmãos de armas, a primazia não coube ao mais digno: coube ao mais velho. Mais de trinta annos de amizade fiel dão dominio e autoridade... Sinto muito que esta referencia á minha veteranice não te remoece. Perdoa-me este "momento" doloroso; resigna-te, como me resigno, com uma certa vaidade. A mais trivial dessas trivialidades a que chamamos "calinadas", é a que nos aconselha paciencia no envelhecimento, lembrando-nos que o unico processo para viver muito é envelhecer; e o orgulho sobredoura a paciencia, quando o que se encaminha para a velhice traz na bagagem a dignidade e a alegria.

O movel desta brilhante reunião foi a tua eleição á Academia Brasileira. Mas não falo aqui em nome da Academia. No seio da corporação já uma outra voz foi chamada para dar-te a boavinda e a justa acolhida; lá dentro serás recebido por um mestre das letras e do direito, um nobre homem raro, cuja benevolencia dá felicidade, cujo louvor é sempre condecoração altissima, e em cujo espirito se alliam o talento e a virtude. Não trago delegação do gremio a que vaes dar tanto lustre. Mas como calar aqui a principal razão deste signal da estima dos teus admiradores, quando é tão bello o motivo da festa e tão justo o galardão que receberam os teus serviços? E como poderia eu aqui despedir-me da investidura de academico? Este cargo é vitalicio, inamovivel e inamissivel, irrevogavel e fatal; nem uma pena infamante me privaria da tonsura academica!

Os estatutos da nossa Companhia são tyrannicos como os da Igreja: dão ao ordinando para a vida e para além da vida a imposição de ordens perpetuas, — tunica terrivel, que não pôde ser arrancada sem levar comsigo retalhos da carne e da alma. Vê bem, novo Hercules, o que conseguiste com vinte e sete votos de immortaes!

Honrou-se a Academia, quando aceitou a tua candidatura. Entre outros trabalhos, com que poderias negociar a tua admissão no cenaculo, um houve, que bastou para obrigar o castello da nossa fragil Immortalidade a aplanar os seus aroxes e a abaixar a sua ponte levadica ao primeiro signal da tua presença: o teu trabalho sobre Machado de Assis.

Não sei se é um livro de critica o que escreveste sobre o romanista das "Memorias Posthumas de Braz Cubas". E', certamente, um livro encantador e commovedor, de admiração e piedade.

Receio mostrar-me irreverente e paradoxal, duvidando da necessidade de critica e criticos em materia de arte. Sempre haverá critica, porque critica é philosophia; a philosophia, sendo a sciencia dos principios e das causas, é principalmente a disciplina da logica: e sem logica não pôde haver esclarecimento e encadeamento das coisas do espirito. Compreendo o valor indiscutivel da critica, quando é grammatical e historica, anotadora e revisora da authenticidade e pureza de textos e de datas, commentadora de tendencias geraes de costumes, de religiões, de literaturas. Mas não a acredito capaz de criar ou anniquilar aptidões, de inventar e matar escolas e correntes artisticas. Nunca tive conhecimento de um verdadeiro escriptor de genio, ou, mais propriamente, de invenção, de poder criador e de expressão, que se tenha feito á custa de conselhos de criticos; nunca vi que bons temperamentos artisticos se estraguem por falta ou por maus ensinamentos de censores, nem que litteralhos sem nervo se transformem em architectos de primores por obra e graça de aristarchos didactas. De criticos sabemos, que são artistas criadores, e só por desfastio abandonam a criação pela critica. Mas os Taines são raros. Abundantes e pullulantes são outros, que são artistas mallogrados: naufragos da literatura, immoveis na praia ou nos cachopos a que foram arrojados, não sabendo ou não podendo navegar, e ficando de longe, a examinar e censurar os navegadores, que, de velas soltas e prôa corajosa, singram pelo mar alto. Alguns, quando invadem o dominio da victima, armados de

picareta e microscopio, levam, como guia unica, a má vontade: o preconcebido desejo de encontrar muitas jaças nos diamantes, muita areia no ouro, muito cascalho inutil e muito lodo na mina esquadrinhada: e, quando a colheita das impurezas é rica — que triumpho! Esta antipathia é o despeito dos estereis, que, incapazes de gerar filhos bellos nem feios, rejubilam com os senões dos filhos alheios; e, se não ha nesta pesquisa de taras uma desforra da impotencia, ha ao menos a ancia de viver e brilhar á custa da vida e do brilho dos outros: criticos ha, que subsistem ás costas dos criticados, — seres parasitarios ou commensaes, como a epiphyta, que viça pegada ao tronco generoso, ou como o epizoario, que passeia ao sol, agarrado á casca do carangueijo complacente.

Se és critico, pertences á famosa e privilegiada familia, á qual não se entroncam por parentesco proximo nem remoto aquelles mirrados rabecadores.

De admiração e piedade, de grande amor foi feito o teu livro. Por aquella vasta e poderosa obra de genio, entraste com o espirito forrado de enthusiasmo; e, porque sabias que aquella obra era de um infeliz, entraste com o coração cheio de misericordia. Mostraste bem o prodigio daquelle escriptor e dos seus escriptos: o criador e a criação milagrosamente brotados de tão obscura origem e tão acanhado ambiente social, — tão estranho o philosopho como a sua philosophia, tão inesperado e perturbador o poeta como a sua poesia. Contaste bem a honrada vida daquelle heroe das letras, — a modestia e o recato daquelle corajoso, a tenacidade daquelle timido. Indicaste o mundo de idéas que referve nos seus livros, e a maravilhosa forma em que foram vassaldas estas idéas, a nova perfeição, tecida de graça e leveza, que o melhor dos nossos escriptores soube dar á nossa lingua. Estudaste, passo a passo, o artista e o homem, a sua gloria e a sua tristeza, o seu valor e os seus soffrimentos. Ao contrario daquelles duros cavouqueiros, de que ha pouco falámos, que propositadamente escondem debaixo das impurezas as pepitas fulgidas encontradas no acervo, — foste, nesta excavação carinhosa, um catador de bellezas occultas, um descobridor de riquezas ignoradas; aqui, dèste realce a uma phrase que passava sem reparo: alli, feriste um recanto de commoção que se apagava na sombra; além, apprehendeste uma subtilidade que fugia; adeante, fizeste brilhar uma lagrima que se mascarava num riso; mais adeante fizeste

expandir-se um gesto de generosidade que se manietava numa ironia. Não foste um critico. Foste um crente devotado, um guarda abnegado do thesouro, um entusiasta conservador do museu.

A Academia saberá agradecer o culto, que soubeste dar ao seu fundador. Não vim aqui interpretar o que pensa a Academia; e os nossos amigos não estão aqui unicamente para felicitar-te pela tua eleição, e unicamente porque és um homem de letras victorioso e premiado.

Aqui estamos para mostrar-te que, sobre sermos admiradoes teus, somos teus amigos; queremos exaltar, sobre o teu talento, a tua bondade e a tua lealdade.

Quem te conhece, Alfredo Pujol, e já viveu alguns minutos dentro da tua bibliotheca, não pôde mais separar, no espirito, da lembrança da admiravel casa dos teus livros a lembrança da tua vida intima. Ordenaste a tua bibliotheca á feição da tua alma...

Um verdadeiro bibliophilo é sempre um bom homem, e um amigo de todas as coisas boas e bellas. Amar os livros é como amar as flôres: é arriar tudo que perfuma e encanta a vida; "si hortum cum bibliotheca habes, nihil doerit", como escreveu o sobrio e elegante Cicero. E's um bibliophilo e não um bibliomano. Nos bibliomanos reside a furia inconsciente que governa o grosso dos colleccionadores maniacos, paixão pela posse dos livros e não pelo entendimento delles, enthesouramento atabalhoado de codices preciosos e bacanar, artes inuteis: é a mesma cubica desordenada, a mesma avareza doentia dos que guardam indistinctamente, sem serventia, moedas de ouro e cachimbos rachados, pedras preciosas e fechaduras ferrugentas, cabellos femininos e cacos de louça. Ao passo que, nos bibliophilos, em vez da mania desarrazada, reside o culto consciente dos livros, a vaidade da posse e o goso da leitura, a guarda e o conhecimento do thesouro, o cuidado pelo deposito e o enternecimento pelo seu valor. Na bibliophilia, ha intelligencia, discernimento, bom gosto e erudição. Num bibliomano ha um desequilibrado, num bibliophilo ha um sábio.

Dentro da tua bibliotheca, estou dentro de ti, porque aquella capella do saber, admiravelmente povoada de idéas e alfaiada de obras de arte, é a reproducção da tua vida. Espanejas todas as manhans o teu cerebro e o teu coração, como espanejas as tuas estantes. Todas as manhans arejas os teus volumes, para livral-os desses pequeninos insectos roazes, incolas do papel impresso, que voluptuosa

e indistinctamente destroem obras primas e semsaborias, comendo admiráveis versos e aleijões poéticos, pensamentos deliciosos e dislates insossos, conselhos consoladores e perversidades venenosas. E, com o mesmo zelo hygienico, arejas a tua alma, livrando-a dessas outras devoradoras traças, peores do que as dos livros, roedores que bicham as existencias ociosas e sáfaras: a indiferença, o egoismo, o tédio, a maldade.

Desejam os teus amigos que muitos annos largos e pacíficos ainda corram sobre ti, prolongando a tua vida actual de labor, de coragem, de alegria. Uma irisonha velhice corõe a tua existencia e encham-se a tua bibliotheca de novos livros formosos, a Academia de trabalhos teus, e o teu lar de netos que sejam dignos do teu nome!"

Falou em seguida o sr. Roberto Moreira, offerecendo ao nosso director, em nome da Sociedade de Cultura Artistica, uma preciosa edição de Debret. Disse o orador:

"Eu não ousaria levantar-me diante de vós, senhores, se não fosse compellido a isso por um dever a um tempo arduo e delicioso. E' uma prova de mau gosto falar depois que Olavo Bilac falou, mas é um prazer e uma gloria dizer de Alfredo Pujol. Uma entidade, porém, existe, uma entidade que tenho a honra de representar, a qual não podia estar ausente desta encantadora solennidade: é a Sociedade de Cultura Artistica. Em certo sentido, o lustre desta festa se reflecte tambem sobre ella, porque ella teve a sua parte, e não pequena, nesses feitos que estamos hoje festivamente celebrando.

Sabeis que Alfredo Pujol, tendo-se revelado na adolescencia e na mocidade um escriptor elegante, subtil, poderoso, foi a pouco e pouco se retrahindo até abandonar de vez o convívio das letras. Duas megeras abominaveis, duas insaciáveis devoradoras de intelligencias, a advôcacia e a politica, estreitando-o nos seus braços insidiosos, fizeram-n'o esquecer aquella alada penna de chronista, que criara e irisara tantas pequenas obras primas. A Sociedade de Cultura Artistica, porém, cuja modesta mas meritoria função consiste em dar estimulo ao trabalho literario e aos que servem as artes, vendo que, debaixo daquella honrada toga de advogado e daquelle mal disfarçado tédio de politico desambicioso, o que vivia realmente era o escriptor, o refulgente escriptor de outros tempos, — bateu á sua porta. O advogado,

coberto de louros, teria hesitado; o politico, aureolado de um justo renome de lealdade e pureza, desenharia, talvez, no ar, um gesto de enfado que a politica, entre nós, sempre desdenhou as letras. Mas, o artista cedeu. E, cedendo, fez esse livro venturoso e lindo que o levou á consagração academica, depois de lhe dar a admiração commovida de todos que o leram. Nesse livro, que nasceu sob o tecto gasalhoso da Sociedade de Cultura Artistica, não ha propriamente uma obra de critica, pois a critica, como disse Camillo Castello Branco, é a arte de "desbotar sapientissimamente todas as flôres que toca." Ha nelle, sim, o que vale muito mais, — uma obra de doçura e piedade, mas piedade sincera que não pranteia a desventura só para poder com mais franqueza desvendal-a, e doçura intelligente que não esconde as raras falhas do modelo na van tentativa de fazel-o perfeito, fazendo-o, ao mesmo tempo, homem. O que mais encanta nesse livro, além do estylo que é puro; além da forma, que é sobria; além do retrato minudente de Machado, que por alli perpassa, na sua melancolia, sereno e recolhido como um Deus enfastiado, — é a modestia illimitada do autor que, podendo, frequentemente, intervir no discurso, como fazem os criticos, com as suas idéas, os seus rancores, as suas antipathias, os seus ciumes, — se apaga, se annulla, se dissimula e olvida, para que na tela da narrativa appareça unicamente, nitida, solitaria, illuminada, a figura incomparavel do Mestre. E' assim que elle prefere muitas vezes resumir Machado ou reproduzir mesmo o texto das suas criações, a divagar, parasitariamente, sobre umas e outro, á maneira dos que buscam no trabalho alheio a inspiração que lhes falta. O livro de Pujol é, pois, na verdade, uma fulgurante biographia do Mestre e uma edição condensada e commentada da sua obra immortal.

A Sociedade de Cultura Artistica abençoa esse trabalho e delle se gloria. E agradece a Alfredo Pujol a honra que lhe deu, permittindo que ao seu nome se juntasse o della no rosto de um volume que ha de viver na nossa lingua. E para que a lembrança desse sentimento não se dissipe na vossa memoria, Alfredo Pujol, ella vos offerece esse livro, a vós que tão finamente sabeis amar os livros, onde encontrareis, em paineis magistraes, alguma coisa do Brasil e do seu passado, do Brasil que tanto tendes nobilitado e servido, pelo vosso patriotismo, pela vossa cultura, pelo vosso infatigavel

e honesto labor, pelo vosso fulgido, agudo e maravilhoso intellecto."

O sr. Alfredo Pujol, muito comovido, assim respondeu aos oradores:

"Meus amigos!

Tentei, esta manhã, consoante o costume em circumstancias taes, reduzir a escripto algumas idéas e palavras com que vos agradecesse a extraordinaria honra que a vossa generosidade me confere. Foi baldada tentativa. A penna tremeu-me na mão e duas lagrimas de pura e radiosa felicidade apontaram nos meus olhos... Apesar do conceito de Pascal — "Il est honteux á l'homme de succomber sous la joie" —, eu não pude escrever um discurso para esta solennidade que tão fundo me toca a alma. E' com algumas palavras singelas, que mal posso proferir, que eu venho dizer-vos como foi excessiva a bondade dos que pretenderam glorificar a minha insignificancia. O premio que recebi da Academia Brasileira de Letras, elegendo-me para a vaga de Lafayette, na cadeira que foi occupada por Machado de Assis e que tem por patrono José de Alencar, foi uma dadiva tão grande que eu me sinto sem forças para recebê-la e para honrá-la. A recompensa que hoje recebo dos meus amigos paulistas sobreleva a tudo quanto a minha ambição pudesse sonhar. E' para mim, neste dia memoravel, a suprema ventura ouvir uma saudação do mais querido dos meus amigos da adolescencia, o grande poeta do rythmo e da graça, que no seu glorioso outono se converteu, pela sua magica palavra e pela sua acção social, no nune protector do Brasil novo que resurge na tragica commoção deste momento historico. (Muito bem. Palmas). E' para mim a gloria suprema ouvir a palavra de Roberto Moreira, um dos meus amigos mais novos e uma das mais nobres intelligencias da moderna geração. (Muito bem). E' para mim, senhores, imenso jubilo vêr, em torno desta mesa, alguns dos meus velhos camaradas dos bancos academicos, que commigo conviveram na quadra alegre dos vinte annos. E' para mim um motivo de justo orgulho vêr aqui reunidos tantos dos meus amigos, que são as mais altas figuras da culta sociedade paulista... E eu pergunto a mim mesmo se o nada que sou poderia acaso merecer esta excelsa consagração. Devo-a, disse Roberto Moreira, ao curso de que me encarreguei na Sociedade de Cultura Artistica, e cerca da personalidade

e da obra de Machado de Assis. Hesitei muito, antes de acceitar encargo tão pesado; e só pude levar a termo a tarefa que me foi commettida, entrando nella com toda a minha admiração pela genio literario mais alto e mais nobre da America contemporanea, e servindo-a com a sympathia e o respeito que inspira o grande mestre das letras nacionaes. Sou o primeiro a reconhecer as imperfeições e as falhas do meu trabalho, mas quero crêr que elle foi ao menos a primeira pedra, rude, tosca e despolida, para o monumento literario que o Brasil tem o dever de levantar á gloria imperecivel do autor de "Quincas Borba". (Muito bem).

Olavo Bilac, nas palavras carinhosas que acabamos de ouvir, poz em relevo a lealdade, que tem sido a norma constante da minha vida. Em regra, ninguém se conhece a si proprio; costumamos exaggerar as nossas qualidades e reduzir veladamente os nossos defeitos... Mas, em verdade, vos digo que o meu companheiro de trinta annos de inalteravel e profunda amizade soube acertar no definir aquella feição da minha conducta moral. A minha lealdade e a minha sinceridade são a obra dos amigos que eu tive a fortuna de conquistar; são a resultante do meio em que vivi nesta terra desde a adolescencia, desde quando para aqui vim, deslumbrado e attrahido pela cultura de S. Paulo, pela sua força e pela sua grandeza. E diz-me a consciencia que o pobre estudante que aqui veio tentar a sua vida, com o seu unico esforço e com o seu devotado amor ao trabalho, não desmereceu da fidalga hospedagem deste torrão admiravel, onde criou as suas raizes, onde sonhou e soffreu, onde veio bater-se pelos ideaes da Abolição e da Republica.

Com estas flôres que me cercam eu quero coroar a minha velhice que se aproxima e vos prometto, quaesquer que sejam as surpresas que me reserve o futuro, conservar a mesma linha de lealdade, que foi talvez a força obscura que me deu o affecto de tantos corações amigos.

A' Sociedade de Cultura Artistica, que tão grandes serviços vem prestando ás bellas artes e ás bellas letras em S. Paulo, devo exprimir o mais profundo reconhecimento pela joia rarissima com que acaba de me brindar. A maravilhosa obra de Debret não figurava entre os meus livros dilectos, Debalde a venho procurando, desde muitos annos, nos escassos mercados de livros acerca do Brasil e da sua historia. Esse primor será abençoado entre os livros da minha

adoração. Abençoemos os livros, aconselha Anatole France, porque elles sabem consolar-nos de todas as realidades dolorosas.

Aos meus amigos, o meu coração eternamente reconhecido!"

MOVIMENTO ARTISTICO

EXPOSIÇÃO Malfatti

A joven pintora paulista senhorita Annita Malfatti pôde orgulhar-se de ter agitado um pouco o nosso estagnado meio artistico com a sua ultima exposição. Essa agitação que, aliás, não passou de algumas rodas de amadores, e de algumas apreciações criticas, na imprensa diaria, não foi de todo favoravel á artista. Em todo caso só se discute o que realmente tem valor. Tem-n'o de sobra a senhorita Malfatti, cuja primeira exposição em S. Paulo, encheu de esperanças os amigos da arte. Nos seus trabalhos de principiante, havia já a affirmação de uma individualidade, um vigor pouco vulgar no toque e uma concepção geral da pintura que denunciavam "um temperamento".

Nas télas ultimamente expostas ostentam-se ainda as mesmas qualidades. Mas, ao lado dellas surgem falhas que nos parecem gravissimas porque revelam um desvio de orientação artistica que será fatal á promissora carreira da talentosa pintora.

A senhorita Malfatti deixou-se "emballer" pelas extravagancias dos chamados "futuristas" e poz o seu esplendido talento ao serviço dessa tendencia que nem ao menos se pôde chamar escola.

A sua boa-fé, a inexperiencia propria da idade, mantêm-n'a na illusão de estar fazendo "futurismo". Não ha na sua nova maneira a menor sinceridade, se bem que a intenção seja perfeitamente honesta. Mas a senhorita Malfatti, a pretexto de romper com as convenções da arte acceita, adoptou sem discutir todo o estapafúrdio convencionalismo de uma falsa arte em que só se exhi-

bem os "ratés" e os desequilibrados.

Os partidarios da "nova escola" têm a louca pretensão de reproduzir o movimento conforme á realidade das nossas sensações.

Basta reflectir que todos os movimentos se operam na natureza com rapidez muitissimas vezes maior do que o mais rapido dos nossos meios de expressão, para comprehender o absurdo de sua reprodução integral pela imagem.

A arte jamais poderá reproduzir o movimento integral. O seu papel é de suggerir aos que contemplam uma obra, uma figura, por exemplo, a serie de movimentos que essa figura faria para realisar uma determinada intenção ou para dar a impressão da vida, pois que a vida é movimento.

Para tal não era preciso inventar o futurismo.

Toda a escola moderna, sobretudo depois do triumpho do "ar livre" e do impressionismo, tende para esse fim e já attingiu a resultados extraordinarios. A substituição dos contornos e das sombras convencionaes pela theoria dos valores e da pintura luminosa baseada na fusão das cores reveladas pelo espectro solar, offerece recursos inesgotaveis aos artistas.

Nenhum delles poderá, porém, prescindir da noção de fórma, do desenho, que é a base de tudo, o arcabouço indispensavel a qualquer construção artistica.

Ora, os futuristas suprimem o desenho, e entregam-se á mais arrojada fantasia de cores. A sua pintura fala uma linguagem incomprehensivel por illogica e inconsequente.

Rodin soube dar, como ninguem, a suprema expressão do movimento na escultura. E não ha em esculptores de todos os tempos, nenhum mais realista e mais simples do que o genial artista que a França acaba de perder. Em todos os corpos humanos que plasmou no barro, os braços partem dos hombros e as pernas sustentam o tronco.

Os futuristas não se incommodam de ligar um braço á cabeça ou de fazer surgir a perna de uma axila, contanto que "dê" a impressão do movimento, a trepidação da vida...

A senhorita Malfatti aceitou as franquias dessa pseudo-escola para fazer a sua "Negra bahiana", que é para nós, pobres normaes, um caso teratologico em anatomia. Mas, ao lado della, poz uns abacaxis tão bem desenhados e tão acabadinhos que fariam as delicias de um botânico...

Onde está a escola, o methodo, o systema?

Numa cabeça de homem vigorosamente manchada, com uma indicação magistral dos planos, de perfeito accôrdo com as regras da pintura normal, tingiu o rosto de verde e amarello... e convenceu-se de que fez futurismo.

Entretanto, nas aguas fortes, aliás excellentes, mostra uma technica apurada sem o menor vestigio da influencia nefasta, tal qual como na "Cabeça de egypcia", que é um mimo de frescura e espontaneidade.

Todas as vezes que quiz amaneirar a sua arte, para adaptal-a ao futurismo, commetteu erros graves de desenho e adoptou cores puramente convencionaes. Nesses trabalhos só se salvam alguns trechos, em que a sinceridade da artista, readquirindo os seus direitos, impediu as extravagancias do futurismo.

Não cabe nos limites desta reseña um exame meticoloso da obra da senhorita Malfatti. Não seria, porém, difficil mostrar quadro por quadro, o que acima ficou dito como impressão geral.

E' um dever dizel-o, porque poucos artistas se apresentaram com tantos elementos de triumpho como a senhorita Malfatti: seria profundamente lamentavel ver perder-se num desvio de orientação esthetica uma organização artistica como a desta joven pintora. A senhorita Malfatti está num momento decisivo da sua carreira: se não renunciar completamente ás suas novas tendencias, para cultivar com maior afinco o estudo do desenho, arris-

car-se-á a um completo fracasso. De-sejariamos errar neste prognostico; parece-nos, porém, que os factos já nos dão razão.

EDGARD PARREIRAS

Uma outra exposição, a do pintor Edgard Parreiras, teve um bello exito.

Este artista já se destacara em S. Paulo, numa das exposições nacionaes infelizmente não renovadas.

Pela primeira vez, porém, realizou uma exposição individual. O numero de obras era limitado, mas escolhido.

Edgard Parreiras apresentou-se como paisagista. Digamos logo que



o seu logar está definitivamente marcado entre os que melhor se dedicam a esse genero no Brasil. O seu temperamento é o de um contemplativo, que ama a nossa natureza e sabe interpretal-a com delicadeza de sensibilidade.

O desenho correcto dá ás suas paisagens um aspecto de vigor e solidez; os toques leves e espontaneos envolvem-n'as num ambiente de suavidade e transparencia que lhes empresta raro encanto.

O melhor exemplo dessas qualidades é a "Paisagem de Cambuquira", um dos trabalhos mais completos da sua exposição.

E' um artista bem brasileiro na maneira de sentir a nossa paisagem, na fidelidade com que a reproduz e na forma por que exprime as suas impressões, sinceramente, sem em-

RESENHA DO MEZ



AREAL, por E. Parreiras



A RAJADA, por E. Parreiras



CANTO DO RIO, por E. Parreiras



JUNTO AO MAR, por E. Parreiras

phase, nem artificio, numa visão realista da natureza.

Nos seus recantos de praia, nos seus areiaes que rebrilham ao sol, todos reconhecemos trechos da natureza do Brasil que nos são familiares. Mas a reprodução desses aspectos é, em geral, feita por tal forma que indica a hora exacta em que o artista os colheu e nos transmite com felicidade a emoção que d'elle se apossou no momento de fixal-os na téla.

A factura muito larga e segura, a palheta rica e limpa e o estudo acurado dos elementos da nossa paisagem, fazem de Edgard Parreiras actualmente um dos nossos melhores paisagistas e dão-nos a medida do que se póde e deve esperar deste talentoso artista.

Nesta exposição Edgard Parreiras já revela uma consideravel capacidade de composição, seja no corte das suas paisagens, seja na intenção que resalta da escolha dos assumptos, sempre suggestivos.

N.

NOTAS DE SCIENCIA

A GUERRA E AS DOENÇAS MENTAES

A medicina tornou-se alliada indispensavel dos exercitos, — lemos numa revista norte-americana e adquiriu tal importancia, a poder mesmo ás vezes influir sobre o exito da guerra. Assim foi na guerra sino-japoneza, por occasião da qual o barão Takaki conseguiu dominar o beriberi no exercito japonéz, dando-lhe superioridade enorme sobre o chinez. Outro exemplo, é o da lucta americano: nos oito mezes da campanha contra a Hespanha, em 1898, houve 20.926 casos de typho, dos quaes 2192, isso num total de 147.745 homens; ao passo que em 1915 occorreram apenas, em todo o exercito norte-americano, apenas oito casos. e de 1 de maio de 1916 a 8 de outubro, sómente 24, sobre 170.000 homens — e nenhum desses casos foi fatal. Muito se tem

feito, pois, pela prophylaxia, des-cuzando-se entretanto, as manifestações das desordens mentaes, as quaes não só enfraquecem os exercitos, como aggravam ainda o Estado com numerosas pensões.

As doenças nervosas e mentaes comprehendem a epilepsia, o alcoolismo, a delinquencia, estreitamento ligava aos phenomenos de deserção e de panico, a neurasthenia, o hysticismo e a loucura. A loucura é a causa mais frequente de inutilisação do soldado: basta saber que, de todos os homens reenviados das Filipinas para suas casas, em 1915, um terço era affectado de molestias mentaes. Pelo facto de ser a loucura tres vezes mais frequente nos exercitos do que na vida commum, os pacifistas excessivos concluem que a vida militar é causa de desordens mentaes, o que está longe de ser verdade. A vida militar descobre sómente, com maior facilidade, os homens de fraqueza mental, visto como requer qualidades de equilibrio que não são tão necessarias na vida commum. O augmento da loucura em tempo de guerra, não é tanto devido ás durezas desta, quanto ao estado d'alma produzido pelo inicio das hostilidades, sendo como é, tão inesperada e violenta a adaptação das faculdades a circumstancias inteiramente novas. Algumas pessoas até não podem adaptar-se á guerra, tanto que, logo que ella começa augmentam, como já se verificou, as mortes dos velhos e os casos de apoplexia e de loucura.

Em paizes como a Inglaterra e os Estados Unidos, onde se suppunha impossivel que rebentasse uma grande guerra como a actual, muitos homens viram esvair-se os seus ideaes, e se sentiram por isso trans-tornados e abatidos. Muitos delles enlouqueceram por isso, outros se adaptaram á nova situação fundindo a propria individualidade nos interesses nacionaes, e quando, após os primeiros entusiasmos veio a organização, e a guerra foi acceita como coisa normal, a loucura decresceu rapidamente. Todos esses phenomenos psychicos da população

não combatente se notam também no exército, em que os casos de loucura são mais frequentes durante os primeiros tempos de mobilização e de instrução, decrescendo depois. Para o individuo physicamente e mentalmente são, é portanto de grande vantagem a disciplina, ao passo que o neuropathico tende a sentir-se perseguido ou abatido pela propria incapacidade.

Além da loucura, tem grande importancia a neurasthenia e o hystericismo, sempre frequentes nos exercitos.

O hystericismo é caracterisado por uma especie de tacito desejo de não soffrer mais, com tendencia a exagerar ou fingir o mal. Assim, a cegueira hysterica é quasi uma recusa a vêr os espectaculos horripilantes, assim como a surdez hysterica é uma recusa a ouvir as explosões. Os hystericos são, por isso, doentes bem diversos dos loucos, e curaveis desde que sejam transportados para longe do ambiente em que adoeceram, e sejam sujeitos a um tratamento especial. Dahi a necessidade de hospitaes especiaes.

Quanto á loucura alcoolica, é certo que ella augmenta com as guerras, tanto que na guerra russo-japoneza um terço dos officiaes russos enlouquecidos, enlouqueceram justamente por effeito do alcool.

A HYGIENE DO LEITE

Nos Estados Unidos, os medicos e os hygienistas têm condemnado o emprego de garrafas de vidros para o leite, exigindo o uso de recipientes destructiveis de maneira a supprimir os perigos de infecção que constituem os vasos mal enxutos e não esterilizados.

O Estado da Pensylvania foi o primeiro a prohibir as garrafas de vidro e as latas para leite, de sorte que já numerosas leiterias adoptaram, para a distribuição a domicilio, recipientes feitos de cartão leve embebido de parafina. Essas garrafas são completamente impermeaveis,

nellas se conservando muito bem o leite.

Já se installou alli uma fabrica especial, que faz 5.000 garrafas de papel por hora. Para esse fabrico se utiliza a pasta de madeira mesmo de qualidade inferior, produzindo garrafas de preço baratissimo, visto como uma tonelada de pasta de madeira póde fornecer 60.000.

Ao sair do banho de parafina, que as impermeabilisa, as garrafas são empacotadas automaticamente dentro de cartões que os abrigam da poeira. O emprego de paes recipientes, praticamente asepticos, apresenta, pois, reaes vantagens do ponto de vista hygienico.

A PALAVRA E AS DOENÇAS

O professor norte-americano E. W. Scripture espera poder descobrir certas molestias por meio da palavra, assim como hoje se descobrem outras por meio dos raios Roentgen. Como a presença de muitas doenças se revela no falar, mesmo quando faltam outros symptomas, diz elle, a palavra é analysada com um instrumento em que a voz faz vibrar uma membrana semelhante á do telephone. As vibrações são então fixadas sobre um cylindro rotativo.

Uma doença frequente entre os moços, devida a causas ignoradas, é a esclerose diffusa, facilmente distinguivel pelo novo systema, quando em geral a confundem com outras molestias. Effectivamente, as ondas produzidas com a pronuncia da vogal *a* por uma voz normal, são regularissimas, ao passo que as mesmas, produzidas por um individuo atacado de esclerose, são irregulares e incertas.

A paralysisia geral tem por caracteristico a irregularidade dos signaes para uma mesma letra, defeito este que se vê, pelo novo systema, muito antes de se ouvir um defeito da pronuncia.

Póde-se dizer que toda doença nervosa e mental, tem os seus si-

Demolins, vieram abrir-lhes os olhos. gnaes particulares e bem distinctos na voz.

E' licito, pois, esperar que, com o tempo, se possa fazer uma diagnose baseada exclusivamente sobre os signaes das palavras.

E' interessante que os defeitos da pronuncia, como por exemplo a gagueira, têm curiosissimos signaes mas signaes inteiramente diversos dos produzidos pelas doenças da palavra.

Póde-se, pois, concluir que a gagueira não é uma doença da palavra.

O TYPHO NOS EXERCITOS EM GUERRA

A historia medica das guerras tem evidenciado a frequencia extraordinaria da febre typhoide entre os soldados combatentes. Em muitas guerras taes como a turco-russa de 1877, a campanha da Bosnia, a expedição da Tunisia, a guerra hispano americana, a guerra de Madagascar, a guerra anglo-boer, — o numero de mortos pela febre typhoide tem quasi egualado ou ultrapassado o de mortes pelo fogo inimigo.

A'cerca do typho no exercito francez, na actual guerra, a *Revue Scientifique* traz interessantes dados que nos permitem avaliar as vantagens da vaccinação contra o typho, nos exercitos.

A media mensal dos casos de doenças typhoides observadas durante o periodo invernal de 1914-1915 foi de 678,6 por 100.000 homens; a de mortes, de 98.6 por 100.000 homens. Sobre essa base, admittindo a hypothese de quatro a cinco milhões de homens passarem pela frente da batalha, o total dos casos que occorreriam, durante os trinta e oito mezes de guerra, passaria de um milhão e o de mortes, de 145.000. Embora elevados, estes numeros poderiam ainda augmentar por causa da longa persistencia das hostilidades e da influencia da estação estivo-outomnal.

Ora, no exercito francez, o numero de casos de typho e de mor-

tes por essa molestia, tem variado na razão directa do numero de vaccinações. De 3 de agosto de 1914 a 1 de setembro de 1917 o Laboratorio de vaccinação anti-typhoide do Val-de-Grace enviou aos exercitos da frente 5513.073 doses de vaccina. E desde ha dois annos o exercito francez gosa, por isso, de um estado sanitario excellente, não havendo febres typhoides nem febres para-typhoides senão raramente. Convém notar que no inicio da guerra, quando as vaccinações e revaccinações eram difficultadas pelas operações militares, o typho chegou a ser epidemico. Logo, porém, que, em principio de 1915 se pôde effectuar a vaccinação preventiva, a epidemia decresceu enormemente até desaparecer. Hoje, a raridade dos casos de febres typhoides e sobretudo a de mortes, é tal, que essa molestia já não entra nas cogitações do Serviço Sanitario francez.

M. P.

QUESTÕES PEDAGOGICAS

ENSINO E NACIONALISMO

Cogitando o Governo do Estado de uma grande reforma nos ensinos primario e normal, há oportunidade para algumas observações que se prendem a ambos esses ensinos. Vou, no entanto, dizer algo apenas a respeito do ensino normal, porque sem boas escolas profissionaes pedagogicas e sem professorado apto, não é possivel progredir em coisas de instrucção publica.

Os povos de cultura latina, quando desejam melhorar as suas instituições, reformam-n'as no papel, e confiam a execução do novo ou dos novos planos ao mesmo pessoal empregado no regime falho; é esse um erro constantemente repetido em todas as manifestações da vida social de taes povos, e em que elles não mais deveriam cair, depois que excellentes estudos, entre os quaes os de Gustavo Le Bon e os de Edmundo

Nós, brasileiros, como latinos que somos, pagamos também o nosso tributo de veneração pela fórmula, pela chapa, pela palavra escripta; somos feiticistas da palavra escripta, em cujas virtudes mirificas acreditamos ou fingimos acreditar. Felizmente para o Brasil, numeroso grupo de moços, criados num melhor regime, está perdendo ou já perdeu a fé no magico poder das ordenações escriptas e prefere agir, criar, ter energias e applicá-las.

Ora as reformas no papel apenas, sem presa forte e duravel no caracter dos executantes; sem o apoio em individualidades potentes encarregadas da acção, estão destinadas a insuccesso, e, de tal maneira, tem de ser lenta a marcha progressiva do Paiz.

Quantas vezes o Govêrno Federal há reformado, o ensino superior e o secundario da Republica, e quaes os resultados? Quantas reformas teem promovido os diversos Estados da Federação, e com que consequencias? São Paulo, mesmo, que porção de vezes não tem legislado sobre ensino?

E o facto é que a instrucção de qualquer grau só se aperfeiçoa quando algum raro administrador applica, a golpes de energia e com louvavel costancia, methodos novos, processos mais seguros, influenciando sobre os habitos velhos de longa data enraizados.

Em São Paulo, por exemplo, a acção do Sr. Dr. Oscar Thompson, do Sr. Dr. Vergueiro Steidel e de mais dois ou tres tem sido exectamente essa de martelar nalgumas teclas enferrujadas, com a tenacidade e a boa vontade que todos lhes reconhecem. E elles poderão dizer o quanto a rotina tem entravado os seus trabalhos de reformadores de facto.

Infelizmente para nós, no Brasil inteiro acharemos poucos homens com a tempera necessaria para uma tensão constante da sua febra, sem esmorecimentos, sem impulsos momentaneos seguidos por horas de desanimo; homens substantivos, portanto, como os ingleses os desejam e cuja feitura moral enche de entusiasmo o philosopho francês da

"Psychologie de l'E'ducation" e o sociologo da "E'ducation Nouvelle".

Tratando-se de ensino normal, o que é preciso é reformar methodos e processos antigos de modo a augmentar a efficiencia da instrucção ministrada, e obter-se um resultado bom que se revele no preparo solido e na orientação segura do candidato ao magisterio. Devem, pois, ser banidas as apostillas que só servem para cançar a memoria, e que não educam o pensamento; as lições sem bases aperceptivas serão afastadas de vez, bem como os programmas demasiados e inadaptaveis á orientação do docente e á mentalidade do discipulo; a decoraçào do ponto, o verbalismo cathedratico, o psittacismo do discente, o ensino illogico; tudo isso são vicios que devem deixar de existir por incompativeis com a formação mental do homem moderno.

Quanto ao progresso moral, há necessidade de uma tal norma de conducta dos mestres, que venha elle a servir, em quaesquer circumstancias da vida, de exemplo aos alumnos que tiver, nas grandes como nas pequenas coisas: assim pois (e felizmente não é esse o caso do professorado das nossas Normaes) a permissão para o uso e até o abuso da *colla*, o proteccionismo mais ou menos velado nas suas multiplas formas, injustificaveis preferencias que nem ao menos o sejam pela pureza do character, a malleabilidade aos interesses dos mandões do dia com as suas solicitações absurdas, um falso conceito de colleguismo permittindo reciprocidade de immoralissimas concessões, pequenas injustiças de toda a especie e preterições varias criando no espirito dos moços um scepticismo perigoso; a susceptibilidade doentia ao agrado tendencioso dos indignos, á bajulação maior ou menor; tudo isso são deviações de character que nenhuma reforma no papel, por mais meticulosa que possa ser, conseguirá jamais endireitar.

De maneira que qualquer que seja a reforma feita, se ella não alterar para melhor os costumes, será de valor nullo; se o character dos docentes fôr mau, e permanecer o mesmo, a mais sabida reforma está destinada

a naufragio certo. Não é só no ensino que se poderá observar o facto: na organização politica propriamente dita, na administração publica e na particular, em qualquer serviço em todos os tempos e no lugar que fôr: reforma feita, se não vem acompanhada de uma grande vontade de melhorar da parte de todos os individuos e principalmente da parte dos encarregados da execução della, é uma coisa innócua por completo.

* * *

Vai, pois, São Paulo ter mais uma reforma de ensino e oxalá os docentes, pelos seus estudos aprofundados e constante e intelligente applicação, hajam adquirido uma solida experiencia, capaz de se erguer e aniquilar a voz da rotina.

As novas Normaes são susceptíveis de muitos melhoramentos. A matricula no 1.º anno, por exemplo, exige um exame de sufficiencia actualmente muito imperfeito, visto como as provas na quasi totalidade constituem meros *tests* de memoria. Os candidatos deveriam ter, no minimo, 16 annos completos, e talvez conviesse experimentar um curso de 5 annos, com 2 cyclos, conforme o ideado pelo prof. argentino Sr. Pablo Pizzurno. Os actuaes exames, só escriptos, não deixam de ter sérios inconvenientes.

O ensino de Geographia do Brasil e de Historia Patria devia ser completo nos nossos cursos normaes e não o é. De facto, se queremos criar uma geração dotada de uma orientação nacionalista bem fundada e sã, é aos estudos da terra e da evolução da gente que teremos de pedir auxilio. Quem conhece o carinho e a extensão e a profundidade com que são tratadas essas duas materias (geographia e historia nationaes), nos paizes adiantados, materias essas que são como eixos do espirito nacional, não póde deixar de lamentar o desaso em que ellas são tidas nos cursos normaes, sem culpa alguma caber aos respectivos docentes. Para "Noções de cosmographia, geographia geral e chorographia do

Brasil" ha apenas um anno lectivo; para "Historia geral e historia patria" o mesmo tempo é consagrado; vê-se, portanto, quão imperfeito é o estudo dessas disciplinas basicas do patriotismo verdadeiro: o homem que desconhece sua terra não é patriota, e o brasileiro em geral conhece muito mais o resto do mundo do que o seu proprio paiz.

Se nós tivéssemos cursos de aperfeiçoamento dos estudos de geographia nacional e de historia do Brasil, se nas nossas escolas chamadas superiores houvesse aulas superiores e altos estudos dessas materias, ainda a falha não seria tanto de notar; excluindo-se, porém, o trabalho dos Institutos Historicos e Geographicos do paiz, cuja acção é de lamentar seja demasiado restricta, e os estudos de gabinete de meia duzia de investigadores apaixonados, que é que se estuda, aprofundadamente, no Brasil, de historia e de geographia nationaes?

A's escolas normaes devia, porisso, caber o papel de centros onde importantes estudos geographicos e historicos fossem feitos.

Tambem não é sufficiente, posto as apparencias illudam, o tempo destinado á lingua patria. Convém attender a este ponto.

Professores que não conheçam bem a lingua nacional, a geographia da sua terra e a historia patria jamais poderão incutir na alma dos seus alumnos a scentelha sagrada do verdadeiro patriotismo.

Relativamente ás chamadas materias do 2.º grupo, que enorme partido a tirar da musica, do desenho, dos trabalhos manuaes para uma obra patriotica de verdade! Entretanto, como os mestres dessas materias são quasi sempre estrangeiros (e erradamente, penso) tornar-se impossivel tirar dellas o partido que em outros paizes se está tirando, sob o ponto de vista de formação do espirito nacional.

Quanto á musica, uma disposição aliás recente criou o "Orpheon" cuja direcção caberia á Escola Normal de São Paulo: ao que parece, as Esco-

las Normaes do Interior esperaram em vão os regulamentos, programas, instrucções que dalli deveriam vir. Seria, no entanto, o "Orpheon", um forte elemento para a tentativa de nacionalização da musica nas escolas normaes. Onde as collecções de hymnos officiaes e escolares, de aprendizagem obrigatoria, os primeiros; as collecções de cantos populares adaptados, de themas nacionaes destinados a composições variadas daquelles professores que o pudessem fazer com brilho?

E o desenho, e a modelagem em barro, os trabalhos em madeira, que optimo concurso no vulgarizar o nosso *folk-lore*, no perpetuar a tradição, cujas existencias — do *folk-lore* e da tradição — passam inteiramente despercebidas nas aulas das supraditas disciplinas?!

E' que, já se tem dito, as nossas escolas todas, de todos os graus, não teem cunho brasileiro, são incaracteristicas: ellas poderiam funcionar em quaesquer regiões indeterminadamente... porque no que menos se fala e pensa, nas escolas deste Paiz, é no Brasil.

Os corredores e as salas dos nossos predios escolares não teem uma data, um nome, um retrato brasileiro; não recordam um facto glorioso da nossa Historia; não apresentam uma scena historica, um quadro de costumes, uma paizagem nacional; não abrigam nenhuma esculptura (nem um modesto sacy!) ou gravura de coisas da terra; nenhum trabalho brasileiro caracteristico...

As paredes, na sua nudez, parece reflectirem a alma brasileira amorpha, completamente despida do cunho nacional. A's vezes, nem mesmo se lobra a auri-verde bandeira "estandarte que a luz do sol encerra e as promessas divinas da esperanza"!

Junte-se agora a essas escolas tão mudas, tão frias, tão incapazes de despertarem um "amor da patria não mentido", um professorado cujos sentimentos patrioticos não se tenham formado á luz dos ensinamentos excellentes recebidos nas escolas

profissionais pedagogicas, e no convívio diario com essas pequeninas coisas que concorrem para accender e manter a chamma sagrada do patriotismo... Seria isso um verdadeiro desastre!

A oportunidade é magnifica para uma empresa tão sympathica e tão justa aos corações brasileiros qual seja a de, pela reforma dos institutos normaes, concorrer-se para intensificar ainda mais o já alto civismo do professorado paulista.

São Carlos, 9 — 12 — 1917.

CARLOS DA SILVEIRA.

REVISTAS E JORNAES

HOMENS
E COISAS NACIONAES

LIGA HUMANA

Com esta senha quizera eu promover a colligação moral de todos os que possuam ainda puro o sentimento da humanidade, para o fim de, com o exemplo e o estímulo aos indecisos, defendel-a e preserval-a da contaminação ou do soffrimento do mal prussiano. A attitude de impassibilidade num caso como o desta guerra, equivale á aprovação do crime. Não é preciso mais recontar e particularisar as destruições inuteis de monumentos, templos de arte, cultura e religião, consagrados pela admiração secular; os incendios de bibliothecas e universidades; a matança de mulheres e crianças, a ferro e fogo; o enforcamento de imbelles; as extorsões multiplicadas do dinheiro por qualquer pretexto; a caçada a tiro a estudantes fugitivos das chammas; o desrespeito de cadaveres, o envenenamento das fontes e a pirataria desalmada contra vapores inermes. Tudo o que é concebível pela imaginação num sonho de malignidade suprema, alli é realidade, apparelhada com requinte de luxo e sem disfarce. Destruidores da Belgica, arruinadores das cidades e aldeias

do norte da França, arrasadores de 95 cidades e 4500 aldeias da Polónia, enfureceram-se entretanto os allemães com a devastação feita pelos russos em Memel, e adoptaram a represalia, friamente, officialmente fixada pelo commando superior, de por cada aldeia alleman incendiada, incendiarem tres aldeias russas. Lida no Reichstag essa proclamação do marechal von Hindenburg, houve, felizmente para o futuro dos allemães, a vóz do deputado Ledebour que manifestou o seu horror, e a palavra de Liebknecht que exclamou: "Isso é uma barbaria." Em ordem do dia de 22 de Agosto de 1914 o general von Bulow, escreveu: "Foi com minha autorização que o general em chefe mandou incendiar toda a localidade (Andenne) e que cem pessoas mais ou menos foram fusiladas pela suspeita de terem atirado sobre os invasores". Von der Goltz, governador da parte roubada á Belgica, affixou em Bruxellas um aviso de que em todas as localidades onde as vias de comunicação fossem destruidas, seriam tomados refens na população civil e fusilados "pouco importando que fossem cúmplices ou não." Ora, os fracos, se não podem oppor a esses soldados orgulhosos e desmedidos um obstaculo de resistencia material, podem combatel-os com a energia moral, a dignidade de homens, transformando a fraqueza physica em uma força inesgotavel, firmada na solidariedade com os que soffrem e com os que lutam por bem da honra, da ordem e do direito.

A's armas brutaes opponham-se as armas pacificas do discernimento e da previdencia. Elles apregoam o seu desprezo pelos homens, que não são germanicos, e o seu odio contra a Inglaterra que lhes embaraça a acção do desprezo. Procedam os homens bons como os inglezes, que ao odio respondem sem bravata com a efficiencia e a calma da sua acção reflectida. Assim convém tratar os doentes furiosos. Responda-se ao desprezo, não com o des-

preso, mas com a prudencia, que preserve do aggravo, e com a belleza moral que aconselha a exclusão dos malvados do convivio humano. Não se lhes recuse a commiseração, no caso necessario; elles ainda são homens. Deve-se porém negar-lhes a sympathia, que não póde ser a um tempo de aggressores e aggredidos, e a dignidade humana obriga a ter o coração do lado dos aggredidos. A represalia é penosa, porque attinge a uma multidão, na qual talvez haja dissonancias do applauso aos desvarios allemães; mas é uma represalia indispensavel. Os jornaes de Berlim, commentando a prisão de espiões allemães na Inglaterra, affirmaram vaidosamente que era impossivel descobril-os, por estarem elles em toda parte, disfarçados em todas as classes sociaes. Deram assim os allemães aos homens bons o direito de suspeital-os, e já não póde ser affronta, em presença de um grmano abotoar-se o coração e temer-se-lhes a duplicidade. Aos fracos, incumbel-lhes hostilizar os allemães pertinazmente, energicamente, para os desapparellhar dos meios com que se fizeram fortes. E' uma acção que póde parecer-lhes de inimigos, mas em verdade ser-lhes-á benefica, se concorrer para a final desaggregação dos povos unidos a serviço da monomania bellicosa.

Sejam pois os allemães afastados do convivio social dos homens. Sejam excluidos tambem do convivio intellectual: esqueçam os que a sabem, a lingua delles e impeçam os paes que os filhos a aprendam: essa lingua é o vehiculo aspero da embolia, tão bem estudada e definida pelo hungaro Reich. E que póde vir hoje da Allemanha para o espirito humano? A poesia que subiu com Goethe ao infinito, com Heine ao mais intimo do coração humano, com Schiller ao heroismo, a poesia alli baixou aos grotões do odio, onde as musas são rans e os cantores bebem, não mais na agua das fontes, mas nos charcos emmiasmados.

"Canto de odio" é a producção de Ernest Lissauer, premiada por Gui-

therme II. O odio é vil, e a poesia que o proclama, se avilta. O "Canto de odio" é um canto nacional, consagrado oficialmente. Já não é possível apagar os sons roufenhos dessa voz odiosa, que se infiltrou na lingua alleman. Para sentir Goethe, Schiller e Heine, ahí estão as traducções, em que se vasou extremamente a alma profunda e luminosa delles, exilada no idioma guttural. O proprio Goethe aconselhava a leitura do seu "Fausto" no traslado harmonioso de Gerard de Nerval. Para entender a philosophia alleman, é indispensavel lel-a, mondada de todo o cipoal confuso do estylo allemão: e os mandadores, os ordenadores foram francezes e inglezes. Frederico Nietzsche pedia desculpa de escrever em allemão e declarava preferir ler Schopenhauer traduzido em francez, e acrescentava que Schopenhauer não fôra allemão senão por acaso, como elle proprio, Nietzsche, não o era senão accidentalmente" (1)

Para que mais conhecer-lhes a lingua rispida? E convém notar que para os brasileiros, particularmente, é dever patriotico excluil-a do seu conhecimento. Introduzidos ha mais de meio seculo no Brasil como imigrantes necessitados, formando insidiosamente nucleos exclusivos em quatro Estados do Brasil, apenas aprendem o portuguez os capatazes das colonias, incumbidos de alliciar a nossa boa fé e os agentes de commercio, que pretendem monopolisar o nosso commercio. A's mulheres, e crianças impedem elles que aprendam o portuguez; e parece que o primeiro cuidado de quem habita de bom animo um paiz estranho é aprender a lingua dos naturaes para a convivência despreocupada e lisa. Em Santa Catharina ha mulheres nascidas no Brasil, filhas de paes nascidos no Brasil, e que não sabem falar o portuguez. Não se contentam porém de isolar-se dos brasileiros, attrahem e isolam dos brasileiros os mesmos brasileiros, de condição servil, que se aggregam aos nucleos. Ha cerca de vinte annos, um engenheiro da distincta familia Bicalho,

estando com alguns companheiros de officio, em excursão a cavallo no interior do Rio Grande do Sul, aguardava num descampado, perto de uma alta arvore frutifera, pessoa que entendesse portuguez e a quem encarregassem de colher algumas frutas. Surgiu emfim um rapasola negro. Acenaram-lhe, acercou-se, mandaram-lhe que subisse á arvore. Confusão de todos; o moleque brasileiro não entendia a lingua do Brasil; o moleque brasileiro só entendia e falava allemão. Machado de Assis, a quem muitos annos mais tarde ouvi essa narrativa, não sentia ainda attenuado o seu espanto e a sua pena patriotica, ao recordar esse facto tão negramente significativo da planejada deformação organica do Brasil. E haverá brasileiros que sorriam disso e dos justos receios de brasileiros zelosos? A qualidade de brasileiro tem tanta elasticidade!...

Os allemães, com as suas atrocidades que attingiram o maximo possível no premeditado e friamente executado torpedeamento do "Luzitania", com que mataram ou deixaram morrer, a debaterem-se nas ondas, mil e trezentos passageiros, mulheres, crianças e velhos, de varia nacionalidade, acto esse nefando de que entretanto se orgulham e rejubilam; os allemães pelas suas proprias mãos excluíram-se da humanidade.

Os que se associarem nesta liga humana, serão pelo sentimento, pelo pensamento e pela dignidade, allia-dos dos servios, belgas, inglezes, francezes e russos; mas serão sobretudo brasileiros sinceros, defensores cautelosos da integridade territorial e moral do Brasil, a qual está sendo minada ha muitos annos por uma immigração tendenciosa de allemães, que desprezam a nossa lingua, alma da nossa nacionalidade, e nos subornam homens, mercando-lhes o pensamento para o engano dos bons.

Emquanto durar a possibilidade da victoria final dos germanos que, realisada, ensombraria de novo o mundo com as trevas da idade mé-

1) Bento Marco Anelio escrevia em grego, Frederico II escrevia em francez.
Historia-Litteraria entre soc. hum. p. 296

dia, todos os homens puros e piedosos devem ser-lhes profundamente hostis. Vencidos porém que elles sejam e humanizados, será a occasião de saudar-lhes a regeneração e a liberdade e restituir-lhes a estima e a admiração a esses povos, cujas virtudes, cujo sentimento e cujo genio ficaram damnados pelo virus da bellicosidade barbaresca. (Mario de Alencar — *Estado de São Paulo*, S. Paulo)

AUTORES E LEITORES

Habent sua fata libelli — Esse verso é, na brevidade de um grito de dôr, o resumo das attribuições de quantas obras foram destruidas pelo tempo, que sobreviverá a tudo, por insectos que não ultrapassam o seu dia, pelo furor da natureza ou pela brutalidade do homem. Vindo de tempos perturbados por desentendimento de crenças e conflictos de religiões, chegou até nós carregado de todas as maguas colhidas no seu lento percurso. E as que trouxe da civilização a que pertencia já eram numerosas e profundas. Mais de tres quartas partes do thesouro literario da antiguidade greco-latina pereceu num vasto naufragio. Uma vagarosa vaga irresistivel, desentrolando-se inquietadoramente por varias gerações, foi cobrindo nomes e obras que pareciam inacessiveis á affronta das mais altas marés. Não conhecemos, precisamente, as proporções da catastrophe, mas, pelas narrativas dos naufragos e pelos destroços fluctuantes, avaliamos a immensidade e a belleza do continente submerso. Quantos espiritos não emmudeceram naquella morte, que apagou quasi todo o fulgor da obra de Eschylo, Euripedes e Sophocles, sepultou, totalmente, Corinna, que venceu a Pindaro. Parthenio, mestre de Virgilio, Euphorio, morto duas vezes, como diz Paulo Stapfer, porque nada ficou do que escreveu, e nem ao menos pôde reviver na obra de seu discipulo latino Gallo, que teve a sorte do mestre. Não ha mais adequada epigra-

phe a esse obituario de poemas, tragedias, odes e discursos do que o *habent sua fata libelli*. Faz parte do pouco que resta de Terenciano Mauro, que viveu provavelmente no fim do terceiro seculo da nossa era, num periodo de decadencia litteraria, quando a actividade creadora degenerara em paciencia de erudição.

Attribuiram-n'o entretanto, a outros autores, a Horacio, a Ovidio, a Marcial.

Outros indagadores descobriram a filiação certa. A Sabedoria, nesse attribulado caso de familia, não precisou de recorrer á astucia de Salomão, ameaçando cortar ao meio a criança que duas mãis disputavam. Pelo contrario, para fazer obra completa, em beneficio do filho de Terenciano Mauro, em vez de cortar, teve que juntar. O verso famoso estava reduzido, nas citações correntes, a um hemistichio; era, pois, um mutilado. Felizmente, o que lhe faltava, não se perdera. Mais feliz que a Venus de Milo, a obra do metrificador da Mauritania pôde mostrar-se restaurada, com a perfeição primitiva nestas palavras:

*Pro captu lectoris, habent sua fata
libelli*

Pareceria que, restituído á sua integridade, esse verso amplificaria ou completaria o pensamento do hemistichio. Vemos, porém, que, no verso inteiro, o sentido já não é o do verso amputado. Amputado, afirma que os livros, como se fossem homens, têm um destino que a Fatalidade lhes traçou e as circunstancias não alteram. Inteiro, nota que é da comprehensão dos leitores que resulta a sorte dos livros. E como nem todos os leitores lêem, da mesma sorte, o mesmo livro; nem todos da mesma leitura tiram as mesmas idéas, e recebem as mesmas impressões, — o destino das obras, em vez de ser unico e pre-estabelecido irrevogavelmente, é, pelo contrario, ondeante, multiplo e imprevisito, depende da influencia, sempre mutavel, dos homens que pas-

sam, e da infinita variedade da vida — fugitivamente fluindo.

A critica ajuizada, a que deve inspirar-se no verso de Terenciano, não promette vida a ninguém, e também não passa attestados de obitos. Assegura, apenas, que a vida ou a morte dos livros está nas mãos do leitor, que os acolhe ou rejeita. Dir-se-ha que, em certos casos, taes precauções são demasiadas, ha mortes tão positivas, ha immortalidades tão evidentes! Mas convém esperar sempre. E' prudente não decidir nunca. A historia litteraria registra não poucos casos de fallecimentos incríveis e resurreições absurdas. Os contemporaneos de Delille tomariam por doido quem desse a entender que o glorioso de então seria o esquecido de hoje. Seus versos valiam ouro, e por ouro se trocavam. Seus funeraes foram mais imponentes que os de Victor Hugo.

Lamartine, que conheceu todos os encantos da gloria e da popularidade, teve enterro de pobre, e a pobreza, ou antes, a miseria, acompanhou, nos ultimos annos, aquelle poeta perdulario que, na mocidade, andou pelo Oriente com a magnificencia de Salomão. Os primeiros sons de sua harpa despertaram nos corações um enlevo que parecia infindavel. Mais tarde, os dedos que a tangiam, esmorecidos pela indiferença dos ouvintes, empregaram-se em obras de carregação, obras da velhice e da tristeza, mas que, apesar disso, aqui e alli reluziam ainda com lampejos de genio e sol de mocidade. Para não morrer á fome, Lamartine publicava o seu *Curso de Literatura*, em fasciculos que não se vendiam muito. A. Karr protestava contra a penuria em que morria o homem que, em dias de tumultos revolucionarios, e de apprehensões do capital, salvara a Ordem e a Propriedade.

No emtanto Lamartine recomeçou a ser lido. Artistas, leitores de gosto afinado pela lyra do cantor de Jocelyn, foram matar sua sêde de espiritualismo, de religiosidade na fonte apedrejada, e o que os con-

duzio a ella foi justamente a sua simplicidade rustica, a despretenção dos seus musgos humildes vestindo pedras que não eram os marmores orgulhosos trabalhados por Heredia e Lecomte de Lisle. Isso ainda não é o dia; mas já não é a noite. E não é só o poeta que se levanta do pó. O politico também revive. Um livro de agora, *Lamartine orador*, provoca uma revisão de opiniões, favoravel ao grande homem de 48. Já os timidos, encorajados pelos criticos, podem affirmar, sem escandalalo, que aquelle cysne pensava. Tinha, além de azas, idéas justas, sensatas, dignas de serem transferidas pelo pittoresco de um tanque de jardim para as cogitações de gabinetes ministeriaes. As nuvens por onde andava não lhe tolhiam ver claro nos negocios da terra. Foi elle, o bardo, que, no tocante a meios de locomoção pareceria não querer outro vehiculo a não ser o obsoleto carro de Apollo, — foi elle quem sustentou a necessidade dos caminhos de ferro, contestada por Thiers, o administrador, o homem pratico, o não-poeta. — Que foi que mudou para explicar essa mudança? A obra do poeta? Os seus actos? Não. Mudou apenas o que Terenciano considerava o juiz do destino dos livros, e, portanto, dos autores: o leitor.

Não é sómente pelo contraste violento de vida e de morte, de esquecimento e fama, que se manifesta a mudança na sorte dos livros, produzida pela mudança de leitores. Igual phenomeno se observa, no decorrer de certas glorias litterarias, jámais contestadas, que se desenrolam por grandes periodos, e em todo o seu curso apparentam uma superficie sempre igual e sempre calma, como se nenhuma perturbação dos juizos humanos lhes modificasse a majestade placida. Sirva de exemplo a immortalidade de Virgilio. Parece que a sua limpidez reflectio sempre a face da mesma admiração, curvada para ella na immobilidade de um culto. No emtanto, nessa fidelidade invariavel, variam os motivos della. Os seculos que têm ama-

do a Virgilio, não o amaram da mesma maneira. Todos, de margem a margem, do seu leito tranquillo, estenderam grinaldas, para que elle passasse num triumpho perpetuo. Mas, nessas homenagens, as intenções eram dessemelhantes, e o glorificado era differente. Cada seculo vio um Virgilio que os outros não viram, e tem sido justamente a variedade dessas representações successivas da mesma physionomia a razão da inalterabilidade desse amor. (Constancio Alves — Conferencia realisada na Bibliotheca Nacional, Rio de Janeiro).

ARTHUR DE OLIVEIRA

Arthur de Oliveira, nascido no Rio Grande do Sul, foi conhecido e admirado nas rodas intellectuaes do seu tempo; mas é um nome obscuro no paiz, pela simples razão de que este artista muito pouco escreveu, não nos legando livro algum. Explica-se. A sua imaginação em catadupa, onde as idéas se succediam em tropel, não permittia que as palavras se fixassem na escripta. Era-lhe a mão por demais vagarosa para acompanhar o pensamento apressado. Possuidor de um grande talento e de uma esplendida cultura, servido por um raro bom gosto, sem ser poeta no sentido restricto da palavra, comprehendia e amava a arte do verso; conhecia perfeitamente a musica e esboçava a critica de um quadro com a mesma facilidade com que corrigia os defeitos de uma escultura ou as imperfeições de um actor no theatro. Pelo testemunho de amigos seus, chega-se a crêr que tivesse passado a vida beirando a loucura. Era um excessivo. Deixando-se arrastar pelos impulsos e trabalhando pela fantasia mais ardente e desordenada, nelle o excesso de subjectividade o teria talvez levado á demencia, se uma terrivel doença intercorrente lhe não partisse o fio dos sonhos delirantes.

Machado de Assis apellidou-o de — *Sacco de Espantos* — e fez d'elle a personagem de um de seus contos,

aquelle Xavier do *Annel de Polycrates*, que bebia perolas diluidas em nectar, comia linguas de rouxinol, e não usava papel mata-borrão por achal-o vulgar e mercantil, empregando areias nas cartas, mas uma certa areia de pó de diamante; aquelle mesmo Xavier que para acender os cigarros trazia consigo uma caixinha de raios do sol; cujas colxas da cama eram nuvens purpuras; que para presentear uma senhora por quem se apaixonara loucamente lhe enviou de mimo tres estrellas do Cruzeiro e que tomava café de manhã feito pela propria Aurora. Tal era elle.

Viajou pela Europa; estando em Paris, resolveu falar a Victor Hugo. Encaminhou-se para o palacio onde este morava; o porteiro, por qualquer motivo, recusou-se a annuncial-o. Travou-se forte discussão e Arthur, em altos brados, argumentava que viera de tão longe, de um recanto da America, unicamente para conhecer o Mestre e que se não iria embora sem vel-o. Attrahido pela altercação, Victor Hugo assomou a uma das janellas, e, informado do que se passava, mandou que o deixassem subir. Quando appareceu no salão, já o poeta retomára o seu logar habitual, cercado de amigos, entre os quaes se achavam — Theophile Gautier, Catulle Mendés, Leconte de Lisle, Gustave Doré e outros. Arthur, sem se perturbar com essa augusta assistencia, lançou-se de joelhos aos pés do grande velho e começou a declamar versos das *Contemplações*. Fez-se dahi por diante frequentador da casa de Victor Hugo e amigo de Gautier, que lhe chamava — *Pae do Raio*.

Era, já vos disse, um impulsivo. Em certa occasião, assistindo a um concerto, e percebendo que uma senhora que executava ao piano um trecho de Beethoven, saltára uma passagem, ergueu-se de impeto e descarregou sobre o instrumento um formidavel murro, clamando que não consentiria jamais que, na sua presença, estropiassem Beethoven. A dama desmaiou e, como é facil de

prever, estabeleceu-se na sala enorme confusão. Quizeram expulsal-o. A presença de amigos evitou-lhe esse vexame. O arrependimento sobreveio pouco depois, os sentimentos de boa educação fluctuaram de novo. Procurou a infeliz interprete para pedir-lhe desculpas. Esta, já um pouco mais serenada, lh'as aceitou logo e Arthur, despedindo-se, ao apertar-lhe a mão: — Obrigado, mil vezes obrigado pela sua generosidade, mas escute, não toque mais Beethoven, sim?

Foi, na verdade, o *Sacco de Espantos* de que falava o auctor de *Dom Casmurro*. (Jorge Jobim — *Revista Americana*, Rio de Janeiro).

O NOSSO THEATRO

Bem como pelo consumo do acido sulfurico (assim escreveu alguém) se póde aferir o grão do progresso industrial de um povo, assim tambem, do florescimento de um theatro, licito é deduzir o requinte de uma cultura literaria. Ora, infelizmente para nós, motivos sómente ha para que a tal respeito nos sintamos vexados. Comparado com o hespanhol, o theatro portuguez é pauperrimo. Essa má sina de Portugal, parece havermol-a herdado. A literatura dramatica, que no Brasil se iniciara com as tentativas de Gonçalves Magalhães, só em José de Alencar teve condigno proseguidor. Com Arthur Azevedo, ainda que desvairado da tri-lha boa e limpa, deu ainda signaes de vida.... E depois, peior ainda que o silencio de morte, os estre-meções de prolongada agonia. O actor, interprete de alheio pensamento, porém não raro sabendo communicar-lhe a belleza e animação de que não o revestira o creador da peça, com este caminha de par. Onde fallecem os autores geniaes ou brilhantes, em vão procurareis auctores verdadeiramente notaveis. Não ignoro que ha em nossa terra uma Escola Dramatica, e que, segundo me informam, optimamente é, ou foi, dirigida por um

talentoso escriptor, o meu amigo Coelho Netto; mas, evidentemente, ou por falta de vocações ou por qualquer outro motivo, reduzidissima é a colheita que dahi nos provém. O theatro nacional continua, qual o equilibrio orçamentario e a verdade eleitoral, a constituir uma das utopias em nosso paiz.

Quando comecei a frequentar theatros, no drama e comedia nacional trabalhava certo numero de bons engenhos, entre os quaes, além do citado Alencar, primavam Joaquim Manuel de Macedo, Castro Lopes, Pinheiro Guimarães. Tradueções francezas forneciam, comtudo, a melhor parte do repertorio. E como no palco se distinguia o desempenho! Já tinha desaparecido o João Caetano, mas após si deitara uma sequella de bons actores, sendo um delles o Corrêa Vasques, cuja figura ainda vive nas saudosas reminiscencias de quantos o conheceram. Por outro lado, de Portugal nos havia chegado o Furtado Coelho, que durante não poucos annos foi dominador empolgante, e tambem á sua semelhança formou não poucos artistas. Ha dias, na *Ceia dos Cardeaes*, appareceu, disfarçada em velhinho, a actriz Ismenia dos Santos, de quem nunca mais se ouvira fallar, mas que, pede a justiça que se diga, na historia da arte dramatica brasileira tem logar honrosamente assignalado. Na alta comedia e no drama, mesmo onde este se delimite com a nobre e grande tragedia, ella attingiu e por vezes superou a expectativa publica. Lucinda Simões, que foi mulher de Furtado Coelho, surgiu em seguida e, sem a vivacidade e animação da Ismenia, soube, entretanto, ser, pela sua impecavel distincção e naturalidade, uma eximia companheira do marido. A's representações das peças em que entrava esse casal de artistas, affluia a melhor sociedade carioca. Assim pelos nossos olhos foi passando, com interpretação condigna, tudo o que de mais formoso e palpitante engendrava o pensamento francez.

Quando no regimen da opereta offembachiana descambou em Fran-

ça a arte do theatro, o mesmo inevitavelmente succedeu entre nós. Na antiga rua da Valla (que hoje alargada se chama da Uruguayana) houve uma casa de espectaculos denominada o *Alcazar*. Alli scintillaram *estrellas*, cujo maior brilho não era o da arte pura. O *Alcazar*, frequentado pela mocidade livre e pela velhice patusca, fez a mais rude concorrência ao theatro sério. Offembach fazia dansar a França e com ella o mundo inteiro. O Rio, e com elle o Brasil, entraram na roda. Não foi a primeira nem a ultima tolíce a que nos induziu a seductora cabeça da raça latina. A opereta franceza tinha, entretanto, um inconveniente para os não sabedores do idioma em que se representava. Dahi a idéa da traducção, e logo tambem a da *parodia*. O *Orpheu na roça* abriu o caminho a outros mistiforios. Arthur Azevedo, com a sua *Maria Angu'*, nacionalizou, ainda mais ridicularizada, a famosa *Filha de Madame Angôt*. Quando o Vasques, disfarçado em gallo, se exhibiu lá em uma scena do *Orpheu*, toda a platêa, escangalhando-se em riso, consagrou o inicio da pachuchada. Entrou o theatro em um periodo lethargico... E ainda está dormindo.

Outro passo para a decadencia foi a invenção das *revistas*. Um entretcho rudimentar põe em scena alguns *compadres* e certo grupo de figuras contemporaneas. Nada mais simples e para usar de usadissimo plebeismo, tambem nada mais *besta*... E, comtudo, isso tem feito a reputação de muitos escriptores, e as delicias de espectadores sem conta. Ao começar tal genero de composições, houve a idéa de figurar em scena determinadas personagens. Octavio Hudson, o popularissimo *reporter* do *Jornal do Commercio*, e mesmo o velho Dr. Luiz de Castro, com o seu original systema de sempre trajar brim branco, quando toda a gente se vestia de tecidos de lan, foram postos no tablado em figurações muito fieis. Esses riram-se da graça; mas outros protestaram, e por isto, e para que a farça não acabas-

se em tragedia, teve de accudir a policia e pôr termo á perigosa innovação. Enjoado dessa degeneração theatral, escasseou a concorrência publica; e então foi que, como se faz com os enfermos de estomago fraco, começaram os empresarios a propinar ao povo pilulas de espectaculos *por sessões*. (Carlos de Laet — *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro).

HORA DECISIVA

A guerra actual tem despertado em todos os povos que lhe pagam o seu tributo de sangue, as qualidades e os sentimentos de que mais se poderia ennobrecer a especie humana. Synthese formidavel de todas as energias nacionaes, a guerra não é apenas um factor de destruição, senão tambem um instrumento de construcção, em que se apuram e se refundem valores moraes e espirituales de uma significação consideravel. Na floresta de bayonetas que ella espalha nos campos, outr'ora semeados de verdura e hoje talados pelos obuzes, não figura apenas o esplendor da gloria militar. Mais balsamico que olhar o espectaculo do heroismo guerreiro, é ver a fabricação e a ascensão da seiva, que alimenta o maior acampamento que ainda allumiou o sol sobre a terra. O estoicismo militar corre parelhas com o estoicismo civil. A espada não é de um aço mais bem temperado que a alma, nem mais obstinada que a paciencia. A abnegação, o espirito de sacrificio e de renuncia desabrocharam no coração humano com um vigor insolito. Por certo que o espirito utilitario, cobiçoso, avido, fumega e onde quer que elle pôde accender seu tição, enxergamol-o avermelhado. Mas no ambiente electrizado de enthusiasmo e de rude sacrificio, o egoismo se sente incondicionado e asphyxiado pelo sentimento de subordinação aos fins collectivos, pela solidariedade e o altruismo. A hecatombe russa, tem, na sua loucura a grandeza de todas as utopias, o traço flammeante do fa-

natismo politico dos idaes visionarios, para quem os espectros se encarnam em formas lucidas, autoritarias e terriveis e os imponderaveis consolidam-se em realidade. Ha qualquer cousa de tocante na innocencia sinistra com que o russo candido e imaginativo se dispõe a realizar a experiencia collectivista. E' uma attitude. De loucura, poderá dizer-se. Mas de uma loucura illuminada, de idealistas scelerados e pittorescos, que se estão devorando á espera de um tyranno, que ha de chegar á ultima hora. Os homens que se estraçalham em guerra civil agora na Russia, matam-se por um ideal. E' a absorção mais completa da personalidade pelo interesse colectivo.

Eu quizera dispor de uma parcella de autoridade para chamar as élites da minha terra á evidencia da realidade, que é amarga para os descuidados como nós. O objectivo materialista do processo economico, constitue ainda o ponto vital, o nervo da acção politica dos povos. Força social é condição de riqueza e no estado actual da civilização só pelo commercio e a industria e o triumpho contra as energias rivaes de outros povos, é que as nações vencem e ganham aptidão para sobreviverem na concorrência mundial. Os povos irão ficar com as mãos livres para a expansão economica, o desenvolvimento commercial e industrial. A guerra lhes terá desenvolvido para isso, uma capacidade de organização formidável. A Europa virá das trincheiras fatigada, mordida de canção, mas esplendida de aptidão organizadora. As intelligencias que não são cegas e procuram applicar ao Brasil as lições da guerra, para que não o colham surpresas, que lhe vão mostrando as novas estradas do mundo, no meio das quaes elle não poderá apparecer amanhã como uma carne decomposta, devorada pelos vermes do egoismo, da indifferença e da fraqueza. (A. Chateaubriand—*Correio da Manhã*, Rio de Janeiro).

CARLOS GOMES NA ITALIA

O "Guarany" foi cantado pela primeira vez em Genova ha bons quarenta e cinco annos. Era isso em Janeiro de 1872, e a estação lyrica, no theatro Carlo Felice, o principal da cidade, decorria "senza infamia e senza lode." O triumphador da época era Julio Gayarre, o celebre Hespanhol que morreu tão novo e a quem na Italia se gabava não só a voz deliciosa, mas a pronuncia e a dicção italiana, "cosi nette, limpide ed insinuanti, che la poesia e la melodia uscenti dalla sua bocca formavano un tutto armonico, incantevole". Assim os Italianos se encantavam de ouvir a sua lingua coada por uma bocca estrangeira, o que mostra como todos os homens são iguaes, ou pelo menos todos os ouvidos são aquelles que se habituaram a fallar e a ouvir a lingua por nós considerada como a mais doce e mais cantavel do mundo. Foi, pois, o Gayarre quem, naquella estação lyrica genoveza de 1872, creou a parte de "Pery" na opera de Carlos Gomes, que um anno antes triumphara em cheio no Scala de Milão, erguida nos escudos da critica pelos louvores do celebre jornalista e escriptor lombardo Leone Fortis, o Director do "Pungolo", e pelo applauso do principe dos criticos musicaes italianos, de então, o Professor Filippo Filippi. Carlos Gomes estava em Genova, dirigindo os ensaios, e teve o justissimo orgulho de ver a sua opera demorar-se na scena por dezeseite noites quasi consecutivas. A symphonia e o duetto de tenor e soprano, no primeiro acto, tornaram-se rapidamente populares, popularidade que agora, perto de meio seculo volvido, não se tinha ainda apagado de todo. E o mesmo ou semelhante exito obtiveram a canção do "Aventureiro" no segundo acto; a aria do baixo: "Giovinetto nello sguardo"; e o trecho de tenor "Perché di meste la grime hai tu bagnato il ciglio", que o Gayarre executava com tal doçura e tão suave gradações de colorido, que os applausos rompiam

em delirio por toda a sala. G. Perosio diz que Carlos Gomes era grande admirador da musica italiana; que, idolatra de Rossini, por elle considerado o maior compositor depois de Palestrina, se curvava não só diante dos seus tres grandes successores, Bellini, Donizetti e Verdi, mas tambem estimava altamente as operas de alguns dos menores, como Pacini, Mercadante e os dous Dieci.

— Uma noite (conta o critico genovез) encontravamo-nos os dous no camarote de uma gentil senhora, emquanto na scena do "Carlo Felice" se cantava a "Saffo", de Pacini. Ao romper do grandioso "finale" que começa com a invectiva de Sappho a Gaone: "Ai mortali, or credo, ai numi", Carlos Gomes ergueuse de repente da cadeira, escutando quasi anhelante toda a peça, prorrompendo a cada passo em exclamações de entusiasmo e dizendo, por fim:

— Ah! pudesse eu encontrar tambem uma tão potente inspiração!...

Carlos Gomes achava-se então em Genova para assistir aos ensaios do seu "Salvator Rosa", alli representado em 1874, tambem com grande exito, para o qual contribuiu, interpretando a parte de soprano, a distinctissima actriz-cantante que foi Romilda Pantaleoni, rival da celebre Marianichasi na "Gioconda", de Ponchielli. Quanto ao "Guarany", só por tres vezes voltára a ouvir-se na Capital da Liguria: no Carnaval de 1879, no de 1880 e em outubro de 1890 — ha quasi dezesete annos. O seu reaparecimento em 1917, teve a grande vantagem de mostrar que a obra do illustre compositor brasileiro "ne porte pas son age". O publico simples e expontaneo, alheio ás profundezas e tambem aos caprichos da critica erudita, applaudiu, sincero e exuberante como sempre, o que na opera ha de accessivel ás platéas meridionaes. O publico "letrado" e "wagnerizado" teve de confessar que a inspiração e o talento de Carlos Gomes resistem ainda agora perfeitamente ao romantismo tropical do "libretto", e aos convencionalismos hoje desmascara-

dos, mas ainda soberanos na época em que a "partitura" foi escripta. (Agostinho de Campos — *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro).

AMADEU AMARAL

Ha duas phases perfeitamente distinctas na obra poetica de Amadeu Amaral — uma de sonhos lunares, de negação da vida, de amor ao contrario, horroriza-o a fixidez, lar, heroica, dyonisiaca. Na primeira vae elle em demanda da paz, do eterno, do definitivo. Na segunda, ao contrario, horroriza-o a fixidez. Deleita-se no ephemero, no movediço, no relativo, e celebra com entusiasmo "o perpetuo esplendor das coisas transitorias". Na primeira mil obstaculos o separam do paraíso, sonhado em doces abertas de luz. As "urzes" do caminho ensanguentam-lhe os pés e a "nevoa" que cobre o horizonte mais parece um manto de nankim, um "zaimph" sombrio destinado a esconder-lhe para sempre a face da divindade.

Na segunda, o poeta, desesperando com razão de vir nunca a alcançar "as regiões serenas de um descanso ideal", rasga de alto a baixo o espesso véu de Maia e, num victorioso arremêso, certifica-se de que atrás delle nenhum "além" existe e que toda a vida se concentra no brilho fugaz das "espumas" douradas ou "no minuto de luz que arde ás vezes num gesto".

O nosso aédo não é puramente lyrico nem sentimental. E' um mixto de sensibilidade e de intelligencia, de emoção e de pensamento. Sua poesia, mórmente no ultimo livro, encerra sempre vastas paisagens de idéas e sobretudo a nobre preocupação de uma "bella attitude moral".

Essa attitude e as idéas que a ella o conduziram, desabrocharam sem duvida alguma á luz nietzscheana. N' "A Palmeira e o Raio", uma das mais bellas poesias symbolicas do seu ultimo livro *Espumas*, vemos o homem forte, o superhomem, como

diria o apostolo de Dyonisos, erguer-se "solitario na turba immensa que o rodeia" á semelhança de uma palmeira que, "entre a plebe hirsuta dos arbustos e das arvores anãs", levanta "para o céu, no doce arfar das palmas, o anseio ascencional de uma fé que não verga". "Elle" ama viver "no sentimento heroico do seu termo, na divina embriaguez do perigo", tendo "inimigos audazes e rectos", que desconhecem "o gelado rancor que teme a luta e o risco, o odio vil que sorri, e sorrindo assassina", os inimigos enfim que "têm o orgulho que explode e a raiva que fulmina". Como Zarathustra, repelle a compaixão, que não é mais do que um insulto, e no meio da "tormenta desfeita, sob o vento, o grânizo e o trovão", erecto e descoberto ante "o universal assalto", sabe cingir a fronte com uma corôa de risos e morrer sem baixeza, longe do que é torpe e vil e sem nunca ter conhecido a "lenta podridão".

Diz a palmeira ao raio:

Vieste, de frente e de alto, e rabido
caiste cem vezes sobre mim. E cem
[vezes erraste
os golpes. E tambem cem vezes, si-
[bilante,
o meu riso resôou no espaço escuro
[e triste.
Mas agora venceste. Eis rota a um-
[bela; eis a haste
sempre de pé, mas rota. Eis-te em
[fim triumphante.
Obrigada..."

O prégador do "amor facti" morre com simplicidade e grandeza, "abençoando" todos os acontecimentos de sua vida — porque — ensina elle — "devemos cessar de ser homens que oram, para nos convertermos em homens que abençoam."

No magnifico poema "O Açude", o pensamento do philosopho, guiado pelo entusiasmo do poeta, apparece mais profundo e penetrante. Ha nelle todo uma philosophia "artisticamente vivida". E é nisto exactamente que consiste a originalidade e a força do nosso poeta. Qualquer pessoa dotada de faculdades discursivas

póde comprehender e expôr as idéas de Nietzsche. Póde mesmo declamar-as e versificar-as. Mas "vivel-as", fazel-as descer da superficie da razão ás profundezas da sensibilidade, imprimindo-lhes um rythmo pessoal e inconfundivel, é um privilegio raro, privilegio de artista, que sabe dar a côr de seus sonhos a todas as coisas de que se aproxima. Assim que, n"O Açude", Amadeu nos mostra, por assim dizer, as raizes do "sentimento heroico" que o domina. E' todo o phenomenalismo "sentido" por um poeta, que não quer ser "dupe" (perdoem-me o francez) da finalidade, ou das causas finaes. Nada de illusões. "Tudo quanto alenta o esforço é o proprio esforço". A belleza da vida está na sua inutilidade, no facto de não ter outro sentido nem outro escôpo, a não ser o que lhe fôr livre e conscientemente imposto pela nossa vontade. E' bem verdade que o velho habito do absoluto difficilmente se desenraiza da sensibilidade, e o proprio poeta reconhece que:

"A's vezes a quimera,
é todo o bem do herôe que na tre-
[va, ainda espera
ver de brusco raiar, do atro hori-
[zonte ao nivel,
o encantado fulgor de uma auro-
[ra impossivel..."

Elle, porém, repelle essa illusão. Toda illusão é um esgastulo, e quem nasceu com "o instincto voador" quer ser amplamente livre e sentir a vertigem da altura e da immensidade. E se lhe perguntarem, á maneira de um dos personagens symbolicos de seus poemas: "E por nada, afinal, te cansas?!" responderá serenamente: "Qualquer premio macularia o alvor do sonho que me leva..."

Convenham que é essa uma poesia incontestavelmente nova, no nosso paiz. Estamos diante de um poeta que evoluciona na atmospherá rarefeita das mais subtis abstracções do pensamento, animando-as de uma vida prestigiosa, tornando-as palpaveis a poder de imagens, e isto sem ne-

nhumas velleidades de apostolo, — pois quem o lêr sentirá que ninguém é mais do que elle avesso á didactologia. E' um poeta que pensa, ou um "pensador" que canta. E no rythmo maravilhoso da idéa-imagem e da imagem-vida vae pondo, inteiramente alheio á preocupação de um auditorio, as riquezas ineditas de sua originalissima personalidade.

Amadeu Amaral, com ser brasileiro e apaixonado de Nietzsche — e eis aqui como se affirma inconfundivelmente a sua personalidade literaria — é poeta de uma sobriedade verdadeiramente "classica". Neste traço está o seu maior elogio. E' em virtude d'elle que o aédo paulista se mostra "imprevisto", "diferente" do que era de esperar, rebelde aos moldes que pareciam naturalmente indicados por suas proprias admirações e isento de um dos vícios mais communs entre nós — a exuberancia desordenada...

E que exquisito sabor não tem o devanear nietzscheano deliciosamente escandido na nobre simplicidade, na "classica" pureza de linhas dos versos de Amadeu!

Querem uma pequenina amostra desse rarissimo equilibrio da intelligencia e da sensibilidade, da imaginação e do pensamento? Leiam estas quadras:

O sonho é um torvelin sem medida e
[sem norma;
é um latejar de vida, onda fervente
[e amarga.
A obra de arte, ao sahir da mão
[que lhe dá fórma,
é a vasa densa e vil que a onda,
[refluindo, larga...

O sonho de belleza, esse estado de
[graça,
não se fixa jamais; move-se como
[a vida.
A obra surge, e resplende. Elle pro-
[segue, e passa.
E a obra viva e perfeita é a que
[não foi concluida...

A admiravel "Prece da tarde", obra-prima de inaudita doçura, é cá-paz de por si só firmar o nome de um poeta. Começa á maneira do preludio do "Segundo Fausto". E'

uma como invocação magica a cujo prestigio tudo se transfigura e entra a palpar, ao mesmo passo que se approxima a grande, a inenarravel embriaguez pantheista:

"Genios mansos da tarde, escutae
[minha prece.
Sinto-vos deslizar por estes ares...
[Pondes
um véu de seda azul no hombro nu'
[da collina.
Entre as moitas, o rio, em silencio
[adormece.

E sobe, lento e lento, entre os ci-
[mos e as frondes,
da fadiga da terra o sonho da ne-
[blina.
Bolem na ondulação do campo,
[cujos termos
se vão perder ao longe em manchas
[de fumaça,

longas hesitações de agua em agu-
[des quietos.
E as mulheres que vêm da fonte
[pelos ermos
parecem respirar tranquillidade e
[graça,
erguendo no ar tranquillo os can-
[taros repletos."

Eis como elle celebra a communhão divina com todos os seres do céu e da terra. E' o proprio Ariel que abre as azas na grande alma do poeta:

"Genios da tarde azul, enchei-me
[de harmonia...
Doces, apaziguais o valle amplo e
[e revólto.
Tambem minha alma é assim, re-
[vólta: socegai-a.

Permitti que o meu ser, na luz final
[do dia,
bóie e paire desfeito, ondeie calmo
[e solto,
num sereno esplendor de agua bra-
[va que espraia."

Passada, porém, tão recolhida hora de belleza e verdade, de sonho e de infinito, consola-o sentir que desse longo extase alguma coisa lhe ficou no peito, assim:

"Como num barco preso em porto
[esconso e estreito
parece ainda pairar, entre as velas
[e o bojo,
a ampla palpação das carreiras ao
[largo!"

(J. A. Nogueira—O Estado de São Paulo, S. Paulo).

HOMENS
E COISAS ESTRANGEIRAS
OS SUCESSOS LITERARIOS

A profissão de editor é das mais arriscadas que se conhecem. O editor pensa e prevê tudo, estuda o momento opportuno, faz o trabalho de "réclame", e vai lançar o livro quando de repente, sobrevém uma mudança de ministerio que desvia e monopolisa a attenção publica durante um mez ou mais, e o livro, de successo garantido, fica nas montras sem se vender. Outras vezes, é o contrario que succede: uma obra em que se depositava pouca confiança, e que fôra acceita de má vontade — tem um bello exito devido a um concurso de circumstancias imprevistas.

Quem pôde dizer, observava um grande editor parisiense, o que seria dos *Miseraveis* de Victor Hugo — desse livro que tem sido o mais vendido depois da Biblia, se Tropmann, que assassinou a familia Kinck em 1869, tivesse commettido o seu delicto no dia 3 de abril de 1862, dia em que foi posto á venda o primeiro volume daquelle romance?

Alguns exemplos celebres mostram como é precario e vario o exito dos livros. Todos conhecem o *Robinson Crusoe* e a fama universal que desfructa hoje. Mas o que poucos sabem é que Daniel de Foe custou muito a encontrar um editor para a sua obra. Um pobre typographo, por nome Taylor, ousou finalmente affrontar o risco da publicação, e, com tanta felicidade o fez que dentro de algum tempo precisou augmentar o estabelecimento para attender aos pedidos. Quanto ao autor, só teve 125 francos...

As mesmas difficuldades supportou Beecher Stowe para publicar *A casa do pai Thomas*, que os editores achavam muito longa. Como a autora não consentisse nos cortes, a publicação teve de soffrer retardamentos e hesitações. Por fim, posto á venda, o livro fez furor:

em tres dias foram vendidos 10.000 exemplares; em um anno, 300.000. A Feira das Vaidades de Tackeray foi recusada por seis editores de Londres, obtendo depois um triumpho extraordinario. O *Genio do Christianismo* de Chateaubriand, devia ser, segundo a prophesia geral, um desastre completo, e fez, ao contrario, uma fortuna. Balzac, apesar do seu extraordinario trabalho, realiso pessimos negocios com os livros durante a sua vida. Morto elle, os editores Jaccotte e Bourdilliat fizeram da *Comedia Humana* uma edição a um franco o volume, a qual, durante dez annos, deu á viuva 40.000 francos annuaes de direitos autoraes. Quando François Coppée apresentou a Noel Parfait, da casa editora Michel Levy o seu primeiro trabalho *Le Passant*, a bella comedia em verso que ia ser representada no Odeon, Parfait respondeu-lhe: "Primeiro trabalho, escripto em verso, e, de mais a mais, para o theatro—tres excellentes razões para não publical-o." Alguns dias depois *Le Passant* alcançava um bello exito em scena. Noel Parfait escreveu então a Coppée retirando a sua recusa — mas já era tarde, porque o trabalho tinha sido vendido a Lemerre. Quanto á influencia dos jornaes, de que se tem abusado, é preciso reconhecer que já está muito desmoralisada. Entretanto, foi ao jornal, ou antes, á *Revue des Deux Mondes* que Mauricio de Guérin deveu a fama do seu poema *O Centauro* que, publicado em 1833, ficara quasi desconhecido até que George Sand o revelou pelas paginas daquelle revista. Assim tambem François Coppée, no *Journal* revelou a *Aphrodite* de Pierre Louys, que dormia nas livrarias depois de ter sido recusada por quatro ou cinco editores.

A primeira edição de *Madame Bovary* custou a Flaubert 300 francos, como elle proprio o confessa na sua correspondencia. O editor Michel Lévy, animado pelo extraordinario triumpho do livro e desejo de compensar por qualquer modo o autor, pagou-lhe 10.000

francos por *Salammbô* e 16.000 pela *Educação sentimental*, mas ficou prejudicado com os dois livros, tanto que houve logo um rompimento entre o editor e o autor. Edmond Scherer que pela primeira vez assinalou ao publico essa pequena obra prima que é *Dominique* de Eugenio Fromentin, tão admirado e continuamente reeditado nos nossos dias, nos faz saber que o romance não teve repercussão alguma quando foi publicado pela primeira vez em folhetim na *Revue des Deux Mondes*, nem quando em volume.

A primeira traducção do *Quo vadis*, de Sienkiewicz foi recusada por muitos editores, os quaes não viam naquelle trabalho nenhuma probabilidade de venda.

A mesma coisa, mais ou menos, se observa no theatro. São classicos os exemplos do *Misanthrope*, de Molière e *Athalie* de Racine, friamente acolhidos a principio. Um dos mais bellos triumphos de Shakespeare foi *Pericles*, hoje quasi esquecido. E quem conhece hoje *Timandro* de Thomaz Corneille, que foi o maior exito dramatico do XVIII século?

Alexandre Dumas Filho teve que ouvir muitas recusas, antes que fosse acceita *A dama das camelias*, de que ninguem, no mundo do theatro, havia comprehendido o valor. Entre outras pessoas, madame Fargueil lhe observou: "A sua obra se desenrola num mundo que eu não conheço" — "Na sua idade, minha senhora? respondeu Dumas. Então nunca o conhecerá..." "Afimal, foi acceita por Bouffé, director do Vaudeville, que, com aquelle drama, só pretendia ganhar tempo para preparar *Le Ouistiti* de Rochefort-Lucay, mas tão pouca importancia ligava ao trabalho de Dumas, que, arrependido de o haver acceito, na vespera da *première* vendeu por 20.000 francos os direitos de autor. *A Dama das Camelias* foi um triumpho sem precedentes, e deu provavelmente mais de um milhão de francos ao feliz comprador dos direitos autoraes.

Para terminar, eis uma estatistica que poderá dar uma idéa dos erros commettidos no julgar as obras literarias: — De mil livros que se publicam, 600 não pagam as despesas, 200 produzem apenas o custo do livro, 100 dão um pequeno lucro e 100 um lucro consideravel. Desses mil livros, 650 estão já esquecidos no fim do anno, 150 no fim de tres annos, 50 vivem sómente sete annos, e uma dezena no maximo fazem falar de si ainda vinte annos depois. Dos 50.000 livros feitos no seculo XVII pouco mais de 50 gosam de grande reputação e são ainda reeditados. Dos 80.000 do seculo XVIII, a posteridade não conservou mais de 50 tambem. Ha mais de 3.000 annos que se fazem livros em todo o mundo. Entretanto, não serão em numero maior de 500 os escriptores que têm sobrevivido á acção do tempo... (Albert Cim — *La Revue*, Paris).

ALMAS EMPAREDADAS

Os theologos, os philosophos e numerosos autores, antes do seculo 19 haviam propagado a opinião erronea de que a falta de vista e ouvido é obstaculo irremovivel ao desenvolvimento das faculdades intellectuaes.

Santo Agostinho, não concedia aos surdos-mudos a possibilidade de chegar um dia ao conhecimento das verdades da religião, sob pretexto de que não tinham ouvidos, orgãos considerados pelos antigos como as verdadeiras "portas da intelligencia". Esse ostracismo horrivel teve uma influencia das mais lamentaveis sobre o destino de tantos desgraçados, que, privados de um sentido, supportavam não só o peso da sua enfermidade como o de injustos preconceitos que lhes negavam a qualidade de homens. Foi preciso que verdadeiros apostolos viessem demonstrar a falsidade e a injustiça das opiniões correntes para que a condição moral e material dos cégos e dos surdos-mudos melhorasse um pouco. O ab-

bade Michel de l'Epée deu o exemplo. Elle foi quem primeiro forneceu a prova indiscutível de que o surdo-mudo de nascença, privado do ouvido e da palavra, e nunca tendo ouvido nem falado, pôde ser instruído de maneira a ser possível ensinar-lhe a lingua escripta e mesmo a restituir-lhe a palavra. Os estudos e os escriptos do veneravel abbade determinaram um vivo movimento de curiosidade cujo benefico effeito não tardou a fructificar. Valentin Haüy realisou para os cegos o que Michel de l'Epée tinha feito para os surdos-mudos: demonstrou que o cego, apesar da sua cegueira, e mesmo que esta fosse de nascença, pôde aprender a ler por meio de tacto, e chegar assim a um desenvolvimento intellectual apreciavel que lhe permite trabalhar para viver. Cuidou-se depois dos idiotas, imbecis e outros deficientes intellectuaes, os mais lamentaveis dentre os enfermos, porque a sua inferioridade resulta não da ausencia de um sentido, mas de uma insufficiencia mais ou menos notavel das faculdades intellectuaes. E foram ainda dois francezes, Itard e Seguin, que provaram ser possível, em certos casos, elevar sensivelmente o nivel intellectual desses desgraçados.

Mas, ao lado dos surdos-mudos, dos cegos e dos idiotas, ha outra categoria de enfermos, bem mais desgraçados ainda: são os surdos-mudos-cegos. Não vêr, não ouvir, não falar; não dispor de meio algum de comunicação para exprimir as suas necessidades e os seus desejos!...

A primeira educação seria de uma pessoa em taes condições foi a da celebre norte-americana Laura Bridgman, que nasceu em 1829 e se tornou cega, surda e muda na idade de dois annos, em consequencia de uma febre escarlatina. Era ainda completamente privada do paladar e do olphato. Entrando para o Instituto dos cegos de Boston, lá aprendeu Laura a ler por meio do alphabeto manual, que lhe ensinaram o dr.

Howe e tres professores. Mais espantosos foram os resultados obtidos com a educação de Helen Keller a respeito da qual disse Mark Twain que ella e Napoleão foram as personagens mais interessantes do seculo 19. Com desenove mezes, Helen ficou inteiramente cega, surda e muda. Assim viveu, numa ignorancia completa, até os sete annos. Só então a confiaram a miss Sullivan, professora de surdos-mudos, com a qual não tardou a fazer notaveis progressos. Aprendeu a lingua ingleza, chegando a communicar-se com os seus professores e conhecidos por meio da dactylologia, que consiste em formar letras do alphabeto com os dedos da mão, e, o que é mais extraordinario, a comprehender as pessoas que lhe falavam collocando a mão sobre a bocca dessas pessoas. Helen estudou, conquistou diplomas universitarios, aprendeu varias linguas, o allemão, o italiano, o francez, e, terminada a sua educação, escreveu a *Historia de minha vida*, tocante autobiographia hoje traduzida em varias linguas, além de outras obras que a celebrisaram nos Estados Unidos.

E' no Canadá, porém, que acaba de fazer-se a ultima tentativa para instruir uma desgraçada surda-muda-cega que, por ironia do destino, traz o nome de Lachance. Ludovina Lachance nasceu em 1895. Com dois annos de idade, teve uma molestia grave, que a deixou irremediavelmente surda, muda e cega. Não podendo estar sempre ao seu lado, os seus pais tomaram a resolução de fechal-a num quarto afim de que, andando sósinha pela casa e fóra, se não molestasse. Dos tres sentidos que lhe restavam, tomaram ahi grande desenvolvimento o olphato e o tacto. Apesar disso, a pobresinha parecia mais um animal do que uma pessoa, quando, em junho de 1911 recebeu a visita do mordomo da Instituição dos surdos-mudos de Montreal. Foi quando começou a sua educação. Passados dois mezes, o pai foi visital-a. Já era outra, apresen-

tando notaveis progressos de intelligencia. E desde então, ha pouco mais de tres annos, os progressos têm sido continuos. Essa alma em trevas já recebe claridade de fóra. A linguagem mimica lhe permite communicar-se com os que a rodeiam e pedir-lhes tudo quanto deseja. Ludovina é forte, alegre e agil. E' pouco provavel, entretanto, que ella chegue algum dia, já não dizemos a egualar, mas a approximar-se de Helen Keller. Mas já não é pouco que tenham feito desse ser miseravel, uma pessoa consciente como é hoje. (Edouard Drouot — *La Revue hebdomadaire*, Paris).

COMO OPERAM OS SUBMARINOS

Os submarinos operam isoladamente ou por grupos, segundo as circumstancias. Quando as circumstancias o permitem, suppõe-se que elles ficam no fundo dagua, em repouso, procurando descobrir a approximação do navio. Assim que lhes é assignalado um navio, elles se elevam a um nivel que lhes permita a observação pelo periscopio, e manobram então segundo a observação.

Quando a agua é tão profunda que o impede de ficar no fundo, o submarino deve manter a sua direcção de sorte a conservar a mesma immersão. A velocidade minima neste momento é de dois a quatro nós. A profundidade maxima de immersão é de cerca de 60 metros. A profundidade da marcha habitual é de 15 a 30 metros.

Suppõe-se que os submarinos tornam ao seu porto principal num intervallo de trinta a trinta e cinco dias. O raio total de acção deve ser, segundo todas as probabilidades, de 5000 a 8000 milhas com uma velocidade moderada de dez a onze nós. Quando o submarino emerge, a velocidade maxima deve exceder de 14 a 18 nós nos modelos mais recentes; quando está immerso, essa é de cerca de 10 nós.

Os submarinos têm, provavelmente

te, bases occultas na Irlanda e em outras costas, na Groenlandia e na Islandia.

O tempo necessario á immersão é de tres a quatro minutos segundo as circumstancias. Quando o submarino se acha immerso rente á superficie, bastam-lhe 15 a 30 segundos para elevar o seu periscopio, fazer uma observação rapida e recolhê-lo. Quando isso é necessario, o submarino póde seguir uma trajectoria em forma de sinusoides vertical, emergindo ou immergindo á vontade, com intervallos frequentes. Outras vezes, elle póde marchar completamente immerso, mas perto da superficie, e fazer observações frequentes através do seu periscopio. Os submarinos modernos são munidos de dois ou tres periscopios, afim de que por um accidente qualquer, se não vejam privados do seu meio de observação.

O lançamento de torpedos pelos submarinos implica provavelmente uma mudança na sua direcção. Não é sempre, porém, que isso se dá. O torpedo, para attingir o seu alvo tem de viajar sob a agua cerca de tres minutos. Num mar calmo, o torpedo póde correr em maior profundidade do que num mar agitado.

Quando operam de noite, os submarinos escapam mais facilmente á vista, mas naturalmente encontram mais difficuldades para attingir o seu objectivo (*Revue Scientifique*, Paris).

ANIMAES MARAVILHOSOS

Os animaes intelligentes, assim como os homens bestas, são menos raros do que em geral se pensa. Aqui estão, como exemplo, dois animaesinhos curiosos: um cão que escreve e desenha, embora depois de algumas lições, e um passaro jardineiro, que, esse, não recebeu ensinamento algum, pois vive entre homens semi-selvagens.

O cão que escreve e desenha chama-se Dick, e tem feito furor no theatro Hammerstein de Nova York.

Dick não tem mais de quatro annos, e, apesar da sua tenra idade, vendo sempre a escrever o seu patrão Rancy, quiz aprender com elle. Sempre que Rancy entrava no seu escriptorio, lá se punha Dick a observá-lo. Prestava uma attenção enorme em vê-lo escrever. O sr. Rancy não tardou em comprehender: secundando o desejo do animal começou a dar-lhe as primeiras lições de escripta e de desenho. As lições foram muito proficuas, pois o intelligentissimo Dick, dentro de pouco tempo, poudes desenhar triangulos, polygonos e circulos, e escrever phrases perfeitamente legiveis. Até a sua assignatura elle já faz!

O outro animal maravilhoso, o passaro jardineiro, vive nas soberbas florestas virgens dos Montes Arfak, na Nova Guiné.

E' grande, assim como um tordo, e mereceria ser conhecido não só dos que fazem profundos estudos de ornithologia, como tambem de todos os apaixonados das maravilhas da natureza. Este curioso animal pertence á divisão dos conirostros e é baptisado pelos naturalistas com o nome latino de *Amblyornis inornata*. Um ornithologo italiano, o sr. Beccari, propõe chamal-o "o jardineiro", e demonstra, numa douta monographia publicada nos "Annaes do Museu Civico de Historia Natural de Genova", que este ultimo nome não poderia ser mais apropriado. O ninho simples é para este bipede uma *quantité negligeeable*: além da casa para os seus filhotes, quer uma casa para si, para os seus

companheiros e para as suas... amigas — uma bella casa muito espacosa, de forma conica, de cerca de um metro de diametro e de mais de meio metro de altura. Essa casa elle a sabe construir com estaquinhos finas e rectas de uma especie de orchidea a que os botanicos chamam *Deradrobium*, e que possui, entre outras propriedades, a de durar muitos annos.

Mas, essa casinha não lhe basta: um passaro que se presa deve possuir um delicioso jardim, e por isso o *Amblyornis inornata*, assim que termina a sua casa, começa a estender em torno della um maravilhoso tapete de musgo, escolhido com o maximo cuidado. Sobre o musgo, o "jardineiro" dispõe, numa bella ordem, não poucas flores, das mais vivas e variadas cores, as mais bellas qualidades de fructas dos arredores, e muitos insectos e cogumellos, que, pela côr e pela forma constituem na verdade um bello ornamento. O mais curioso é que o "jardineiro" conserva sempre o seu jardim muito fresco, tanto assim que, apenas começa a seccar, elle trata de o renovar, lançando fóra, bem longe da sua morada, o musgo e o mais, já intoleravel ao seu gosto delicado...

Os indigenas dão a esse passaro extraordinario o nome de *burnunguru*, que quer dizer "passaro sabio". O *Amblyornis inornata* não é dos mais bellos conirostros: é, porém, incontestavelmente o mais original da familia (B. M. — *Cultura Moderna*, Milão).

AS CARICATURAS DO MEZ

OS ELEITOS DE DEUS



Mohamed — Olá!... Por aqui?! Onde vão?

Guilherme — Vamos levar umas pequenas lembranças ao Messias.

Mohamed — Pois eu venho de Jerusalem. Limpei o Santo Sepulchro.

(J. Carlos — "Careta", Rio)

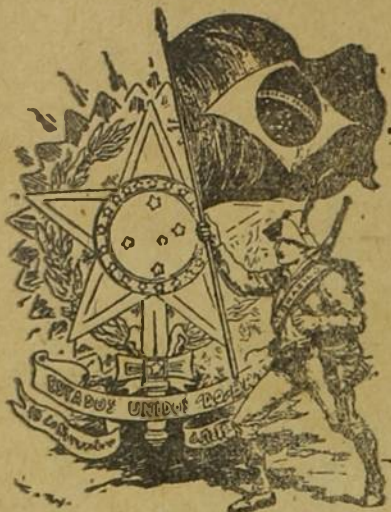
COMO ELLES SOLICITAM A PAZ
(DE QUE PRECISAM COMO DE PÃO PARA A BOCCA)



— Com mil milhões de diabos! Queremos a paz! Raios os parfam!
Queremos a paz! Arre!

(Julião Machado — "D. Quixote", Rio)

HOMENAGENS AO BRASIL



Do Evening Star, Washington.
Parabens e bemvindo sejas no combate em prol da democracia mundial.



Do New York Herald.
No combate mundial em prol da liberdade.



Do Philadelphia Record.
O anniversario da Republica do Brasil — Um novo defensor da democracia.



Do Columbus Evening Dispatch.
Lado a lado pela liberdade.

("Careta" — Rio de Janeiro)

Wilson Sons & Co. Limited

RUA B. DE PARANAPIACABA, 10

TELEPHONE, 123

CAIXA DO CORREIO, 523 End. Teleg. "ANGLICUS"

SÃO PAULO

IMPORTADORES:

de carvão de pedra, forja, anthracite, coke, etc.; ferro guza, cobre, chumbo, chapas e canos de ferro galvanizado, folhas de flandres e ferragens; óleo de linhaça e tintas; drogas e adubos para industrias; barro e tijolos refractarios, barrilha etc.

AGENTES DE:

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres

Seguros maritimos e contra fogo

J. B. White & Brothers, Londres

Cimento Portland "J. B. W."

Aberthaw & Rhose Portland Cement & Lime Co. Ltd. Cimento marca "Mitra"

Read Brothers Limited, Londres

Cerveja Guinness "Cabeça de cachorro"

Curtis's & Harvey Ltd., Londres

Dynamite marca "Dragão"

Brooke, Bond & Co. Ltd., Londres

Chá preto e verde marca "Bond"

William Pearson Ltd., Hull

Creolina, Pacolol e Pacofluido

Andrew Usher & Co., Edinburgo

Whisky "Liqueur"

J. Bollinger, Ay Champagne

Champagne "Bollinger"

P. Virabian & Cie., Marselha

Ladrilhos e Cimento

Holzapfels Ltd., New-Castle-on-Tyne

Tintas preparadas "Lagoline"

Acceitam pedidos para importação directa mediante
modica commissão

Casa de Saude

Dr. HOMEM DE MELLO & C.

Exclusivamente para doentes de molestias nervosas e mentaes

Medico consultor — Dr. FRANCO DA ROCHA,

Director do Hospicio de Juquery

Medico interno — Dr. Th. de Alvarenga,

Medico do Hospicio de Juquery

Medico residente e Director — Dr. C. Homem de Mello.

Este estabelecimento fundado em 1907 é situado no esplendido bairro *Alto das Perdizes* em um parque de 23.000 metros quadrados, constando de diversos pavilhões modernos, independentes, ajardinados e isolados, com separação completa e rigorosa de sexos, possuindo um pavilhão de luxo, fornece aos seus doentes esmerado tratamento, conforto e carinho sob a administração de Irmãs de Caridade.

O tratamento é dirigido pelos especialistas mais conceituados de São Paulo

Informações com o Dr. HOMEM DE MELLO que reside á rua Dr. Homem de Mello, proximo á casa de Saude (*Alto das Perdizes*)

Calva do Correlo, 12 **SÃO PAULO** Telephone, 580

Loteria de São Paulo

PARA 15 DE FEVEREIRO

50:000\$000

Por 4\$500

Os bilhetes estão á
venda em toda a parte

INDICADOR

ADVOGADOS:

DR. S. SOARES DE FARIA —
Escriptorio: Largo da Sé, 15
(salas 1, 2 e 3).

DRS. SPENCER VAMPRE',
LEVEN VAMPRE' e PEDRO
SOARES DE ARAUJO—Traves-
sa da Sé, 6, Telephone 2.150.

DRS. ROBERTO MOREIRA,
J. ALBERTO SALLES FILHO e
JULIO MESQUITA FILHO —
Escriptorio: Rka Boa Vista, 52
(Sala 3).

MEDICOS:

DR. LUIZ DE CAMPOS MOU-
RA — Das Universidades de Ge-
nebra e Munich. — Rua Libero
Badaró, 181. Telephone 3.482,
das 13,30 às 16 horas.

DR. SYNESIO RANGEL PES-
TANA—Medico do Asylo de Ex-
postos e do Seminario da Gloria.
Clinica medica **especialmente das**
crianças—Res.: R. Bella Cintra, 139
Consult.: R. José Bonifacio 8-A,
das 15 às 16 horas.

DR. ALVARO CAMERA-Medi-
co. S. Cruz do Rio Pardo-S. Paulo.

DR. SALVADOR PEPE — Es-
pecialista das molestias das vias
urinarias, com pratica em Paris.
— Consultas das 9 às 11 e das
14 às 16 horas. Rua Barão de
Itapetininga, 9. Telephone 2.296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE
PROTESTOS DE LETRAS E TI-
TULOS DE DIVIDA, NESTOR
RANGEL PESTANA, tem o seu
cartorio á rua da Boa Vista, 58.

CORRETORES:

ANTONIO QUIRINO — Corre-
tor official — Escriptorio: Tra-
vessa do Commercio, 7 — Te-
leph. 393.

GABRIEL MALHANO — Cor-
retor official — Cambio e Titu-
los — Escriptorio: Travessa do
Commercio 7. Teleph., 393.

DR. ELOY CERQUEIRA FI-
LHO — Corretor Official — Es-
criptorio: Travessa do Commer-
cio, 5 - Tel. 323—Res.: R. Albu-
querque Lins, 58. Teleph. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COM-
MERCIAL E BANCARIA LEO-
NIDAS MOREIRA—Caixa Postal
174. End. Teleg. "Leonidas, S.
Paulo". Telephone 626 (Central)
— Rua Alvares Penteado — S.
Paulo.

DESPACHANTES:

BELLI & COMP. — Santos:
Praça da Republica, 23. Teleph.
258. Caixa, 107.—Rio: Rua Can-
delaria, 69. Teleph. 3.629. Caixa,
881. — S. Paulo: Rua Boa Vista,
15. — Teleph. 381. Caixa, 135.
Telegrammas: "Belli", Genova
(Italia), Piazza Scuole Pio X —
Casella 1.459. End. tel. "Bel-
lico".

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO—Emi-
lio Rocco — Novidades em case-
mira ingleza. — Importação di-
recta. — Rua Amaral Gurgel, 20,
esquina da rua Santa Izabel. Tel.
5151 — S. Paulo.

Joailierie — Horlogerie — Bijouterie

Maison d'importation

Bento Loeb

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 (en face de la Galeria)

**Pierres précieuses — Brillants — Perles — Orfèvrerie — Argent, Bronzes
et Marbres d'Art — Services en Métal blanc inaltérable**

Maison à Paris . 30, Rue Drouot, 30



REVISTA DE COMMERÇIO E INDUSTRIA

A maior, a mais completa, a mais util, a mais lida e a mais interessante revista commercial, economica financeira do Brasil. Collaborada pelos mais eminentes economistas, jurisconsultos e contabilistas brasileiros. Unica publicação nacional que traz os seus leitores ao corrente dos progressos, das necessidades e da situação do commercio, da industria e das finanças do paiz. Já está no seu 3.º anno de publicidade. Responde gratuitamente a quaesquer consultas dos seus assignantes.

Assignatura Annual 10\$000

Envia-se um numero GRATIS a quem o pedir aos

EDITORES: OLEGARIO RIBEIRO & Co.

CAIXA POSTAL, 1172 - SÃO PAULO

Redac.: R. Direita, 27 - Offic.: R. Dr. Abranches, 43

ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIÔ DE JANEIRO
116, Rua da Alfandega

S. PAULO
47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

As Machinas LIDGERWOOD

**Para CAFÉ MANDIOCA
ARROZ MILHO
ASSUCAR FUBÁ, etc.**

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo
experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

**GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de
agua, Turbinas e accessorios para a lavoura**

CORREIAS-OLEOS-TELHAS DE ZINCO-FERRO EM BARRA

**GRANDE STOCK de canos de
ferro galvanizado e pertences**

CLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

**Importação directa de quaes-
quer machinas, canos de fer-
ro batido galvanizado para
encanamentos de agua, etc.**

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se a

**Rua de São Bento N. 29-C
SÃO PAULO**